

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

PAULO COUTO TEIXEIRA

**A BUSCA DE SENTIDO E OS BUSCADORES DE DEUS NO EVANGELHO DE
LUCAS: UM DESAFIO AOS CRISTÃOS DE CLASSE MÉDIA**

São Leopoldo

2010

PAULO COUTO TEIXEIRA

A BUSCA DE SENTIDO E OS BUSCADORES DE DEUS NO EVANGELHO DE
LUCAS: UM DESAFIO AOS CRISTÃOS DE CLASSE MÉDIA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

Segundo Avaliador: Carlos Arthur Dreher

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T266b Teixeira, Paulo Couto

A busca de sentido e os buscadores de Deus no evangelho de Lucas: um desafio aos cristãos de classe média / Paulo Couto Teixeira ; orientador Flávio Schmitt ; co-orientador Carlos Arthur Dreher . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010. 87 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Bíblia. N.T. Lucas – Crítica, interpretação, etc.. 2. Conversão – Ensino bíblico. 3. Busca de Deus. I. Schmitt, Flávio. II. Dreher, Carlos Arthur. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

PAULO COUTO TEIXEIRA

A BUSCA DE SENTIDO E OS BUSCADORES DE DEUS NO EVANGELHO DE
LUCAS: UM DESAFIO AOS CRISTÃOS DE CLASSE MÉDIA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Flávio Schmitt - Doutor em Ciências da Religião - Escola Superior de Teologia

Carlos Arthur Dreher - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

*Em agradecimento à minha querida esposa, Márcia, e
nossos queridos filhos, Mateus e Tiago, bem como ao
monge Marcelo Barros, irmão de caminhada na busca
de Deus. À memória de meu pai, Mozart Geraldo
Teixeira, médico e humanista, que junto com minha mãe,
Célia, me iniciaram no caminho.*

RESUMO

Este é um estudo sobre a busca de Deus e a procura de sentido para a existência, com ênfase nos buscadores que se dirigiram a Jesus, estimulados por um imperativo de seu âmag, tal como é narrado no Evangelho de Lucas. O objetivo é identificar motivações, resultados e exigências para a conversão pessoal, o seguimento e o discipulado de Jesus, que possam orientar as pastorais de grupos ligados às classes médias tradicionais. O primeiro capítulo trata da inquietude da alma e a procura humana - as motivações da procura, das necessidades básicas à busca de sentido, considerando correntes filosóficas e a autotranscendência. O segundo capítulo dedica-se à busca de Deus, o encontro como dádiva, e a perspectiva de Deus como “Incondicionado” (Tillich); apresenta Deus como buscador do ser humano (Heschel), e termina analisando a busca de Deus em outras vertentes espirituais. O terceiro capítulo estuda Jesus de Nazaré como buscador de Deus, partindo do contexto palestino e das opções tomadas por Jesus em seu ministério. No quarto capítulo – os buscadores e Jesus – são mostrados os critérios para escolha do Evangelho (Lucas) e seleção das perícopes: a pecadora de Betânia (Lc 7.36-49); o homem rico (Lc 18.18-29); Zaqueu (Lc 19.1-10), e Arimateia (Lc 24.50-55). Complementou-se a análise estudando os magos (Mt 2.1-12) e o endemoninhado de Gerasa (Lc 8.26-39). O quinto capítulo articula autotranscendência e seguimento de Jesus. Entre as conclusões, destaca-se que a conversão e a *metanoia* vêm acompanhadas da repartição das riquezas e o despojamento em favor dos pobres. Notou-se também que a busca de Deus está sempre relacionada à busca de sentido. O ponto de articulação é a misericórdia para com os pobres e a descoberta de Deus como “Incondicionado”. Conclui-se ainda que o seguimento, o discipulado, a conversão e a autotranscendência estão relacionados, e que o seguimento e o discipulado se manifestam através de níveis e de momentos sucessivos. Outra conclusão é que Jesus também viveu sua autotranscendência como buscador de Deus; e o diálogo entre as religiões e o ecumenismo pode ser facilitado pela especial relevância da misericórdia para com os pobres como imperativo da *metanoia*.

Palavras-chave: Busca de Deus. Busca de sentido. Buscadores de Deus. Autotranscendência. Evangelho de Lucas.

ABSTRACT

This is a study about the search for God and finding meaning in existence, with emphasis on seekers who went to Jesus, stimulated by an imperative of its core, as narrated in the Gospel of Luke. The goal is to identify motivations, results and demands for personal conversion, tracking and following of Jesus, that can guide the pastoral groups linked to the traditional middle classes. The first chapter treats with the restlessness of the human soul - the reasons for the demand of basic needs to the search for meaning, considering philosophical thoughts and self-transcendence. The second chapter is devoted to the Search for God: the encounter as a gift, and the perspective of God as "the Unconditioned" (Tillich), presents God as a seeker by human being (Heschel) and ends by analyzing the search for God in other spiritual dimensions. The third chapter considers Jesus of Nazareth as a seeker of God, starting from the Palestinian context and the choices made by Jesus in his ministry. In the fourth chapter - seekers and Jesus - are shown the criteria for choosing the Gospel (Luke) and selection of pericopes: the Bethany sinner (Luke 7, 36-49), the rich man (Lk. 18.18-29); Zacchaeus (Luke 19.1-10), and Joseph of Arimathea (Luke 24.50-55). the analysis was finished with one study the Magi (Matthew 2.1-12) and owned from Gerasa (Luke 8.26-39). The fifth chapter articulates self-transcendence and follow Jesus. Among the findings highlight that the conversion and *metanoia* comes accompanied by the distribution of wealth and stripping in favor of the poor. It was also noted that the search for God is always related to the search for meaning. The pivot point is the mercy for the poor and the discovery of God as "Unconditioned." It also concludes that the follow-up, discipleship, conversion and self-transcendence are related, and that follow-up and discipleship are manifested through successive levels and times. Another conclusion is that Jesus also lived his self-transcendence, as a seeker of God, and interfaith dialogue and ecumenism can be facilitated by the special relevance of mercy to the poor as the imperative of *metanoia*.

Keywords: Search for God. Search for meaning. Seekers of God. Self-transcendence. Gospel of Luke.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A INQUIETUDE DA ALMA E A PROCURA HUMANA	13
1.1 O universo: um peregrino	13
1.2 Ser humano: “paradoxo antropológico”	13
1.3 Da satisfação de necessidades básicas à vida plena.....	15
1.3.1 <i>As necessidades básicas como ponto de partida</i>	15
1.3.2 <i>A dinâmica das aspirações individuais e coletivas</i>	17
1.3.3 <i>A busca de sentido para existir</i>	17
1.3.4 <i>Autotranscendência</i>	21
1.3.4.1 <i>Alguns enfoques</i>	22
1.3.4.2 <i>Dimensões da autotranscendência</i>	22
2 A BUSCA DE DEUS	26
2.1 O encontro é uma dádiva	26
2.2 O Incondicionado: Deus não precisa de embaixada	26
2.3 A busca de Deus como encontro consigo e o próximo.....	28
2.4 Deus: buscador do ser humano	29
2.5 A busca de Deus em outras tradições espirituais.....	30
2.5.1 <i>A linguagem dos pássaros</i>	30
2.5.2 <i>As dez imagens do apascentar do boi</i>	32
2.5.3 <i>Uma só canção, muitos instrumentos musicais</i>	34
3 JESUS DE NAZARÉ: BUSCADOR DE DEUS.....	37
3.1 Aspectos da tradição do Deus libertador na história do povo de Israel.....	37
3.2 A Galileia no alvorecer do século I d.C: transformações estruturais e seu impacto na vida camponesa.....	38
3.2.1 <i>O berço de Jesus: características gerais</i>	38
3.2.2 <i>A chegada dos romanos</i>	39
3.2.3 <i>Herodes e Antipas: vassalos do poder romano</i>	41
3.2.4 <i>Mudanças estruturais e exploração dos camponeses</i>	42
3.2.5 <i>“Mesmo o melhor dos goim, mata-o!”</i>	43
3.3 Jesus em busca de Deus, fiel ao projeto do Pai	44
3.3.1 <i>A formação, em Nazaré</i>	44

3.3.2 <i>Discipulado com João Batista: primeiro marco da procura de Jesus</i>	45
3.3.3 <i>Segunda etapa da procura de Jesus: a Lei ou a Graça?</i>	47
3.3.4 <i>Terceira etapa da busca de Jesus: ministério na Galileia</i>	48
3.3.5 <i>Quarta etapa: subindo para a Cidade Santa</i>	49
3.3.6 <i>Quinta e última etapa da procura de Jesus: paixão e morte do profeta</i>	50
4 AS PESSOAS QUE BUSCAM ATRAVÉS DE JESUS.....	52
4.1 Escolha das perícopes	52
4.1.1 <i>O Evangelho de Lucas</i>	53
4.1.2 <i>Perícopes escolhidas</i>	55
4.1.2.1 <i>A pecadora que ungiu a Jesus</i>	55
4.1.2.2 <i>O homem de posição que queria ser perfeito (Lc 18.18-30)</i>	59
4.1.2.3 <i>Zaqueu, o cobrador de impostos (Lc 19.1-10)</i>	63
4.1.2.4 <i>Arimateia e o sepultamento de Jesus</i>	67
4.1.2.5 <i>Outras situações em Lucas</i>	70
4.1.2.6 <i>Buscadores de Deus no Evangelho de Mateus: os magos</i>	71
5 AUTOTRASCENDÊNCIA E SEGUIMENTO DE JESUS.....	74
CONCLUSÃO.....	78
Busca de Deus, a autotranscendência humana e busca de sentido para o ser.....	78
Jesus, mestre e aprendiz, buscador de Deus e nosso paradigma.....	79
Algumas das inquietações centrais que levaram os buscadores a Jesus.....	79
O que é a conversão e como relacioná-la com a busca de Deus, o seguimento e o discipulado.....	80
A herança dos buscadores de ontem aos buscadores de hoje	80
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

Eu lia a Bíblia o ano inteiro. [...] Orava interessado em direção, e também em coisas materiais. Também voltado para coisas celestiais, sabedoria, paciência e entendimento. Minha fé me deu perspectivas; ela me ensinou a ter humildade. Agora espero pelo dia em que nossa sociedade respeitará a vida, do recém nascido ao idoso.¹

Imaginemos como seria Jesus entrando, desapercivelmente, em uma típica paróquia cristã de uma metrópole brasileira, no meio de praça de bairro de classe média como Copacabana, em uma celebração dominical. Pessoas sinceras, piedosas e bem vestidas, estacionando seus carros; passando por uma fila de mendigos, mesas de camelôs e guardadores de automóvel. Ali pertinho, a subida de uma imensa favela. Junto, uma banca de jornal com notícias sobre o mais recente assalto; as filas nos hospitais públicos, e a angústia de pessoas em busca de emprego estável. O quadro social é o que está pintado. A situação eclesial é de fechamento, reforço de identidade confessional, pentecostalismos de vários matizes em expansão. Dentro e fora do templo, pessoas em busca de realização. Uns só conseguem pensar em como arranjar comida, ou pagar o aluguel. Outros querem consumir, de preferência nos *shoppings* da moda.

A sociedade vê-se em uma encruzilhada entre o novo que quer emergir e o velho que resiste, assustado e indeciso pela ascensão de grandes massas da pobreza à baixa classe média.

O que Jesus teria a dizer para aquelas pessoas no templo, hoje, em resposta às preces e louvores que lhes são oferecidas?

Em rápidas pinceladas, este é o objetivo desta pesquisa: revolver as raízes, indo até os buscadores de Jesus, nos evangelhos, de forma que, conhecendo suas motivações e a reação de Jesus, possamos endereçar uma palavra adequada a essas pessoas que frequentam as igrejas ou que delas se desinteressaram, neste país de matriz ainda cristã, que é o Brasil.

Queremos estudar a busca de Deus, como ela se manifesta na Bíblia e na vida das pessoas, marcadas hoje por grande inquietude d'alma, a partir do esclarecimento dos processos de busca humana por sentido, da relação dessa procura com a transcendência. Daí, delinear uma espiritualidade e uma ética do seguimento e do discipulado que convenha a pessoas que já supe-

¹ BUSH, George W. Todas as pessoas querem fidelidade. *Revista A Voz. Adhonet*, Rio de Janeiro, n. 91, [s.d.], p. 2-6. Esse comentário do Bush mostra como a mesma palavra, no mesmo livro, pode suscitar práticas tão diferentes... Na realidade, a busca opõe-se ao dogmatismo, porque quem busca tem consciência de que nada possui totalmente. Quem se julga possuidor da verdade não busca. Precisamos ir às raízes do pensamento de Jesus para discernir, com espírito crítico, o sentido de suas palavras e vivenciá-las hoje.

raram o patamar das necessidades elementares de vida, a partir do diálogo de Jesus com os buscadores de Deus nos evangelhos. Enfim, levantar pistas que facilitem semear “amigos de Deus”, como dizia Simone Weil, ou a “clorofila que se alimenta da Luz”, em sua compaixão pela massa humana dos desventurados; os quais possam ser cúmplices nessa mudança do velho para o novo possível, na transformação das estruturas sociais em direção à Justiça e à Paz. “No amor verdadeiro não somos nós que amamos os desventurados em Deus, mas é Deus que em nós ama aos desventurados”.²

O trabalho foi delineado em duas etapas: uma ligada à busca humana, suas motivações e a autotranscendência, e sua relação com a busca de Deus. A outra, presa à busca de Deus na Bíblia. Aí circunscrevemos a pesquisa ao Evangelho de Lucas, que se mostrou mais próximo às motivações deste trabalho, destacando nele narrativas sobre buscadores ou buscadoras que se dirigiram a Jesus motivados por um profundo apelo de seu âmago, sem ter relação com carências materiais, enfermidades ou deficiências físicas, nem possessão demoníaca. Este critério deixou fora da pesquisa alguns buscadores que mereceriam ser incluídos, mas que foram referidos em outros evangelhos, como o caso de Nicodemos e a Samaritana. Em outras situações, como os magos, decidimos incorporar, por sua proximidade com o espírito do texto lucano, como se verá.

A formulação da situação-problema fez emergir algumas perguntas que gostaríamos de responder, tais como:

- Por que o ser humano está sempre à procura, porque sua alma é tão inquieta?
- O que significa “buscar a Deus”, e qual a relação com a inquietude do ser humano?
- Quais algumas das inquietações centrais que levaram esses buscadores a Jesus? Há relação entre elas? Quais os desafios que Jesus lhe apresentou?
- Pelo que narram os evangelhos, como aqueles buscadores teriam reagido aos desafios de Jesus?
- Quais algumas das inquietações e tensões fundamentais que a herança desses buscadores de Deus deixa para os cristãos de classe média, hoje?
- O que é “conversão”, e qual a relação entre busca de Deus, conversão, seguimento e discipulado?

Como hipóteses de trabalho, entendemos que Jesus amorosamente recebia, ouvia, transformava, encantava e engajava os “buscadores” que lhe procuravam, sem nenhuma discriminação. Profeta radical andarilho, captava, em seus corações, o potencial de doação que cada um era possuidor, e os incorporava ao seu movimento de acordo com os talentos e possibilida-

² WEIL *apud* TEIXEIRA, Faustino. Simone Weil: uma paixão sem fronteiras. *Convergência*, v. 43, n. 411, maio 2008. p. 6.

des de cada pessoa. Parte-se da hipótese de que os desafios de Jesus aos que o buscavam questionavam profundamente a prática religiosa, os preconceitos sociais, a ambição e o egoísmo dos indivíduos, levando-os a uma conversão radical à fraternidade, ao serviço dos pobres e ao discipulado. As pessoas passavam a ver o mundo a partir do ponto de vista de Jesus. Converter-se a Jesus é abrir-se à graça, é oferecer o corpo à ação misericordiosa de Deus para com os seus filhos e filhas, delicadamente, especialmente os pobres.

Outro ponto de partida é que, em face das narrativas evangélicas sobre os buscadores de Jesus, a militância dos profissionais de classe média se justifica por ela mesma, enquanto grupo social distinto, mas com enorme potencial de serviço e de misericordiosa solidariedade. Requer, entretanto, profunda conversão de costumes, do pensar e do agir, que lhes abra e lhes transforme os corações de pedra em corações de carne. Somente a graça e o formidável potencial de sedução da Boa Nova são capazes de desviar olhos das pessoas de classe média, atentos às mãos dos poderosos deste mundo, e voltá-los com compaixão e cumplicidade para a luta dos deserdados do mundo. O exemplo dos “buscadores” de Jesus confirma e fortalece a esperança dos pobres e de todas as pessoas de boa vontade que sonham com um mundo melhor, mais justo, mais fraterno e reconciliado.

Por fim, considera-se que os desafios e tensões de hoje são semelhantes aos desafios e tensões de ontem. Mudou o tempo, mudaram-se alguns aspectos estruturais importantes, a cultura, o conhecimento e a tecnologia, mas as virtudes, os preconceitos e os pecados da alma humana permanecem os mesmos: a exploração do ser humano pelo seu semelhante, os vícios do poder e do dinheiro, as ilusões dos remediados, o sofrimento dos pobres, a misericórdia e a impiedade que habitam os corações, a manipulação do saber, da fé das pessoas, para favorecer interesses de grupos poderosos. Por isto, é necessário reportar sempre à Palavra de Deus na Bíblia, para que não percamos o fio da meada, e para que ela seja lâmpada para nossos pés, no caminho.

O trabalho abre com uma investigação sobre a procura humana, das necessidades básicas e da busca de sentido para o ser, até a busca de transcendência.

Na segunda parte, aprofunda-se a busca de Deus; a nossa busca por Deus como resposta à busca de Deus pelo ser humano. Uma breve passagem pela busca de Deus pelas tradições espirituais mostra que ali a busca de Deus é ligada a um processo de esvaziamento de si mesmo, que permite a união com Deus, fazendo emergir nossa natureza divinizada. No caso de vertentes não cristãs, estendemo-nos apenas ao islamismo e no budismo zen, mediante análise de dois po-

emas dessas tradições: *A linguagem dos pássaros*, de Ud-Din Attar; e *As dez imagens do apascentar do boi*, atribuído a Kakuan Shien.

Sequencialmente, o terceiro capítulo é dedicado à abordagem de Jesus de Nazaré como buscador de Deus, procurando identificar tentativamente etapas dessa procura, depois de estabelecer parâmetros contextuais e históricos que formam os cenários no qual se desenvolveu o ministério de Jesus. Em seguida, no quarto capítulo, abordou-se o Evangelho de Lucas, do qual destacamos cinco perícopes para estudo, segundo os critérios citados: a mulher pecadora que ungiu a Jesus (Lc 7.36-49); a vocação fracassada do rico: o homem de posição que queria ser perfeito (Lc 18.18-30); Zaqueu, o cobrador de impostos (Lc 19.1-10); e, Arimateia, o político que enterrou Jesus (Lc 24.50-55). Incluímos ainda o episódio dos magos, em Mt 2.1-12, como explicado.

O trabalho encerra com uma reflexão sobre autotranscendência e seguimento de Jesus, e, logo em seguida, as conclusões.

Para a elaboração, utilizou-se somente a pesquisa bibliográfica. Os textos foram escolhidos e fichados, e posteriormente consolidados em cópiões segundo os temas e, em cima disto, foi elaborada a redação final.

Enfim, fica registrado nosso agradecimento a todas as pessoas que colaboraram para a realização desta pesquisa, a começar pelo Orientador, os amigos e amigas colegas do curso de Mestrado Profissional e Bíblia, e os professores e professoras, os funcionários administrativos da EST, em particular da biblioteca e da reprografia, que estiveram cotidianamente nos auxiliando com humildade e competência, nos meses que passamos pesquisando naquele estabelecimento.

1 A INQUIETUDE DA ALMA E A PROCURA HUMANA

1.1 O universo: um peregrino

Há muitos bilhões de anos, nossos pais ancestrais – a matéria que nos forma – faziam parte de uma nuvem imensa de gás molecular que começou a se condensar em virtude de sua própria gravidade, até formar estrelas massivas. A radiação de uma delas liberou frentes de choque que, comprimindo massas de gases mais próximas, gerou nossa estrela mãe e inúmeros outros astros brilhantes em sua proximidade. Passados são, aproximadamente, uns 4,6 bilhões de anos... A velha nuvem de gás teria gerado, assim, um aglomerado de 1500 a 3500 estrelas parentes, com seus sistemas peculiares, entre elas o nosso sol. Tudo acumulado – inclusive as matérias que hoje formam nossos seres – em um diâmetro de apenas 10 anos luz. Se naquela ocasião a terra como tal existisse, e na superfície dela estivéssemos a contemplar, teríamos observado um céu noturno tão brilhante que se poderia ler no *luar* desses corpos.

Eis que, perto do sol, explode uma estrela gigante de 15 a 25 massas solares, impulsionando a formação de nossos planetas, como tijolos em construção. Mais adiante no tempo, astros parentes mais idosos morrem por ali, reduzindo a gravidade de nosso conglomerado. O sol e outros membros da família de astros vão então se dispersando lentamente, e para bem longe se distanciando, à procura de seu destino, misturando-se a milhões de outras estrelas não incluídas naquele conglomerado inicial.³

Tudo foi, é e será movimento, no universo. E nós seres humanos somos produtos desse movimento, em evolução, potencializados por uma inquietude existencial – atributo da alma – e pela responsabilidade de não sermos programados: somos livres, donos de nós mesmos. Diferente dos outros seres, *temos* o nosso corpo e não o contrário; não é o corpo que nos faz, nós o determinamos, inclusive podemos matá-lo, na situação extrema de um suicídio.⁴

1.2 Ser humano: “paradoxo antropológico”

O ser humano é, pois, uma usina de decisões, de querereres, aspirações e desejos. Um ser de inquietude e de buscas criadeiras. Simon Portegies, que vem pesquisando a dispersão do

³ ZWART, Simon F. Portegies. Os primos perdidos do sol. *American Scientific Brasil*, São Paulo, ano 8, n. 91, p. 26-33, dez. 2009.

⁴ ALVES, Rubem. *O que é religião?* 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 18.

conglomerado solar, ele próprio é também professor de astrofísica computacional, decifrador de hieróglifos egípcios e fabricante de cerveja artesanal...

Mesmo na alma dos que buscam caminhos mais radicais e perigosos, há sempre uma motivação metafísica e aquela inquietude espiritual que caracteriza os seres humanos, inspirando suas mentes aventureiras. Thomaz Brandolin, que sozinho fez expedições ao Everest e ao Polo Norte, considera que “alimentar a alma é o verdadeiro prazer” que lhe dão suas aventuras; não a fama e a vaidade de ser aplaudido, pois não se exhibe para o grande público; mas as “paisagens maravilhosas” lhe estimulam o espírito de superação. Ingrid Backstrom já teve acidentes em sua prática de esqui extremo, deslizando de penhascos nevados de grande atitude, mas mesmo assim não pensa em parar, “pois quando você tem uma paixão, se acabar com ela, estará acabando com parte de você também”. Dean Potter, escalador-solo, que se move por vias difíceis sem uso de equipamentos de segurança; e se equilibra em corda esticada entre as bordas de desfiladeiros com centenas de metros de altura, medita e faz artes marciais. Sonha em até a velhice encontrar um mestre que lhe auxilie a desenvolver a espiritualidade. Marcos Silvério quer mesmo é sentir-se vivo e fazer parte do mundo, enquanto explora túneis em apertadas cavernas. A nadadora Ana Mesquita, que em 1993 cruzou o Canal da Mancha, traduz esses mesmos sentimentos: “É uma busca interior, busca de desafios que tem sentido em si própria”.⁵

Certamente, podemos admitir que “o ser humano sempre tenta transcender os seus limites porque busca algo que é mais do que humano”; ele na realidade busca porque se abre para algo que é absoluto, além do finito.⁶ Já Aristóteles ressaltava a dimensão do encantamento, da admiração. Ela moveu o ser humano a fazer as primeiras indagações filosóficas, a partir inicialmente das coisas que estavam ao seu alcance, pois todos os seres humanos têm naturalmente o desejo de saber; e as percepções de nossos sentidos são para nós verdadeiras fontes de prazer.⁷ Buscar algo além da matéria e ir além das coisas que estão ao nosso alcance foram intuições que também pontuaram o pensamento de Tomás de Aquino, quando inicia a Suma Teológica e aponta para a necessidade da teologia, em face das disciplinas filosóficas. Em sua dialética, propõe que o ser humano não deveria se esforçar para buscar objetos que ultrapassem a razão, já que dispõe da filosofia. A esta provocação, ele responde que o ser humano foi ordenado por Deus para uma finalidade que ultrapassa seu raciocínio; e recebeu, por revelação divina, verdades superiores à razão, necessárias à sua salvação. A utilidade da teologia infere, assim, a urgência de

⁵ GO OUTSIDE. São Paulo: Três, n. 50, p. 54-67, jul. 2009.

⁶ BLANK, Renold. *Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas*. São Paulo: Paulus, 2008.

⁷ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro primeiro. 18. ed. Madrid: Espasa, 2000. p. 35 e 40.

alimentar a procura humana com valores transcendentais, sem os quais o espírito humano nunca irá buscar e satisfazer-se.⁸

O ser humano é assim um *paradoxo antropológico*. Um fenômeno pulsante e jamais acabado, sempre em andamento, sempre à procura de algo. Uma cachoeira de decisões. É Eros e Tânatos, joio e trigo, fogo e gelo, espírito e matéria. Fadado a ultrapassar-se, ele busca, sem trégua, encontrar a verdade, pois tem sede dela para clarear sua vida: “Enquanto existir verdade encoberta, o homem vive inquieto”.⁹

1.3 Da satisfação de necessidades básicas à vida plena

A partir desse impulso estrutural, a procura do ser humano liga-se a motivações e desejos. Evidentemente, busca-se por necessidade; mas essa necessidade prende-se a objetos de desejo e carências as mais diversas; desde os instintos básicos de sobrevivência, até os anseios existenciais e espirituais mais profundos. Aí se inserem a busca de Deus, e também a procura de um mendigo por comida, nos lixões das periferias; tanto o anseio por transcendência, quanto a busca do sexo desenfreado e o suicídio. Poderíamos compará-la àqueles joguinhos de labirinto: todas as bolinhas são lançadas no plano inclinado desta vida; algumas, depois de rolar e bater, alcançam o desejado centro; outras derivam no decorrer do caminho, desviando por armadilhas e aberturas programadas – e os prêmios correspondem aos acertos obtidos: uns mais, outros menos; e para alguns, nada.

Antes de aprofundar a procura de Deus pelos buscadores que se dirigiram a Jesus, vamos examinar a rica diversidade da busca de Deus no contexto dessa fantástica aventura humana.

1.3.1 As necessidades básicas como ponto de partida

A psicologia nos fornece os primeiros elementos, partindo de Maslow e Carl Rogers. A teoria da administração, em seu contorno comportamental, cuida da motivação dos indivíduos, que é definida como “uma tensão persistente que leva o indivíduo a alguma forma de comportamento, visando à satisfação de uma ou mais necessidades”.¹⁰ As necessidades humanas podem ser satisfeitas, frustradas ou compensadas, e toda necessidade é motivadora de comportamento. As que são satisfeitas ou compensadas, induzem à satisfação e à produtividade; as frus-

⁸ AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Primeira Parte. Questão 1. Art. 1.

⁹ ARDUINI, Juvenal. *Antropologia*: ousar para inventar a humanidade. São Paulo: Paulus, 2002. p. 9 e 52.

¹⁰ CHIAVENATO, Adalberto. *Teoria geral da administração*. 7. ed. São Paulo: Elsevier, 2003. p. 117.

trações provocam reações negativas – de desorganização comportamental e emocional, agressividade, alienação e apatia. A satisfação das necessidades eleva o moral. A frustração, rebaixa-o e deprime.

Estágios de motivação correspondem a degraus de necessidade: fisiológicas, psicológicas e de autorrealização. Este último é o mais elevado, “corolário de todas as necessidades humanas”, “e são raramente satisfeitas”. No decorrer da vida, a procura humana “evolui” por etapas, sendo que a autorrealização – do pleno potencial individual – dificilmente é alcançada.¹¹

Cuidando da variação das necessidades interiores do indivíduo, no decorrer do tempo, Maslow propôs uma hierarquia, dispondo as necessidades como níveis de uma pirâmide. Na base, as fisiológicas; no vértice, a autorrealização. A pessoa inicia a busca pelos níveis mais baixos da pirâmide e só passa ao nível superior quando aquelas outras são atendidas. Quando dois níveis de necessidade não são satisfeitas, o nível mais baixo irá prevalecer.

Por sua vez, Carl Rogers preocupou-se com a personalização, cujo ápice é a vida plena, ou “o processo do movimento numa direção que o organismo humano seleciona quando é interiormente livre para se mover em qualquer direção, e as características gerais dessa direção escolhida revelam uma certa universalidade”.¹² Como Kierkegaard, o objetivo da vida é ser o que realmente é. Fazer o que se quer, buscando a verdadeira face de si mesmo, percebendo-se e ouvindo-se, sem se preocupar com o julgamento dos outros, nem com os estereótipos que “deveria” obedecer. O centro da personalidade humana é bom, a base de sua natureza animal é positiva, “fundamentalmente socializante, racional, realista e dirigida para diante”.¹³ A liberdade, o crescimento e a transformação da pessoa despontam quando ela se ouve e se aceita, seguindo o sentido natural do organismo humano, com toda a riqueza que isto implica. A direção original do nosso crescimento é a mesma da planta – buscando o sol. Rogers e Maslow apontam que a procura humana tende a aproximar-se da autorrealização quando maior é a busca de autenticidade, no sentido da emergência do “eu verdadeiro”; e melhor o nível de satisfação das necessidades básicas.¹⁴

⁰⁹ CHIAVENATO, 2003, p. 118.

¹² ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 167.

¹³ ROGERS, 1977, p. 92.

¹⁴ Importante distinguir a autorrealização da transcendência. Alguém pode autorrealizar-se através da transcendência, mesmo que suas necessidades básicas não sejam satisfeitas. É o caso da mística.

1.3.2 A dinâmica das aspirações individuais e coletivas

Impõe-se mencionar as necessidades coletivas, especialmente na América Latina. É fácil constatar que o crescimento econômico penetrou de maneira desigual entre pessoas e regiões. Próximas a zonas e camadas sociais que apresentam níveis elevados de bem-estar, sobrevivem áreas estruturalmente deprimidas e/ou populações empobrecidas, vivendo ao nível de subsistência ou menos que isto. Os avanços obtidos nas áreas de educação e saúde; a ampliação das comunicações, especialmente a televisão; e a rápida urbanização, fizeram com que essa “humanidade submergida” entrasse em contato com possibilidades muito melhores de bem-estar, passando a pressionar por mais oportunidades e formas avançadas de consumo, tais como cobijava na mídia e nas vitrines. Esta busca coletiva é favorecida pelo aumento do poder competitivo dos grupos que a integram, promovendo aqueles indivíduos que, isoladamente, nada poderiam alcançar. A este processo deu-se o nome de “dinâmica das aspirações individuais e coletivas”, marcada pelo efeito-demonstração. Esse movimento tem estado na raiz de grandes conquistas populares na América Latina, e aos poucos vai deslocando o atraso e a submissão cultural e econômica a que nossos povos têm sido afetados secularmente, criando uma nova identidade continental a partir das camadas populares.¹⁵

1.3.3 A busca de sentido para existir

A um nível mais acima das necessidades elementares, podemos admitir que a inquietude da alma e a decorrente busca do ser humano provêm, em boa medida, da procura de um sentido para o ser e da capacidade de autossuperação dos homens e mulheres. No limite, estas duas coisas se integram.

Mas a grande questão que tem estado por trás dessa inquietação é a finitude do ser humano: ele está fadado a morrer. Esta perspectiva inarredável é vista por alguns como um impasse escandaloso e absurdo em face do sentido da existência, enquanto outros admitem a transcendência: a morte não mataria a vida, e o ser humano encontraria sentido em Deus. Modernamente, muitos filósofos, psicólogos e antropólogos aprofundaram essa difícil questão da busca de sentido para o ser. Para não sermos exaustivos em uma questão que foge ao interesse imedia-

¹⁵ MARQUES, Nei. *Análise da estrutura econômica*. Brasília: CEPES, 1968. p. 54.

to do presente estudo, citaremos algumas generalidades que possam, resumidamente, informar e situar esta questão.¹⁶

Martin Heidegger (1889-1976) pontua que é no mundo que realizamos o nosso ser. Somos “jogados no mundo”, em buscas e descobertas, durante o processo de realização de nosso “ser”; sempre tentando evitar o “não ser” (a morte). Neste sentido, nós construímos projetos, lançando-nos na direção de nossas potencialidades. A *angústia existencial* em face da ameaça do nada acompanha-nos nesta peregrinação, mas ao mesmo tempo possibilita-nos descobrir algum sentido.

Em Franz Kafka (1883-1924), a busca humana caracteriza-se por uma desesperada tentativa de escapar de um labirinto repleto de armadilhas, aparentemente absurdas e ininteligíveis. Apesar de todas as ameaças, fulge a esperança, que anima e alimenta a sua procura.

Para Albert Camus (existencialista, 1913-1960), apesar do paradoxo da morte, o ser humano busca caminhos para a felicidade, embora possivelmente nunca a alcance na vida. Por isto, ele rebela-se teimosamente contra o destino fatal, assumindo-o mesmo tendo consciência de que não pode mudá-lo. Essa revolta e teimosia trazem-lhe sentido e certa felicidade. Em *O mito de Sísifo*, ele encontra sentido rolando eternamente, montanha acima, de maneira teimosa e insubmissa, uma enorme pedra que, ao chegar no cume, sempre despenca encosta abaixo. A vida e o mundo adquirem significado mediante um humanismo circunstancial, agindo-se generosamente em prol dos seres humanos.

Para Jean-Paul Sartre (também existencialista, 1905-1980), Deus não existe, mas nunca pode ser eliminado totalmente da consciência humana. O ser humano deve então – em plena liberdade! – criar sozinho o sentido de sua própria existência, que por sinal não existe, porque ele vai morrer. Sartre introduz a questão e exercita a militância pelas grandes causas sociais e libertárias da humanidade, com destacada atuação em sua rica vida de intelectual.

No mesmo sentido, Max Scheller (a característica do ser humano é ter um espírito, e assim ele pode agir contra seus instintos), Arnold Gehlen (não sendo determinado pelo mundo, o ser humano coloca-se aberto ao mundo, podendo subjugar-lo) e diversos outros estudiosos pensaram a questão da busca de sentido em distintas perspectivas, iluminando o entendimento sobre a dinâmica e as motivações da busca que mitiga essa inquietude da alma. Interessante notar que a generosidade e o cuidado para com o próximo têm sido, para eles, uma saída e um

¹⁶ Para descrever, muito brevemente, as posições filosóficas a respeito da busca de sentido para o ser, utilizamos como fonte de dados, as informações contidas em: BLANK, 2008, p. 10-79.

consolo para o drama da morte. Esse elo irá ser, mais adiante, o elemento comum que irá unir a procura dos humanistas, quer sejam religiosos, ateus ou agnósticos: eles se encontram na generosidade e no cuidado, como se verá.

Lembrando o humanismo já presente em Sartre, Heidegger, Camus e outros intelectuais, devemos acentuar Viktor Frankl (1905-1997), um dos profetas que nos abre as portas da militância e da transcendência.¹⁷ Médico e psicanalista judeu, nascido em Viena, ele e sua família sofreram em campos de concentração nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, em que perdeu sua esposa e muitos parentes próximos. Naquelas circunstâncias, em vez de sucumbir ao destino ou rebelar-se em uma situação sem alternativas, optou pela vida e encontrou sentido no infortúnio, servindo a seus companheiros de prisão em Thesienstadt. Descobriu por estes caminhos sinuosos a importância da dimensão espiritual do ser humano, capaz de dar sentido à vida mesmo nas situações mais sórdidas, dando-lhes uma resposta adequada. Nessa experiência de cativo, descobriu, no meio da brutalidade, que o fim último da existência humana tem um alvo *fora* do próprio indivíduo, que lhe dá sentido para viver (*A busca do Homem por sentido*, 1946). Daí, em qualquer circunstância, mesmo nas mais perversas e desafortunadas, encontra razão de ser mediante a compaixão e o serviço ao próximo.¹⁸ Há um sentido oculto nas coisas e oportunidades. O erro pode ser transformado em êxito, o estado de frustração faz parte de nossa natureza; e, aprendendo a conviver com ele e com a dor, tem-se o motor da busca por felicidade. Fazer boas obras, servir a uma grande causa, buscar sentido nas coisas, tudo repleta a inquietude da alma.

Inicialmente, as respostas de fé ao absurdo de uma vida fadada à morte estiveram ausentes no pensamento contemporâneo, devido em grande parte às *pretensões absolutistas* com as quais essas respostas foram apresentadas historicamente, e o testemunho contrário dos indivíduos e instituições que as propagavam.¹⁹ Um humanismo de motivação mais religiosa foi, contudo, marcando seu espaço, especialmente a partir da experiência da guerra (Dietrich Bonhoeffer, Viktor Frankl) e do esforço de *aggiornamento* empreendido por João XXIII e as vertentes mais abertas do catolicismo romano, resgatadas pelo Concílio Vaticano II. Aí despontam

¹⁷ BLANK, 2008, p. 45

¹⁸ “O que Frankl descobriu em Thesienstadt foi que além do desejo de prazer e da vontade de poder existe no homem uma força motivadora ainda mais intensa, a ‘vontade de sentido’: a alma humana pode suportar tudo, exceto a falta de um significado para a vida. Ao contrário, dizia Frankl, ‘se você tem um *porquê*, então pode suportar todos os *comos*’. A privação de sentido origina um tipo de neurose que Freud e Adler não haviam identificado, e que é a forma de sofrimento psíquico mais disseminada no mundo de hoje: a neurose *noogênica*, isto é, de causa espiritual, marcada pelo sentimento de absurdo e vacuidade”. CARVALHO, Olavo de. *Redescobrimo o sentido da vida*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos/1a_leitura_2005_hm>. Acesso em: 14 jun. 2010.

¹⁹ BLANK, 2008, p. 14.

Karl Rahner e Teilhard de Chardin. Por mais que se aprofunde um humanismo verdadeiro de corte agnóstico ou ateu; por mais verdadeiro que esse humanismo seja, é muito difícil encarar a viabilidade do ser humano sem a transcendência. Mas não é fácil para uma mentalidade formada na modernidade, em que tudo precisa ser racional e provado em laboratório, admiti-la. Mas a crise da modernidade está abrindo espaços, na busca de um sentido para o ser. Podemos perceber a transcendência por analogia ao que acontece na astronomia. Apesar de os telescópios mais sensíveis não conseguirem assinalar um corpo celeste distante, é sabido que modificações no espectro de estrelas próximas, alterações de luz e de radiação podem inferir sua existência com elevado grau de certeza. Assim, a harmonia do universo desfataliza a morte, pela possibilidade de outra maneira de vida, na transcendência. De uma forma ou outra, com certeza, há de haver algo mais agradável do que rebelar-se contra o destino fatal e assumir ter que empurrar uma pedra morro acima, eternamente, por teimosia, igual a Sísifo.

Deste modo, segundo Rahner, o ser humano está sempre em busca de algo que é mais do que humano, e assim ultrapassa os seus limites finitos. A abertura fundamental do ser humano é para algo que o transcende, Deus. Apenas nele seu coração inquieto encontra repouso. E com Ernst Bloch, Rahner pontuou que, por natureza, o ser humano não se satisfaz nem se reduz pelo finito. Está sempre voltado a possibilidades infinitas, de um porvir a realizar-se, abrindo-se às dimensões da utopia e da esperança.²⁰

Por sua vez, Teilhard de Chardin aprofundou a dimensão cósmica da procura humana. A busca do ser humano por sentido insere-se em um processo cósmico de aperfeiçoamento e evolução. A evolução do Cosmos produz estruturas cada vez mais complexas e organizadas, que mantêm correlação com o surgimento da consciência humana, e que convergirão para o “ponto ômega”, culminando a evolução. Envolvido neste processo, o ser humano colabora com a formação de uma consciência social e planetária, em direção a uma “consciência global”. Assim, a consciência da humanidade acabará por encontrar-se com o “Cristo Cósmico”, no limite da evolução.²¹

Em conformidade com a “dinâmica das aspirações individuais e coletivas”, a busca de sentido não é mais preocupação exclusiva de uma elite pensante e de classes médias consumidoras, mas uma realidade que abrange as camadas marginalizadas da sociedade, na América Latina, que se tornam – comunitariamente e individualmente – sujeitos e protagonistas do agir his-

²⁰ BLANK, 2008, p. 68.

²¹ “Cada pessoa humana é convidada a participar da dinâmica evolutiva do cosmo e a contribuir para o seu andamento. À medida que o indivíduo assume seu papel de crescer como pessoa, realiza o seu sentido”.

tórico. Encontram sentido na luta comunitária pelo emprego, acesso à terra, direitos sociais, educação e saúde. Fazem-no a partir da convicção de que são chamados a participar e a se comprometer com um projeto global, cujo autor é o Deus da Vida (“Reino de Deus”). Os pobres se libertam da manipulação dos poderes dominantes, e desenvolvem uma nova consciência de comunhão e participação, passando a acreditar na possibilidade de um mundo novo.

A novidade é que essa descoberta de sentido não nasce de construções filosóficas acadêmicas, mas da prática das comunidades populares comprometidas com sua libertação. Esta perspectiva completa as anteriores, desenvolvidas por tantos filósofos e pensadores, desde a antiguidade: a busca pessoal é feita com liberdade, conhecimento, generosidade, teimosia, mas é também, fundamentalmente, comunitária e altruísta. Ninguém se realiza plenamente sozinho. Essa busca deu ensejo e inspiração a muitos teólogos latino-americanos, que a partir dela e da prática das comunidades, formularam a “teologia da libertação” – uma reflexão, à luz da fé, sobre a prática das comunidades comprometidas com o processo de libertação na América Latina, na esperança da criação de um mundo novo, possível. Não obstante a resistência e a desconfiança dos núcleos de poder, esta proposta e este modo de fazer teologia estenderam-se por todas as partes, nos diferentes continentes, inspirando teólogos e movimentos no sentido da cidadania, da liberdade e da organização dos oprimidos.

1.3.4 Autotranscendência

Uma das propriedades do ser humano é a de superar-se a si mesmo, e isto se chama “autotranscendência”.²² É a busca da alma por um patamar superior de realização. É como a plantinha que vai se desviando dos obstáculos para aproximar-se sempre da luz que lhe dá a fotossíntese. É como a lei que move o lobo a capacitar-se a buscar uma posição melhor na hierarquia da alcateia, para obter primazia na reprodução. O exame fenomenológico do ser humano torna patente sua transcendência em relação aos outros seres e a si mesmo: ele nunca se satisfaz com o que pensa, diz e age.²³

²² “É o movimento com que o ser humano ultrapassa sistematicamente a si próprio, tudo o que é, tudo o que adquiriu, tudo que pensa, quer e realiza”, visando a “reencontrar-se si mesmo mediante a aquisição de um ser mais verdadeiro e mais próprio, efetuando atuação mais plena e mais completa de suas possibilidades”. MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 264-265.

²³ Segundo Karl Popper, filósofo da ciência, da linguagem e da comunicação, a autotranscendência “é o mais extraordinário e importante fato de toda a vida e de toda a evolução, sobretudo a humana”. MONDIN, 2008, p. 259.

1.3.4.1 Alguns enfoques

Já vimos que Heidegger tangencia a autotranscendência ao defender que o ser humano ultrapassa a sua situação de fato em relação a suas possibilidades no futuro, mesmo e apesar de que isto flua em direção à morte. Outros filósofos existencialistas, como Jaspers e Marcel, enxergam a autotranscendência como percebida pelo ser humano apenas em *situações limites* como perigo, dor, doença, perda de um ente querido, e representando uma ruptura entre o ser real e o *dever ser*. Para Jaspers, ainda, o ser humano não se realiza nas coisas mundanas.

Pensadores como Garaudy, em sua fase marxista,²⁴ entendem que o ser humano é potencialmente todo o seu porvir. Ele abre-se ao infinito, sendo tudo o que é, e pode ser também tudo o que não é ainda, ou tudo o que ainda lhe falta: reúne infinitas possibilidades de ser. Marcuse fixa-se no caráter histórico e temporal da autotranscendência, admitindo também que o ser humano é potencialmente a projeção do seu amanhã. Na mesma linha, Bloch considera o caráter prospectivo do “não-ainda” para o ser humano, ou o espaço de suas potencialidades e possibilidades futuras, a percorrer, no qual desponta a esperança.

Naturalmente, os filósofos e teólogos cristãos culminam a autotranscendência em uma relação com Deus, o ápice da busca humana. Para Karl Rahner, o ser humano é aberto ao infinito, ele não pára e diz “fim”; a transcendência é a fonte dessa abertura, a força que o impele continuamente adiante, e que desagua não no *nada*, mas no Absoluto – imenso mistério que encerra a procura do ser humano e lhe dá ânimo e sentido. Em uma bela imagem de Lonergan, “o divino mora em seu horizonte”: por não alcançar nunca uma realização plena, o ser humano interroga a respeito de algo mais adiante dele. Depois de atravessar vários estados de consciência, tende a posicionar-se em face de Deus, “o encontro inevitável” que sustenta cada movimento do ser humano.²⁵

1.3.4.2 Dimensões da autotranscendência

Segundo Battista Mondin, a autotranscendência pode ser enfocada a partir de três dimensões: egocêntrica, filantrópica e teocêntrica. A primeira evoca a superação de si mesmo para atingir a um estado superior do ser, individualmente. A dimensão filantrópica imputa à autotranscendência uma fisionomia social e contestadora, na busca de criar uma humanidade mais feliz, sem misérias e desigualdades, pessoais ou sociais. Entretanto, esta realização plena, nesse

²⁴ Roger Garaudy é um dos mais notáveis buscadores do século passado. Era marxista, depois tornou-se cristão e mais tarde converteu-se ao Islam.

²⁵ MONDIN, 2008, p. 257-263.

enfoque filantrópico, é sempre projetada para o amanhã: desconsidera o curto prazo, não alcança o imediato, em que concretamente vivem os indivíduos e a sociedade.²⁶ Ela também não sacia a integralidade da procura humana, isoladamente.

Rubem Alves conta a história da vespa que, fecundada, sai à procura de uma aranha. Ao achá-la, luta com ela, pica-a e leva-a semi-viva à sua toca. Põe ovos sobre ela e, em seguida, morre. Pouco depois, nascem pequenas larvas, que enquanto crescem vão se alimentando dos fluidos frescos de sua hospedeira até voar; e, imediatamente, após copular com os machos, saem em busca de sua aranha.²⁷

Assim é a vespa. Ninguém lhe ensina o que fazer: ela simplesmente faz. Algo dentro dela comanda para comer, crescer, voar, copular e, antes de morrer, encontrar a aranha, para lhe pôr seus ovos. Como algo dentro da planta põe-na a buscar a luz. A vida, pulsante em ambas, conduz em uma trajetória que repleta suas existências, e assim elas se realizam na natureza, cumprindo seu papel. Sem angústias existenciais.

O ser humano também possui instintos, mas *tem* o seu corpo; determina-se, escolhe alternativas, com seu livre arbítrio. É um ser de desejo, privação e carência.²⁸ Por outro lado, diferentemente dos animais que abrigam aquele *chip* programado em seus cromossomas, o ser humano tem em seu âmago uma força que o impele a buscar e crescer, transcendendo os movimentos presentes em outros seres. Com os pés na terra e o olhar no infinito, ele anseia decolar para mais além. Quer construir Babéis, ultrapassar limites impostos pela matéria. Vespas e plantas serão plantas e vespas eternamente, ou enquanto perdurarem os parâmetros de sua presente evolução: elas não têm problemas metafísicos, não sofrem vazío existencial, não se suicidam. Realizam-se vivendo e reproduzindo, e só.

Neste ponto, surge a autotranscendência que Battista Mondin denominou de “teocêntrica”: esse atributo que o ser humano tem de descolar incessantemente de si próprio, “porque para isso é levado por uma força superior, Deus”.²⁹ *Algo* fora e acima das categorias humanas *suga-o* para si, atraindo-o à ante-sala de uma dimensão superior, e inunda seu ser de plena realização e sentido.³⁰

²⁶ MONDIM, 2008, p. 266.

²⁷ ALVES, 2001, p. 17.

²⁸ “Os animais sobrevivem pela adaptação física ao mundo: os homens, ao contrário, parecem ser constitucionalmente desadaptados ao mundo, tal como lhes é dado”. ALVES, 2001, p. 21.

²⁹ MONDIM, 2008, p. 267.

³⁰ Assim se manifestou J. De Finance, desenvolvendo esse aspecto da autotranscendência teocêntrica: “o impulso em direção ao Ideal não é possível e não tem significado senão por causa da presença atraente e como que aspirante do Ideal subsistente, ou, para dar-lhe o nome sob o qual o invoca a consciência religiosa,

Homens e mulheres conseguem sair de si mesmos e ultrapassarem-se porque são portadores de um *elemento de espiritualidade*. Diferente daquele *chip biológico* que programa vespas e plantas, poderíamos entender essa dádiva como uma participação nesse *divino*, um “fragmento de espírito” que na realidade foi plantado em seu âmago por um Absoluto transcendente, acolhendo-o, ligando-o a si, doando-lhe uma presença de si, consoladora, que lhe abre espaço a novas descobertas e amplas possibilidades de viver e de realizar-se, e que lhe possibilita alcançar o eterno. Esse elemento de espiritualidade, conectado ao absoluto da vida, que faz parte da natureza humana e “no qual se cristaliza a autotranscendência” é um *componente ontológico* diferente do corpo, isto é, a “alma”.³¹

Na mesma linha, também Abraham Heschel, mestre judeu, explica esse reflexo de divindade que habita o coração dos seres humanos:

A mente emparedada do homem não tem nenhum acesso a uma escada sobre a qual ele possa, por seus próprios meios, elevar-se ao conhecimento de Deus. Contudo, sua alma é dotada de janelas translúcidas que se abrem para o além. E se ele se levanta para chegar a Deus, é uma reflexão da luz divina nele que lhe dá o poder para tal anelo.³²

Essa presença de Deus em nós é instrumentalizada e sinalizada pelo nosso corpo, e dá-se através do corpo. O corpo expressa a alma, ou mais ainda: ele é a plenitude da alma (*plenitudo animae*). O corpo necessita da alma como instrumento para o ser humano encontrar sentido e realização; e a alma precisa do corpo para o agir divino no mundo: fazer cultura, transformá-lo; enfim, ser instrumento do Absoluto para que sua perfeição, beleza e harmonia (*santidade*) contaminem todos os seres.³³ Nós precisamos de Deus para nos realizarmos como pessoas; mas ele não carece de nós, de nossos louvores e preces; a não ser de nossos braços, para realizar aqui o seu divino projeto.

Naqueles momentos de união, “céu e terra se beijam”, conforme expressa o Talmud – “um trovão na alma, eco da voz do Sinai que ressoa para sempre”.³⁴ Místicos muçulmanos compararam essa presença embriagante do *Amado* com a festa que experimentam os corações quando chega uma caravana ao oásis do deserto: “Acaba de chegar do Egito uma caravana de

de Deus. É ele e somente ele – o Outro absoluto e não menos a fonte de minha ipseidade – que, embora me dando a mim mesmo, arranca-me do meu eu; é a presença que introduz em mim um princípio de tensão interior e de ultrapassagem”. FINANCE *apud* MONDIN, 2008, p. 268.

³¹ A autotranscendência “revela a presença no homem de um componente ontológico diferente do corpo: trata-se da alma, ou mente, ou espírito. A autotranscendência atinge aqui a sua última, mais profunda raiz”. MONDIN, 2008, p. 270.

³² HESCHEL, Abraham Joshua. *Deus em busca do homem*. São Paulo. Paulinas, 1975. p. 180.

³³ VILELA, Orlando. *A pessoa humana no mistério do mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 59.

³⁴ HESCHEL, 1975, p. 180.

açúcar, já se ouvem os sinos e os passos cansados”.³⁵ Assim como a chegada das doçuras de uma “caravana de açúcar” em um povoado perdido em aridez e solidão, essa união de céu e terra na alma não tem hora para chegar, nem tempo para durar. Acontece súbito e se vai... Felizes aqueles que conhecem a consolação!³⁶

Até aqui analisamos a procura humana como inserida no movimento do universo, ligada à satisfação das necessidades humanas e à busca de sentido para a existência. Percebemos que o ser humano busca sua realização plena, querendo superar-se continuamente em direção a novas possibilidades de ser, cujo limite é a transcendência. Consideramos que Deus está na raiz desse processo, “sugando” o ser humano para níveis de realização mais profunda. Busca-o através da alma, componente ontológico diferente da matéria da qual somos edificados, mas participante da mesma arquitetura que nos constrói e identifica. Em seguida, iremos aprofundar a busca de Deus – essa relação misteriosa que aproxima divino e o humano, responsável por nossa autotranscendência, dessa inescapável ânsia de melhoria, harmonia e perfeição que nos impele e nos caracteriza, tornando-nos especiais frente aos seres do universo.

³⁵ RÛMÎ, Djalal ad_Dîn. A hora da união. *Blog de Faustino Teixeira*. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/p/oracoes-interreligiosas.html>>. Acesso em: 30 jul. 2010.

³⁶ “Algumas vezes a verdade espouca diante de nós com luz brilhante, mas logo é obscurecida pelas limitações de nossa natureza material e hábitos sociais, e caímos numa escuridão quase tão negra como aquela que estávamos antes. Nós somos como uma pessoa cujas adjacências são de tempo em tempo iluminadas, enquanto nos intervalos ela está mergulhada numa noite escura como breu. Alguns de nós experimentam tais flashes de luz freqüentemente, até que estejam quase que perpetuamente iluminados, até que a noite se torna para eles como a luz do dia. [...] Alguns vêem um simples flash em toda a noite de suas vidas. [...] e, finalmente, aqueles que não admitem que suas trevas sejam iluminadas. [...] Os graus de perfeição no homem variam de acordo com essas distinções”. NEBUCHIM *apud* HESCHEL, 1975, p. 181-182.

2 A BUSCA DE DEUS

2.1 O encontro é uma dádiva

Lamentavelmente, o encontro com Deus não depende da iniciativa dos seres humanos. Ele não está todo tempo à nossa mão. Como amante sedutora que nos tem cativos, algumas vezes a encontramos, outras não. Algumas vezes, está perto, outras não. Sua descoberta não decorre de nossas habilidades, mas de seu querer, de seu auxílio: “Procurai Iahweh enquanto ele se deixa encontrar, invocai-o enquanto está perto” (Is 55.6); ou ainda de sua dádiva generosa: “Dar-lhes-ei um coração para que me conheçam, porque eu sou Iahweh” (Jr 24.7).

Somos livres para buscá-lo, mas livres também para ignorá-lo. Se o ser humano busca Deus de coração e a todo tempo; e coloca-se inteiro nessa busca, poderá encontrá-lo, pois há épocas que a voz de Deus acontece, outras em que não ecoa. Mas quando se dá ao coração buscador, vem inteiro e com toda força, como a pedra de moinho sobre uma casca de ovo (Mt 25.13).

Foge ao objetivo deste trabalho aprofundar sobre a fé. Ela não é consequência direta da busca humana, mas uma dádiva. Obtê-la é um mistério que repousa na intimidade de Deus. Como exclamava Jó: “Se cruzar por mim, não posso vê-lo, se passar roçando-me, não o sinto” (Jó 9.11). Não se conquista a fé, ela não se ganha ao acaso, mas se obtém por graciosidade. O ser humano põe-se a procurar, mas o toque divino ocorre ao que parece quando ele está aberto e sem barreiras para Deus, no momento em que o ser humano já está *pronto*: “Deus conclui, mas nós começamos”.³⁷ Mesmo com os milagres que Deus operou no Egito, Israel só teve essa consciência depois de ter caminhado por 40 anos na aridez do deserto (Dt 29.2-3). A descoberta de Deus vem em um processo de sedução e depois de um longo amadurecimento humano. Não decorre de especulação sobre premissas abstratas ou de experiências físicas. E se acontece como o botão que em uma noite se abre, pode ocasionalmente murchar e secar.

2.2 O *Incondicionado*: Deus não precisa de embaixada

Em nossa tradição bíblica, Deus não se define: experimenta-se. Não se conceitua, testemunha-se. Como observou Abraham Heschel: “A essência do pensamento religioso judaico não está em escolher um conceito a respeito de Deus, mas na habilidade de articular uma memória de momentos de luz pela sua presença. Israel não é um povo de definidores, mas de tes-

³⁷ HESCHEL, 1975, p. 192.

temunhas”.³⁸ A busca de sentido é uma expressão dessa busca de Deus, que atrai os seres humanos para acolhê-los e realizá-los copiosamente.

Há os que entendem que “é próprio da essência do homem ser teocrata”; e quer queira ou não, “há sempre um Deus para ele”; e mesmo quando ele “expulsa” deus de si, ele se coloca como um deus para si próprio.³⁹ Ou seja, na visão um tanto superada do autor, no fundo só haveria crentes; mesmo ateus e agnósticos na realidade teriam seus deuses, pois haveria deuses para todos os gostos e feitios. De certa maneira, tal atitude desqualifica a liberdade de descrever em Deus e prende Deus às religiões, como se elas fossem proprietárias do divino. E condena os não-crentes a uma vida sem sentido.

É verdade que muitas pessoas se endeusam de maneira narcisista ou colocam seu coração e suas esperanças em coisas vãs. Entretanto, vem se afirmando a convicção de que o Absoluto se oferece como pai e mãe igualmente para todos e todas, inclusive àqueles buscadores e buscadoras que não têm fé em Deus, que não se ligam a nenhuma religião. Também eles são acolhidos pelo Absoluto, na sua maneira de ser. O poder sacral tem tido frequentemente a tentação de manipular a Deus, para servir aos poderes mundanos, como se o Espírito pudesse ser capturado em arapucas colocadas por essa ou aquela tradição, ou preso em gaiolas que só elas possuem as chaves. Desta maneira, o finito e o limitado acabam se autoinvestindo indevidamente de atributos de infinito.

Teólogos como Paul Tillich abrem-nos outras perspectivas. Ele fala de Deus como o *Incondicionado*, isto é, a realidade última. A fonte de sentido para a vida, que, fora das categorias humanas – e por isto não determinada por elas – anima e sustenta toda e qualquer cultura, real fundamento das expressões culturais existentes. E é no contexto cultural, e não nas religiões, que o Incondicionado (Deus) acabaria por irromper. Fragmentos dele podem ocorrer em todas as culturas. Ele coloca-se generosamente acessível a todas as pessoas e culturas, em todos os caminhos, plantando pistas por aqui e acolá, como que esperando ser descoberto e buscado pelos homens e mulheres. É nas culturas, criadas na história, que ele desponta como revelação.

Cumprido ressaltar que o Incondicionado também pode ser alcançado dentro da cultura secular, alheia à esfera religiosa, sem necessitar de embaixada das religiões; pois debruça-se sobre os anseios de todos os seres humanos, dentro dos quais plantou a sua semente. O secular não se espiritualiza, mas abre-se ao impacto do Espírito, “que tem a liberdade de usar formas anti-

³⁸ HESCHEL, 1975, p. 183.

³⁹ CHARBONNEAU, Jean-Paul. *O homem à procura de Deus*. São Paulo: EPU, 1981. p. 72.

religiosas, com o intuito de modificar não apenas a cultura secular, mas sobretudo a igreja”.⁴⁰ À teologia, incumbe recuperar os conteúdos religiosos presentes em toda criação cultural, seja religiosa ou profana.

2.3 A busca de Deus como encontro consigo e o próximo

Importante perceber que na medida em que persevera na busca, o indivíduo também se humaniza, descobre-se a si próprio, resgata-se a si mesmo. É como se o Incondicionado o entregasse de volta para si próprio, renascido. É como se o encontro com Deus fosse o encontro com o verdadeiro eu, e vice-versa. Neste sentido, o encontro com Deus é também a descoberta de Deus em nós. A união com Deus vai costurando os pedaços de nós, as partes que foram arrancadas nos caminhos e descaminhos da vida: ela recompõe nossa integridade, religa-nos com nós mesmos, e torna-nos “UM” com ele. Como apontou Drewermann, “nada é mais belo no Novo Testamento que interpretar nesse sentido os milagres de Jesus”. Ele “devolvia as pessoas a si próprias”. Curando-as de seus sofrimentos, Jesus recuperava os caídos para si mesmos. Isto aconteceu com Maria Madalena, da qual expulsou “sete demônios” (Mc 16.9): ela *era* os sete espíritos malignos dos quais foi libertada. Com a cura, Jesus retornou-a para ela mesma. E Madalena redescobriu a vida, seguindo a Jesus no caminho, como apóstola de primeira grandeza. Tornou-se liderança importante no movimento de Jesus, e, segundo o mesmo evangelista, foi a primeira pessoa a quem ele se manifestou após a ressurreição, enviando-a para anunciar aos demais discípulos a extraordinária novidade que presenciara.⁴¹ O ser humano é também um ser de relação, desenvolve sua personalidade em interação com o meio. Ele é o ser do encontro. A abertura relacional com o próximo e com a natureza são pressupostos para se relacionar com Deus e experimentar a fé nele.⁴² Assim, a descoberta de Deus conduz à descoberta do outro.

Neste particular, é eloquente o que está escrito em Mt 25.36-41: os pobres são os mediadores de nossa relação com Deus, e os juízes de nossa salvação. Negá-los é negar a Jesus. Servi-los é servir a Deus. “Se alguém disser: *amo a Deus*, mas odeia a seu irmão, é um mentiroso” (1Jo 4.20). Mais ainda: não é tanto a descoberta de Deus que nos remete ao próximo, mas é principalmente a descoberta do próximo que nos revela Deus, principalmente quando esse pró-

⁴⁰ DA SILVA, Antonio Almeida Rodrigues. *Teologia da cultura: a essência do incondicionado nas multiformes expressões culturais*. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=3797>>. Acesso em: 28 jul. 2010. Nesse artigo, publicado na revista eletrônica eJesus: Cristianismo Online, o autor discorre sobre a teologia de Paul Tillich.

⁴¹ DREWERMANN, Eugen. *Religião: para quê?* São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 148.

⁴² RUBIO, Alfonso Garcia (Org.). *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 75.

ximo é alguém que está à margem da sociedade. No discurso escatológico de Mateus, os justos nem de longe imaginavam que serviam a Deus quando davam comida ou água aos famintos e aos que tinham sede. Devem ter ficado maravilhados, no derradeiro juízo, ao saber que aqueles pobres pelos quais tiveram misericórdia ‘eram’ o próprio Deus! Isto consola e anima aqueles que se sensibilizam com tantas pessoas admiráveis que, sem praticar religião, dedicam-se ao serviço da justiça e especialmente aos excluídos, com grande misericórdia e cuidado, chegando às vezes a testemunhar esse amor com a entrega de suas próprias vidas. Estes com certeza encontraram realização, paz e sentido em sua caminhada, e seguramente não precisaram de salvo-conduto para participar do grande banquete de núpcias que lhes foi preparado: “Vai pelos caminhos e trilhas, e obriguem as pessoas a entrarem, para que a minha casa fique repleta!” (Lc 14.23).

2.4 Deus: buscador do ser humano

Um jovem noviço esforçava-se em orações, penitências e trabalhos para buscar a Deus, mas não o encontrava. Um dia, inconsolável, procurou o abade. O velho monge apontou-lhe a porta da cela, e disse que Deus se encontrava ali, no outro quarto. Imediatamente o noviço correu para a porta, mas por mais que tentasse, não conseguia abri-la. Forçou, empurrou, sacudiu, até que, extenuado, caiu ofegante sobre uma cadeira. Instantaneamente, a porta se abriu! Deus, do lado de lá, estava tentando abri-la também, mas o esforço do rapaz, empurrando do lado de cá, impedia que a porta se abrisse.

Esta singela estorinha da tradição beneditina⁴³ revela-nos que nossa procura é, na realidade, a resposta de um chamado amoroso que o Incondicionado nos faz. Em toda a Bíblia, encontramos as pegadas do Bom Pastor que sai em busca das ovelhas, do criador amoroso⁴⁴ e compassivo que escuta o clamor dos escravos e desce para libertá-los; do Senhor da Aliança que incita profetas para reconduzir seu povo nos caminhos da justiça e da fidelidade, na encarnação do Messias libertador dos pobres, na vida andarilha de Jesus pelos caminhos e aldeias da Galileia, curando, exorcizando os demônios e proclamando o Reinado de Deus... Para registrar um belo aspecto desse cuidado, escolhemos no Kuzari este testemunho da sabedoria judaica, obra do sábio medieval Yehuda Halevi.⁴⁵

⁴³ Estória que me foi contada por Madre Eugênia Teixeira, OSB, abadessa do Mosteiro da Virgem, Petrópolis, em um de nossos encontros naquele cenóbio.

⁴⁴ Quando Adão e Eva fugiram de Javé, no Paraíso: “Onde estás?” (Gn 3.9).

⁴⁵ HESCHEL, 1975, p. 177.

“Foi ele quem iniciou nossa libertação do Egito, a fim de que nos tornássemos seu povo e ele nosso rei” (Kuzari II, 50). “O primeiro homem jamais teria conhecido a Deus, se ele não tivesse se dirigido a ele, punido-o, recompensando-o... Devido a isso se convenceu de que ele era o criador do mundo, e caracterizou Deus por seus atributos e palavras, chamando-o de Senhor. Não fosse por isso, o homem estaria satisfeito com o nome Deus; não teria percebido o que Deus era, quer Deus fosse um ou muitos, quer ele conhecesse os indivíduos ou não” (Kuzari, IV, 3).

Na realidade, para a fé bíblica, Deus busca o ser humano como uma fera faminta: “Orgulhoso como um leão, tu me caças!” (Jó 10.16), e, ao mesmo tempo, como um pastor dedicado: “Em verdes pastagens me faz repousar. Para águas tranqüilas me conduz” (Sl 23.2). Ernesto Cardenal nos mostra que a relação com Deus se parece com a relação entre um casal apaixonado:

Somos como essas duas pombinhas de San Nicolás
 que quando uma corre
 a outra vai atrás
 e quando esta é a que foge
 aquela a segue
 mas uma nunca se afasta da outra
 sempre estão em parilha.
 Quando Tu de mim te vais
 eu sigo atrás de ti
 E quando sou em quem me vou
 Tu vais atrás.
 Somos como essas duas pombinhas
 De San Nicolás.⁴⁶

2.5 A busca de Deus em outras tradições espirituais

Vimos que ação do Incondicionado na autotranscendência humana manifesta-se em diferentes tradições culturais e religiosas, e uma das maneiras mais saborosas de apreciá-la é na arte. Ali podemos comparar a riqueza da espiritualidade nas diferentes culturas, o que, às vezes, dificulta se partimos de formulações dogmáticas. Podemos destacar dois poemas, no islamismo e no budismo, e assim ressaltar as convergências entre diferentes culturas e religiões.

2.5.1 A linguagem dos pássaros

A mística muçulmana prende-se à corrente chamada “esotérica” do Islamismo, um aprofundamento interior na unidade de Deus, diferente do formalismo e do legalismo “exotérico”, representado por juristas e doutores da lei, e tem origem já nos primeiros califados do Islam. A mística muçulmana, ou “sufi” é uma das mais ricas espiritualidades, pontuada por mestres e mestras notáveis como Rûmî, Attar, Rabi’ah, El-Hallaj, e tantos outros poetas e pensado-

⁴⁶ CARDENAL, Ernesto. *Cântico cósmico*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 391.

res célebres que nada devem – ao contrário, somam e convergem com os grandes místicos cristãos, budistas e hindus.

Reportemos aqui à poesia mística do século XII, na obra do mestre persa Farid Ud-Din Attar, uma das obras-primas da espiritualidade e universal. Ele conta que todos os pássaros do mundo reuniram-se em uma assembleia, para procurarem um rei. A poupa⁴⁷ tomou a palavra, e lhes contou sobre o Simorg: próximo, mas distante, inacessível e inominável...

Conheço meu rei, mas não posso ir a seu encontro sozinha [...] seu nome é Simorg; ele é o rei dos pássaros. Ele está próximo de nós, apesar de estarmos distantes dele. O lugar onde vive é inacessível e não pode ser descrito por nenhuma língua. Diante dele pendem cem mil véus de luz e de escuridão.⁴⁸

Falou-lhes sobre os terríveis obstáculos que teriam que enfrentar na longa jornada para encontrá-lo: “É necessário um homem com coração de leão para percorrer esta rota extraordinária”.⁴⁹ Conhecendo as dores e dificuldades dessa busca, as aves começaram a desanimar. Cada uma delas apresentou uma tola desculpa, “pois todos têm um apego e não querem deixá-lo”.⁵⁰

Percebendo suas fraquezas, a poupa buscou encorajá-los: “Todos os pássaros do mundo são sombras da luz do Simorg, e ele quer mostrar-se. A quem compreender isto, será indiferente viver ou morrer”. Valorizando a prioridade do amor, até mesmo sobre a infidelidade ou a fé, a poupa conseguiu reanimar os pássaros, e puseram-se todos a caminho. Eram cem mil em revoada. Logo de início, muitos morreram de fadiga ou desistiram. Poucos perseveraram. Por anos a fio, em indizíveis tormentos e dificuldades, tiveram que atravessar sete vales: os vales da busca, do amor, do conhecimento, da independência, da unidade, da estupefação, e da pureza e aniquilamento. A travessia dos sete vales visava a alcançar o desapego fundamental, necessário para que as aves percebessem a proximidade do Simorg, em essência junto deles.

Chegaram ao fim apenas trinta pássaros, em lastimável estado, aniquilados, mas ansiosos para se entregarem ao rei. Conduzidos ao palácio, rasgados os véus que o recobriam, eles entram na “Porta da Majestade” ainda apegados, com “gemidos e lamentações”; e, portanto, depois de terem os corações inflamados com a imagem da mariposa que se lança na chama da vela, caem em si, perplexos: ao invés de contemplarem o seu “Simorg” (quer dizer “trinta pássaros”, em idioma persa) eles enxergam a si mesmos, como refletidos em um espelho. Buscando o

⁴⁷ Pássaro que surge no Corão como mensageiro do rei Salomão (XXVII, 16-44). É uma ave de uns 50cm de envergadura, plumagem acastanhada, e suas asas são listradas de preto e branco. Ostenta um penacho e um bico longo e fino. Seu hábitat vai da Europa à Ásia, mas é típico das savanas africanas (Wikipédia).

⁴⁸ ATTAR, Farid ud-Din. *A linguagem dos pássaros*. São Paulo: Attar, [s.d.], p. 44.

⁴⁹ ATTAR, [s.d.], p. 45.

⁵⁰ ATTAR, [s.d.], p. 46.

Simorg espiritual, após atravessarem sete vales de dificuldades e rudes desafios, aqueles trinta pássaros, cansados, mas vívidos, e afinal disponibilizados pelo despojamento total, encontraram-se a si próprios e assim descobriram o segredo da unidade: a união com o Simorg, seu Rei, presente neles desde o início da jornada.

Estes “sobreviventes” acabam conseguindo se aproximar do Simorg, e o que acontece? Eles percebem que eles e o Simorg são o mesmo Ser, como se estivessem diante de um espelho, tal qual ocorre com o crente místico em sua identificação com Deus. A Unidade com Deus, que é a essência do sufismo, é realizada. Não há mais multiplicidade, esta ilusão se finda. Só Ele existe e Ele é tudo. Os pássaros passam a representar o homem elevado espiritualmente que encontra Deus dentro de si. O tesouro que fora buscado longe estava na verdade dentro deles mesmos.⁵¹

Assim, os que saem em busca de Deus podem, com amor e despojamento, depois de se consumirem na união com Ele, descobri-lo em si mesmos. Na realidade, Deus está presente em nós desde o princípio, e o exercício espiritual de superar as dificuldades da união com ele faz com que tomemos consciência de sua presença oculta dentro de nós mesmos, desde o início de nossas vidas. Essa presença que, como já vimos, anima nossa autotranscendência e nos impulsiona para adiante.

2.5.2 As dez imagens do apascentar do boi

A mais célebre formulação dos níveis de realização do Zen mostra-nos, de forma singela, o resgate de nossa original *natureza búdica*, que perdemos na poeira do tempo e nas ilusões da vida. Através da meditação, na medida em que com disciplina trabalhamos a quietude da mente e o despojamento de si, essa natureza vai emergindo, até que irrompe, em plenitude, na iluminação da mente do praticante. Abordando esta experiência maravilhosa, o *Apascentar do boi* compreende delicados desenhos e comentários de origem chinesa, provavelmente do século XII, atribuídos ao monge Kakuan Shien. Abaixo, resumimos a descrição de cada figura, que representam passos no caminho da iluminação.⁵²

- *Primeira figura*: um camponês tem um boi, mas esse boi está perdido. Ele sai a procurá-lo, mas está confuso, pois existe uma infinidade de trilhas na floresta, e a tarde já vai caindo;
- *Segunda figura*: depois de muito procurar, uma alegria: eis as pegadas do Boi! – e ele as acompanha, feliz da vida;

⁵¹ RIBEIRO, Cristiane Inácio. O voo místico de Attar: uma análise sobre “A Linguagem dos Pássaros”. *Sacrilegens: Revista dos alunos do PPGCR-UFJF*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/08-2-7.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2010.

⁵² Estes desenhos e o poema estão disponíveis em <http://daissen.org.br/hp/index.php?id=0&s=textos&txt_id=66>. Acesso em: 21 jul. 2010.

- *Terceira figura*: súbito, ele vê algo mover-se na mata cerrada: é a traseira do seu boi, escondido naquela moita;
- *Quarta figura*: o camponês se aproxima, devagarzinho, e se alegra: ali está mesmo o seu boizinho, bonito, inteiro e bravio;
- *Quinta figura*: o homem avança sobre o boi, salta-lhe nos chifres, agarra-o. Luta arduamente com ele, que corcoveia, e, bufando, resiste. Mas na ânsia de levá-lo de volta à casa, ele não larga; e, usando o laço e o chicote, acaba por dominá-lo;
- *Sexta figura*: montado no boi, ele volta cantarolando para casa, cheio de alegria, livre, e sem olhar para trás;
- *Sétima figura*: o boi e o dono moram finalmente na mesma casa. Somente no boi ele pôde chegar à casa, e finalmente ele consegue sentar-se tranquilo. Tanto que agora não há mais nem boi, nem dono, nem chicote e nem laço, nem mesmo a casa. “Uma rede torna-se inútil quando se pegou um peixe”;⁵³
- *Oitava figura*: um simples círculo: a Unidade no todo. A consciência do nada. Acabaram-se as ilusões, não há dor nem ansiedade. Chicote, laço, boi e homem pertencem ao vazio. O homem reencontra sua natureza búdica, seu verdadeiro ser. Não há cobiças, esvaziou-se a santidade. Meister Eckhart diria: “Esquecer Deus; deixar Deus; da união com Deus para o nada da Deidade, que é ao mesmo tempo o fundamento da alma”;⁵⁴
- *Nona figura*: o homem agora retorna à fonte! Volta à origem, ao que ele é na origem, em imperturbável serenidade, pelo despojamento total. O homem em seu verdadeiro si mesmo. “A rosa é sem porque, floresce porque floresce; não cuida dela própria, não pergunta se a vemos”, dizia Silesius.⁵⁵ O regato flui, e basta. No aberto do nada, florescem as flores, e flui o riacho. “A natureza, como as flores florescem, como o rio flui, é o primeiro corpo ressuscitado do si-mesmo abnegado, a partir do nada”, deduziu Ueda em seu mesmo artigo;
- *Décima figura*: com uma tigela, um bastão, uma garrafa de vinho (a embriaguez do encontro de si) e o peito nu coberto de poeira, o camponês transformado abandona seu casebre e vai à praça do mercado, a ajudar os outros, cheio de compaixão. Transmitir o si mesmo para outro si mesmo. O despertar de si não ocorre em um nirvana, mas pelos caminhos poeirentos da vida. E só se afirma na medida em que facilita ao outro um despertar para si. Na verdade, a décima figura continuará na primeira figura. Assim como no poema de Attar, a natureza búdica ou verdadeira natureza, iluminada, é presente desde o início no ser humano, mas ficou perdida na poeira das ilusões, das posses, das dores e das ambições. A alma humana tem ânsias para recuperá-la, mas precisa empreender uma dedicada procura, em que se defronta com os obstáculos impostos pelas paixões e os desejos. Se perseverar, tem possibilidade de alcançá-la.

Importante que para alcançá-la e unir-se com ela – o espelho do Simorg ou o círculo do zen – ela se esvazia. Igual à mariposa, que se acaba na chama da vela para a qual é atraída, fascinada, entrando em unidade com a chama. Como nos versos de Rûmî:

⁵³ KAPLEAU, Philip. *Os três pilares do zen*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. p. 320.

⁵⁴ UEDA, Shizuteru. O nada absoluto no Zen em Eckhart e em Nietzsche. *Natureza Humana*, v. 10, n. 1, p. 163-202, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302008000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 nov. 2010.

⁵⁵ Estes versos constam do primeiro livro das poesias espirituais de Angelus Silesius, editadas como: “O Peregrino Querubínico”. A primeira edição da obra é de 1657. Angelus Silesius era médico e vivia na Silésia. Blog: A cidade do sossego. Disponível em: <<http://acidadedosossego.blogspot.com/2009/05/rosa-e-sem-porque.html>>. Acesso em: 7 nov. 2010.

Já me lancei para o fogo,
 Como a frágil mariposa,
 Igual ao Deus de Abraão.
 Não sei mais sair da chama.⁵⁶

2.5.3 *Uma só canção, muitos instrumentos musicais*

É sugestiva a semelhança de tradições que, na aparência, são tão diferentes. O *Incondicionado* habita o coração das pessoas, nas diferentes culturas, independentemente de suas religiões, sob distintos nomes, mas a essência é única: com amor e a misericórdia ele nos espera, para dar sentido à nossa vida, quando decidimos buscá-lo com amor e perseverança. Mas é preciso querer esse encontro como a mariposa quer a chama, como os pássaros e o camponês buscam o Simorg e o touro. É necessário que nossa procura de Deus “deixe Deus ser Deus”, que o centro dessa busca seja ele, e não a nossa vaidade. Uma procura insaciável, pois Deus é infinito.⁵⁷

Em suma, assim como os pássaros se unem ao Simorg e aquele camponês resgata sua natureza verdadeira, nós também nos unimos a Deus para que a sua glória se manifeste em nós e no mundo, quando nos desapegamos das coisas *sem nada querer, nada saber e nada ter*. Se-quer guardando, nas prateleiras da alma, um bom lugar para Deus:

Pois Deus não aspira para sua ação a que o homem tenha em si um lugar no qual Deus possa atuar. Mas somente isto será pobreza em espírito: quando o homem estiver tão vazio de Deus e de todas as suas obras que Deus, porquanto queira agir na alma, seja ele mesmo toda vez o lugar onde queira atuar – e isto ele certamente gostaria de fazer. Pois encontrasse Deus o homem pobre deste modo, realiza Deus assim a sua própria obra e o homem experimenta Deus em si mesmo; e Deus é um lugar próprio de suas obras. Mas o homem experimenta Deus puramente em suas obras, perante o fato de que Deus é aquele que age em si mesmo.⁵⁸

Assim sendo, a experiência de Deus é a acolhida, em nós e por nós, das obras de Deus no mundo. Para isto, Deus precisa de nós, para que ele possa agir no mundo; e para isto nós carecemos dele, para obter nossa transcendência. Nós nos despojamos de nós mesmos para que Deus seja em nós e por nós. Nós somos hospedeiros de Deus, o verdadeiro templo dele. A ele nos unimos não apenas para o deleite egoísta de nossas almas, mas para proporcionar-lhe braços para agir na história, a fim de que impere sobre sua criação, implantando nela o seu reinado. Fugamos da tentação de consumir Deus, pois isto é colocar-nos, a nós mesmos, como centro e objeto de nossa busca, usurpando um lugar que é de Deus. Com amor de Deus, nosso coração ama

⁵⁶ LUCCHESI, Marco. *A sombra do amado: poemas de Rûmî*. Rio de Janeiro: Ficus, 2000. p. 67.

⁵⁷ BOFF, Leonardo. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*: Mestre Eckhart. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 206p.

⁵⁸ BOFF, 1991, p. 193.

ao próximo, porque ele é o coração que ama pelo nosso; assim nós buscamos a fraternidade, porque somos família de Deus; assim zelamos pelos outros seres, pois Deus completa sua criação através de nosso zelo e de nossa disponibilidade para ele. Assim nos realizamos, em comunhão com os outros e com ele. Mesmo que não nos movamos pela fé, não podemos fugir de seu amor nem nos afastar de sua presença, pois acabamos buscando-o no amor pelos irmãos e irmãs, que são sua imagem refletida, assim como o espelho do Simorg, no qual sua imagem é a mesma dos pássaros que o contemplam. Encontramos a Deus na prática da caridade, na vivência da ágape, que inclui e ultrapassa o amor, a misericórdia, a justiça e a fraternidade, em prol de todos os seres (1Cor 13); e assim repousaremos nos braços do Rei, que acolhe com amor os que se entregam com generosidade.

É enfim nas pessoas e nas criaturas que o Criador se faz presente e se revela. É nas diferentes culturas, como profeticamente apontou Tillich, com ou sem mediação das religiões. O Absoluto Transcendente, incondicionado, repleta a inquietude do espírito de todos os seres que o buscam com paixão, integridade e veracidade, em solidária misericórdia com os que sofrem e no cuidado com a vida e a criação. Nós somos a obra de Deus, e por isto somos mediadores deles uns para os outros. O que é Bach a não ser as suas cantatas, os seus prelúdios, os seus concertos? O que é Rafael, Bernini ou Picasso senão suas pinturas, esculturas e desenhos? O que é Dürer senão suas gravuras? Pasolini senão suas películas? Assim, pela face do nosso próximo, Deus se mostra em nós e no universo, abrindo a porta para nossa união com ele e respondendo ao nosso desejo de transcender. Aí temos o critério para avaliação dos caminhos que se apresentam à nossa escolha peregrina: o que nos leva ao cuidado com a vida, nos conduz a Deus. Se ele nos compromete com os pobres, chegamos aos umbrais do Poderoso.

Concretamente, se o caminho que escolhemos nos desvia desses cuidados essenciais e nos coloca a nós mesmos no centro de nossa procura, teremos então o destino dos pássaros que não conseguiram atravessar os vales, seremos como os cabritos descartados, que não perceberam nos pequeninos a imagem do rei. Certamente aquele amor absoluto, como é o amor de Deus, a todos e todas acolherá um dia. Mas fomos urdidos para a plenitude do amor e da doação generosa. Uma razão misteriosa nos impele para esse aniquilamento amoroso e gratuito de nós mesmos, como a borboleta é jogada contra a chama, como a vespa procura a aranha. É como Jesus fez, no Calvário, não carecia, mas fez. No espelho do Simorg; no vazio do camponês que encontrou o boi desgarrado; no alimento que se dá ao faminto necessitado, eis aí a boa imagem da união de Deus com o ser humano. Eis aí, para nós, cristãos, o clarão desse profundo mistério que é a encarnação: o Criador se fez criatura. Jesus de Nazaré é o ápice da criação, perfeito *es-*

pelho de Deus, pois tanto Deus quanto ser humano. O redentor dos pobres, a luz que veio clarear as trevas do mundo, o Verbo que se fez carne. O modelo de nossa procura, porque ele próprio foi um buscador de Deus.

Resumindo, o encontro com Deus é fruto da generosidade e da misericórdia divina. É dom gratuito. É Deus que nos puxa a si, desde que nos deixemos seduzir; desde que belisque-mos as iscas que nos lança. Ele não é cativo de instituição alguma, mas irrompe soberanamente nas culturas, o Incondicionado, disponível, que a todos acolhe e repleta. A busca de Deus remete-nos a nós mesmos e ao próximo que anseia por nossa solidariedade. Com eles, somos mediadores de Deus, nos diferentes contextos culturais. E por trás de nossa busca por ele, está a busca amorosa dele por nós – do Deus que escuta o clamor do pobre e sai cuidadoso à nossa cata. Nas diferentes tradições espirituais, o despojamento e o desapego nos revelam a divindade. Em seguida, estudaremos como a busca de Deus se manifestou nos Evangelhos, através dos buscadores que procuraram a Jesus, no contexto da Palestina, anos 30 de nossa era.

3 JESUS DE NAZARÉ: BUSCADOR DE DEUS

Iniciamos aqui um mergulho na Literatura Sagrada para entendermos como se manifestou a busca humana em Jesus de Nazaré, e através de seus buscadores, em seu ministério. Iniciaremos com uma breve referência aos antecedentes históricos de Israel e depois os cenários da vida de Jesus entre nós.

3.1 Aspectos da tradição do Deus libertador na história do povo de Israel

A formação e a história de Israel mostram a caminhada de um povo constituído por marginalizados e excluídos dos sistemas sociais de diversos reinos e cidades-estados do Oriente Fértil (Mesopotâmia, Cananea, Egito e adjacências) na luta contra a fome e a opressão, em busca de melhores condições de vida. É uma bela história. A Bíblia é o testemunho da relação e da caminhada desse povo com seu Deus libertador, desde Abraão e sua família, partindo de Ur para Hara (Gn 11.31ss; 15.7), e daí para Canaã e o Egito, sempre fugindo da fome e das dificuldades de sua dura realidade de pastores e agricultores (Gn 12.10; 26.1ss). No Egito, esse povo forasteiro tornou-se escravo e faminto, mas o Deus de Abraão viu sua aflição e enviou Moisés para libertá-lo da tirania do faraó (Ex 3.7-22; 6.6-13). Assim, pois, o acontecimento fundante de Israel foi uma luta de libertação contra a escravidão, inspirada e apoiada por Deus; a saída do Egito, o estabelecimento de uma aliança com Javé, no Sinai (Ex 19.1-6); e a migração do povo pelo deserto até Canaã, onde se juntou a outros grupos excluídos⁵⁹ e se estabeleceu na terra, em um regime tribal marcado pela solidariedade entre os clãs.

Ao longo da Bíblia, percebe-se que as pessoas passavam fome devido à seca, pragas, guerras e castigos divinos. Mudanças tecnológicas, como a introdução do boi no amanho da terra, o colapso do tribalismo e instauração da monarquia, originaram maiores contradições internas e conflitos sociais agudos que resultaram em concentração de renda, muita pobreza e exclusão. Pobres, pessoas famintas e humilhadas; mulheres, órfãos e viúvas, marginalizados pelo androcentrismo e pelo patriarcalismo, assim como forasteiros desamparados, eram protegidos de Deus. Por sua inspiração, elaboraram-se códigos legais para protegê-los, como o ano sabático

⁵⁹ GASS, Ildo Bohn (Org.). *Formação do Povo de Israel: introdução à Bíblia*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2002. p. 33.

(Dt 15.1-15); o ano jubileu (Lv 25), e outras medidas de defesa e amparo (Dt 24.10-22; 26.12-15).⁶⁰

Na monarquia, os deveres da justiça e da misericórdia passaram a ser negligenciados. Deus suscitou profetas e os enviou para cobrar de reis e poderosos o cumprimento dos preceitos da Aliança em favor dos mais vulneráveis. Guerras de conquista, dominação estrangeira e exílio foram submetendo a nação contra os assírios, babilônios, persas, gregos e romanos, impondo pesados tributos a Israel, onerando os camponeses com entrega de sua produção, endividamento, perda de terras por hipoteca e confisco, escravidão e miséria. Neste contexto, especialmente a partir do Exílio, toda uma legislação segregadora com base na pureza foi sendo introduzida, afastando do templo e do convívio social notadamente as pessoas portadoras de enfermidades e deficiências físicas. A religião foi assumindo um viés cada vez mais legalista e distante da misericórdia, alheia ao sofrimento do povo e omissa quando não comprometida com os interesses dos dominantes. A história de Israel testemunha as vicissitudes de um pequeno povo espremido entre grandes impérios, mas protegidos por um Deus solidário que com eles estabeleceu aliança. Esse povo empobrecido e humilhado tinha a esperança por alimento, e nele fervilhava a expectativa da vinda do messias libertador, que cumprisse para seu benefício as promessas da Aliança, livrando Israel da dominação estrangeira e estabelecendo o Reino de Javé sobre a terra. Nesse contexto de sofrimento e esperança messiânica é que irrompeu o fenômeno Jesus de Nazaré.

3.2 A Galileia no alvorecer do século I d.C: transformações estruturais e seu impacto na vida camponesa

O objetivo do presente item é compreender o acontecimento Jesus de Nazaré a partir dos cenários em que ele nasceu e interagiu, em uma Galileia tumultuada por grandes mudanças políticas, sociais e espaciais, que oneraram gravemente a sobrevivência dos camponeses, sujeitos tradicionais da vida social e herdeiros da terra e das promessas de Javé. Ele nasceu no ponto central do período talvez o mais conflituoso da vida de Israel – entre a conquista da Palestina pelos romanos, em 63 a.C, e a destruição do templo de Jerusalém, no ano 70 de nossa era.

3.2.1 O berço de Jesus: características gerais

A Galileia é uma região de vales fecundos e férteis montanhas ao Norte da Palestina, entre elas o maciço de Nazaré, que abrigava a aldeia de Jesus. Segundo Freyne, a região fora

⁶⁰ DREHER, Carlos A. *Fome e alimentação na Bíblia*. São Leopoldo, EST. 16 nov. 2010. Palestra ministrada no Seminário: Soberania e Segurança Alimentar. Apontamentos de Paulo Couto Teixeira, sem revisão do autor.

despovoada no séc. VIII a.C (732-721 a.C), e repovoada a partir do século IV, com destacada presença Judéia.⁶¹ Citando Josefo, “não há uma única porção de terra vacante”. A agricultura era diversificada, desenvolvida e tecnificada: “Na região montanhosa da Galiléia, fotos aéreas revelaram a presença de extensas faixas de aterro nas encostas, [...] sugerindo alta densidade populacional e ocupação intensiva da terra”.⁶² A arqueologia mostra Nazaré e outras aldeias próximas como lugarejos de agricultura familiar de pequeno porte, inclusive irrigada, no período romano, e produtora de cereais, figos, oliveiras e uvas. Fruto de uma colonização hasmoneia a partir do século II a.C, que favoreceu veteranos das guerras de Herodes e outros judeus dispostos a emigrar para o Norte.⁶³ Como apontou Freyne, a vida em Nazaré era muito simples, mas com relativo conforto.⁶⁴ J. D. Crossan e J. L. Reed informam, com base nas escavações, que o povoado de Nazaré tinha forma oval, com dez acres de área, nos quais moravam de 200 a 400 habitantes.⁶⁵ Tratava-se de uma aldeia tipicamente judaica, em que as famílias camponesas faziam suas purificações rituais e provavelmente circuncidavam seus filhos, celebravam a Páscoa, guardavam o sábado e outras tradições piedosas de Israel.⁶⁶ Nazaré não se situava junto às rotas principais da Galileia, era desconhecida e sem importância estratégica ou comercial. Ali Jesus se criou, passou sua infância e juventude, aprendendo o ofício especializado de artesão (*tekton*) e trabalhando na oficina de seu pai, José.

3.2.2 A chegada dos romanos

Os dados existentes sobre a Galileia e Nazaré permitem-nos inferir que, no ocaso do período hasmoneu, não obstante as disputas pelo poder em Jerusalém, os camponeses locais grosso modo conseguiam sobreviver em padrões austeros de trabalho duro e com simplicidade, mantendo suas tradições culturais e suas estruturas sociais gregárias. Obtinham sua subsistência naquele contexto de produção familiar para autoconsumo de frutas, legumes, azeite, vinho, cereais e pequenos animais, e iam levando a vida com as limitações notórias de uma economia camponesa. Entretanto, as coisas começaram a mudar com a ocupação da Palestina por Pompeu, em 63 a.C.

⁶¹ FREYNE, Sean. *Jesus: um judeu da Galiléia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 15 e 40. Todavia, Richard Horsley defende a presença israelita permanente na região, considerando a expansão hasmoneia como uma recolonização dos “primos” do Norte.

⁶² FREYNE, 2008, p. 37.

⁶³ FREYNE, 2008, p. 42.

⁶⁴ FREYNE, 2008, p. 43.

⁶⁵ CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus*. São Paulo. Paulinas, 2007. p. 77.

⁶⁶ CROSSAN; REED, 2007, p. 79-80.

Com as legiões romanas, vieram os impostos, os confiscos, a corveia, e grandes mudanças na estrutura fundiária, no emprego, na produção, na política e no ambiente psicossocial. Às custas da economia camponesa, edificava-se novamente um poderoso estado tributário. Consolidada a conquista, a ferro e fogo,⁶⁷ com extrema brutalidade, os romanos faziam um censo para calcular, “por cima”,⁶⁸ o valor do imposto a arrecadar. O valor desses impostos era tido como insuportável e blasfemo pelos camponeses, pois significava arrocho sobre sua renda e submissão a um rei que se arrogava divino. Os tributos eram cobrados em moeda romana, a fiscalização e o controle do comércio eram apurados e quem não pagava em dia poderia ser até escravizado.⁶⁹

Os romanos lançavam os seguintes tributos diretos: *Tributum Solii* – dez por cento do valor, sobre a propriedade das terras (pelo proprietário), e sobre seus produtos (pelo usufruidor); *Tributum Capitis* – conforme Mc 12.14ss, era de um denário *per capita* por ano. Como impostos indiretos, arrecadavam um por cento sobre o valor das vendas (escravos era 4%). Como a carga tributária não era proporcional e os ricos sonegavam, logo os impostos recaíam mais sobre os pobres, uma vez que a quantidade a ser arrecadada era fixada pelos romanos.⁷⁰ Havia mais 5% sobre heranças, bem como direitos de alfândega.⁷¹ Na realidade, a renda era muito maior, porque os romanos também cobravam dos vencidos as despesas de conquista, e a manutenção dos exércitos.⁷² Impunham também os custos das visitas de inspeção de autoridades administrativas,⁷³ confiscavam e transferiam a posse de terras,⁷⁴ valores,⁷⁵ bens de consumo e tração (tomados para o exército) e exigiam muito trabalho forçado dos camponeses. Os soldados romanos também eram colonos em potencial. Frequentemente ganhavam terras nas áreas con-

⁶⁷ Sobre a campanha da Germânia, comandada por Germânico (44 a.C.), escreveu Tácito: “Ele mandou devastar completamente a fogo e à espada um espaço de 50 milhas; nem sexo, nem idade inspiravam clemência; edifícios civis, assim como santuários, foram totalmente arrasados”. WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 25.

⁶⁸ WENGST, 1991, p. 48: onde havia irrigação, como no Egito, a receita era calculada com base na produtividade da área irrigada, e não sobre a produção média.

⁶⁹ AUTH, Romi. *Sabedoria na resistência: Período Romano*. Serviço de Animação Bíblica. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 22.

⁷⁰ ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 119-120.

⁷¹ STAMBAUGH, John; BALCH, Daavid. *O Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

⁷² SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 26.

⁷³ STAMBAUGH, 2008, p. 70.

⁷⁴ ARENS, 1998, p. 82.

⁷⁵ A capacidade produtiva e as riquezas dos povos vencidos eram orientadas para o benefício de Roma. Os romanos cobravam indenizações e dívidas de guerra, as riquezas do subsolo passavam para suas mãos, e confiscavam todo o ouro que encontravam: depois da conquista de Jerusalém os soldados levaram consigo tanto ouro que o preço desse metal na Síria caiu pela metade! WENGST, 1991, p. 46.

quistadas, e suas armas e apetrechos militares podiam transformar-se em utensílios para trato do solo.⁷⁶

Os camponeses eram ainda explorados pelos tributos do templo, por taxações dos governantes locais e pelo *spread* advindo da corrupção e dos cobradores de impostos, frequentemente muito exorbitantes. Não se conhece precisamente os valores e incidências, mas, na bibliografia, Stambaugh fala em 2 denários por ano para o templo, e Freyne menciona uma “mesada pessoal” de 200 talentos para Antipas.⁷⁷ Os abusos eram tantos que se contava o seguinte comentário de Tibério a Recto, prefeito do Egito: “Quero que minhas ovelhas sejam tosquiadas, e não rapadas”.⁷⁸

3.2.3 Herodes e Antipas: vassallos do poder romano

As autoridades imperiais tinham por hábito confiar a administração dos territórios conquistados a vassallos cooptados nas aristocracias locais, a troco de restrita participação no poder. Entre eles, Herodes Magno e, depois dele, seu filho, Antipas, sob cujo domínio foram mortos Jesus e João Batista.

Herodes reinou na Palestina entre 41 e 4 a.C. O rei dos judeus era um modelo de monarca pagão helenista. Foi um dos maiores empreendedores do Oriente, em seu tempo. Era muito ambicioso e cruel.⁷⁹ Ampliou e reformou o templo de Jerusalém, construiu grandes obras públicas, entre elas cidades ao estilo grego na Palestina, com termas, teatros, ginásios e templos: Sebaste, em homenagem a Augusto; e Cesareia,⁸⁰ com porto e diques de alta tecnologia, bem como fortalezas em todo o país (Massada, Maqueronte). Em Jerusalém, levantou ainda a Torre Antônia, construiu teatro e hipódromo, e inúmeros palácios.⁸¹ Herodes Antipas governou na Galileia, como tetrarca, entre 4 e 39 d.C. Saiu ao pai. Construiu duas importantes e sofisticadas cidades ao estilo grego na Galileia: Séforis, a poucos quilômetros ao Norte de Nazaré, e Tibería-

⁷⁶ WENGST, 1991, p. 44.

⁷⁷ FREYNE, 2008, p. 43.

⁷⁸ ARENS, 1998, p. 59.

⁷⁹ Idumeu, político hábil, e astuto, mas cruel. Eliminou os adversários do regime e todos os considerados perigosos para seu governo. Eliminou Hircano, antigo sumo-sacerdote; Aristóbulo, assassinado no banho; Mariane, sua própria esposa; Alexandre e Aristóbulo, seus filhos; e Antípater, seu primogênito. LOHSE, Eduardo. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 34. Certamente, por isso, conta-se que Augusto dizia ser preferível ser o porco de Herodes do que seu filho.

⁸⁰ Herodes monetarizou a economia. O dinheiro circulava e financiou a urbanização de Cesareia, “o mais ambicioso e ousado projeto nunca antes imaginado no Mediterrâneo oriental”. CROSSAN, 2007, p. 99.

⁸¹ LOHSE, 2004, p. 33.

des, junto ao Lago de Genezaré. Cesareia era uma Roma em miniatura: Séforis, “ornamento de toda a Galiléia”,⁸² e Tiberíades, uma Cesareia em pequena escala.

3.2.4 Mudanças estruturais e exploração dos camponeses

Como reza o ditado, a corda sempre arrebenta no lado mais fraco. A fatura dessa ostentação foi pesar o bolso dos camponeses. A terra, herança e promessa de Javé para o povo eleito, foi assim mudando de dono. As santas promessas estão sendo cumpridas em benefício dos pagãos, estrangeiros e ímpios da terra, aos quais as áreas confiscadas são transferidas.⁸³ O mercado romano exige produção em escala, especialmente a monocultura de cereais; e a produção, antes diversificada e familiar, tende à monocultura e ao latifúndio, que pouco a pouco vai se alastrando nas montanhas e vales férteis da Galileia.⁸⁴ Más colheitas, pragas e secas, aliadas ao peso insuportável da tributação, vão onerando a tal ponto os agricultores e reduzindo seu excedente de consumo, que muitos não suportam o arrocho: ou vendem ou têm que entregar suas terras para pagamento de dívidas,⁸⁵ desfazendo famílias, modificando a estrutura do emprego: de agricultores livres e pequenos proprietários, para jornaleiros ou escravos, quando não para mendicância, bandidagem ou prostituição.⁸⁶ A desnutrição campeia devido à monocultura e ao subemprego, e para livrar-se dela e das dívidas ocorre uma superexploração das pequenas glebas, com os agricultores semeando em áreas impróprias de pedregulhos, espinhos e beiras de estradas, e sonhando em tirar suas uvas dos abrolhos ou figos de espinheiros. Além disto, cidades novas como Séforis e Tiberíades passaram a concorrer com os recursos naturais usados pelos camponeses, em especial a água. Em Nazaré, a arqueologia descobriu a existência de 13,5 km de aquedutos levando água das montanhas para abastecer um consumo de 12 mil habitantes em Séforis,⁸⁷ muitas vezes conspícuo, com evidente impacto na agricultura.

⁸² STAMBAUGH, 2008, p. 81.

⁸³ FREYNE, 2008, p. 45.

⁸⁴ “A policultura e a auto-suficiência das fazendas familiares cederam à monocultura nas terras reais e à troca assimétrica de bens [dois pesos e duas medidas]. O sistema de propriedade das terras deu lugar ao arrendamento, criando economias de escala. Para facilitar a cobrança de impostos para os cofres de Herodes e de Roma, [...] foram criadas moedas que circulavam na economia local. O reino foi comercializado, não no mero sentido mercantilista, mas também no da eficiência na condução do intercâmbio de bens e dinheiro entre o campo e a cidade. O aumento do luxo num dos extremos da sociedade resultou no aumento da mão-de-obra e da pobreza, no outro. A arquitetura cara na cidade representava aumento da agricultura na zona rural. Campo e cidade, logo impostos e mármore”. CROSSAN, 2007, p. 103.

⁸⁵ FREYNE, 2008, p. 44; STAMBAUGH, 2008, p. 82; MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 29; ARENS, 1998, p. 82.

⁸⁶ CROSSAN, J. Dominic. *O essencial de Jesus*. Rio de Janeiro. Imago, 2008. p. 65.

⁸⁷ FREYNE, 2008, p. 43.

Por toda parte, deterioravam-se as condições sociais, além da alimentação. Na moradia, as famílias em geral usavam um só cômodo e uma só cama ou o próprio chão.⁸⁸ Segundo Crossan, conforme escavações, as casas eram “um cômodo de 12,5 m², num pátio, que abrigava em média cinco ou seis pessoas”.⁸⁹ Doenças de pele, tidas como “lepra”, eram comuns,⁹⁰ tensões psicológicas e histerias causadas pela difícil situação mostravam-se como possessões, tudo isto colocava o povo em estado de impureza ritual,⁹¹ ocasionando muita discriminação dos mais pobres.⁹² Vale a pena transcrever aqui a análise de Crossan sobre estas transformações infra-estruturais na vida dos camponeses galileus:

Como a Cesaréia da costa marítima, os edifícios das duas cidades [Séforis e Tiberíades] foram erguidos com a riqueza gerada pela agricultura gerada com a mão-de-obra dos camponeses. Mas, diferindo de Cesaréia, a Galiléia não fazia parte da rede de comércio, e por isto investia muito em seus campos cheios de vinhas e de oliveiras. Essas plantações exigiam métodos agrícolas mais atualizados e intensificação da mão-de-obra, principalmente porque não permitiam períodos de descanso para as terras. Com o crescimento da monocultura desaparecia a policultura, deixando os camponeses perigosamente ameaçados por fracassos de colheita ou por enchentes. Quando as famílias rurais não tinham fundos para pagar os impostos ou se endividavam com a compra de produtos que antes cultivavam, eram obrigadas a transferir as terras para outros. Surgiram, assim, grandes fazendas, e muitas pessoas eram obrigadas a arrendar terras por causa da criação de economia baseada em medidas e pesos usados para as transações das safras. O aumento da moeda circulante na Galiléia facilitava a cobrança de impostos destinados aos projetos de urbanização de Antipas. O reino passava a se comercializar.⁹³

3.2.5 “Mesmo o melhor dos goim, mata-o!”⁹⁴

A difícil situação para os pobres resultava geralmente em ódio e ressentimento contra os romanos.⁹⁵ Surgiram grupos guerrilheiros nos desertos, e muitos desestruturados para lá fugiam, a juntar-se a eles. Grandes revoltas foram desencadeadas em 6 d.C (Judas Galileu), depois da morte de Herodes Magno, quando Jesus tinha por volta de 12 anos. Nessa ocasião, o povo incendiou a fortificação de Séforis, e as aldeias se rebelaram. Posteriormente, em 66 d.C, estourou a rebelião geral, que terminou com a destruição de Jerusalém e do templo, no ano 70 d.C. Mais tarde, uma última e grande revolta desencadeou-se em 132-135 d.C (Bar Kokhba), com a

⁸⁸ LOHSE, 2004, p. 159.

⁸⁹ CROSSAN, 2008, p. 165.

⁹⁰ CROSSAN, 1995, p. 93.

⁹¹ Os camponeses empobrecidos comiam o que encontravam, diferentemente dos ricos, que tinham alternativas. A oposição de Jesus às leis de pureza, quando ocorreu, deve ser vista como solidariedade aos pobres e misericórdia para com eles. CROSSAN, 2008, p. 164.

⁹² As doenças e males do corpo eram uma imagem reduzida das doenças e males da sociedade. “O corpo é um mandado da sociedade reduzido”. CROSSAN, 1995, p. 90.

⁹³ CROSSAN, 2007, p. 110.

⁹⁴ Ditado judeu da ocasião.

⁹⁵ Um outro ditado, que, como o acima, foi-nos apontado por Chouraqui: “Não se deve confiar em nenhum goim [leia-se “romano”], mesmo que ele estiver no túmulo há 40 anos”. CHOURAQUI, 1966, p. 19.

derrota total dos judeus. Essas desesperadas rebeliões foram esmagadas com muito sangue. Na primeira, Quintiliano Varo, segundo Josefo, queimou aldeias próximas a Séforis, crucificou 2000 judeus e escravizou a vários. Imagine-se o impacto que isto pode ter causado na família, nos amigos e nos parentes do Jesus menino, tudo isto ocorrendo ali perto de sua casa! Na guerra da Judeia, mais tarde, em 66-70 d.C, Tácito calculou 600 mil mortos (o Talmude estimou 1500 mil),⁹⁶ e incontáveis escravizados.⁹⁷ A incidência na Galileia foi terrível, com a destruição de Séforis e Tiberíades, e muitas aldeias da região.⁹⁸

Sendo assim, os dias do povo não eram fáceis. Premidos por dívidas, ameaçados de perder as terras, famintos e doentes, fustigados pelos romanos e os credores, discriminados pela religião, muitos desanimavam.⁹⁹ A maioria, contudo, fervilhava em esperança messiânica, e se voltavam para Deus, pedindo que mandasse o Messias prometido, para libertar Israel de seus tormentos, expulsar os romanos idólatras e estabelecer em Jerusalém, para sempre, o seu reinado de paz, justiça e liberdade.

Eis o cenário que Deus escolheu para mandar-nos Jesus. Como deverá ter impactado nele tais acontecimentos, que vivenciou desde pequenino? O que sentiu? O que pensou? Que fez ele? Onde e em favor de quem se situou? E nós, que buscamos segui-lo, que fazer, hoje?

3.3 Jesus em busca de Deus, fiel ao projeto do Pai

3.3.1 A formação, em Nazaré

Dois fatores incidiram na caminhada de Jesus de Nazaré: a presença de Deus nele, alentada por uma família profundamente enraizada nas tradições de Israel; e o cenário no qual ele nasceu e foi criado. Cresceu na casa paterna, ouvindo histórias da tradição israelita, decorando textos sagrados e litúrgicos, aprendendo o ofício do pai, carpinteiro (*tékton*). Escola pública com certeza Nazaré não tinha, mas havia registros de uma pequena sinagoga (Lc 4.16ss). Em geral, ali havia ao menos de um rolo da Torá, salmos e um profeta (Isaías). Pode ter peregrinado com a

⁹⁶ CHOURAQUI, 1966, p. 35.

⁹⁷ Nos mercados mediterrâneos, contava-se que o preço de um escravo judeu passara a valer menos que o de um jumento.

⁹⁸ Sobre a conquista de uma cidade Galileia, conta Flávio Josefo: “depois que os homens adestrados nas armas tinham sido vencidos, o povo restante foi abatido debaixo do céu aberto e nas casas, tanto jovens como velhos. Não restava vivo ninguém do sexo masculino quando as crianças menores foram levadas como escravas juntamente com as mulheres”. WENGST, 1991, p. 30.

⁹⁹ A perda da terra levou à erosão os valores religiosos da promessa e da aliança: “A substituição de um modo de produção baseado na confiança nas bênçãos sazonais concedidas por Javé a Israel por outro baseado na ganância na opulência e na exploração quebrou inevitavelmente a tênue conexão ainda existente entre a terra, o povo e as questões religiosas”. FREYNE, 2008, p. 44.

família, e aprendido em seu ambiente de trabalho elementos da cultura helenista. Certamente sabia ler (Mc 2.25; 12.10; 12.26; Mt 12.5; 19.4; 21.16; Lc 4.16ss, etc.).¹⁰⁰

Era angustiante a situação dos camponeses, e a opressão do povo pela aristocracia e os romanos. Jesus teria cerca de 10 anos quando Varo, a mando de Gaio, incendiou Séforis e as aldeias próximas, apavorando os camponeses, “levando como escravos grande parte da população”. Não se sabe se isto afetou pessoalmente a Jesus, mas tudo isso aconteceu muito perto de sua casa e deve ter desestruturado a região. A esse respeito, escreveu Pagola:

Não sabemos o que pôde ter acontecido a sua família. Mas podemos estar seguros de que a brutal intervenção de Roma foi recordada durante muito tempo. Os camponeses das aldeias não esquecem facilmente coisas deste género. É muito provável que Jesus as tenha ouvido desde criança com o coração oprimido. Ele sabia muito bem de que falava quando, mais tarde, caracterizava os romanos como governantes de nações que governam os povos como senhores absolutos e os oprimem com seu poder.¹⁰¹

3.3.2 *Discipulado com João Batista: primeiro marco da procura de Jesus*

O ambiente psicossocial que envolveu a formação de Jesus era, pois, o de uma nação sob brutal ocupação militar, sujeita a um regime tributarista com elevada exploração dos camponeses.¹⁰² O povo, de profundas raízes religiosas, via seu sumo sacerdote e as autoridades servindo o poder estrangeiro e potencializando sobre eles essa injustiça. Em consequência, bramiam, no deserto, a voz de movimentos proféticos que pregavam obediência à lei divina, penitência e conversão dos pecados como forma de salvar da destruição inevitável.

O maior deles foi João Batista, de família sacerdotal, que atuava na Perea, a Leste do Jordão, próximo de Jericó. Proclamava o fracasso de Israel e do povo e o rompimento da Aliança com Javé (Lc 3.1-17; Mt 3.1-12; Mc 1.1-8). Assim, pregava o arrependimento ante o fim próximo, e o arrasador juízo de Deus. Para se livrarem da condenação e receberem o perdão divino, os fiéis tinham que ser batizados por ele, em nome de Deus, na torrente do Jordão, confessando em alta voz os seus pecados e se comprometendo a realizar boas obras. Só esse arrependimento poderia evitar a desgraça implacável que a ira de Javé preparava para Israel, na iminência de destruí-lo. Multidões acorriam ao deserto para serem batizadas por João, que, em sua

¹⁰⁰ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 382.

¹⁰¹ PAGOLA, Antonio. *Jesus: uma abordagem histórica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008. p. 18.

¹⁰² “A carga fiscal era, com certeza, esmagadora. Muitas famílias viam ir em tributos e impostos a terça parte e até metade, daquilo que produziam. Difícil era fugir dos cobradores que se apresentavam pessoalmente para levar os produtos e armazenar em Séforis ou Tiberíades. O problema principal dos agricultores era ficar com semente suficiente para a sementeira seguinte e ver como podiam subsistir até a próxima colheita sem cair no endividamento”. Sanders, Oakman, Freyne, Horsley pensam assim sobre a carga fiscal. PAGOLA, 2008, p. 26.

prédica, descaracterizava o templo de Jerusalém e os sacrifícios rituais como caminho para perdão dos pecados.

É verdade histórica que Jesus foi batizado por João, pois as narrativas evangélicas (Mc1.9-11; Mt 3.13-17; Lc 3.21-22; Jo 1.29-34, e também os apócrifos, como os dos ebionitas e nazarenos¹⁰³) buscam uma forma redacional para colocar o Batista em posição inferior a Jesus.

Mas o importante é ressaltar que o coração de Jesus foi tocado pela palavra de João e ele identificou-se com sua pregação. Abandonou tudo em Nazaré, escolheu um rumo de vida dedicada ao povo, mas distante do templo e do palácio. Buscou o batismo de João, tornou-se discípulo, mas depois seguiu seu ministério por um caminho diferente da pregação do antigo mestre. Aí está o Jesus *buscador* de Deus. Como pontuou Pagola, “Jesus não tinha projeto próprio quando buscou João”; foi levado, seduzido por ele, “que punha Deus no centro e no horizonte de toda a busca de salvação”. Tudo mais ficava relativizado: templo, sacrifícios, pertença ao povo eleito: importava apenas o amor de Deus e o perdão que ele oferecia, como um renascimento para Israel.¹⁰⁴ “Jesus não só aceitou o projeto de João como também aderiu a esse grupo de discípulos e colaboradores”.¹⁰⁵ Aí conheceu André e Simão, seus futuros discípulos, de Betsaida.

Theissen e Mertz reconhecem esse discipulado de Jesus com João: “Jesus reconheceu João por um bom período como seu mestre, como seu superior, e se fez batizar por ele para perdão de pecados. Ele era um dos muitos dos que em Israel queriam converter-se para fugir do juízo iminente”.¹⁰⁶ Em outras palavras, Jesus no início se colocou “inferior” a João.

Para Schillebeeckx, sem o movimento de João não se pode entender Jesus: “A pregação de João atingiu pessoalmente a Jesus, que pessoalmente concordou com o apelo para a conversão. Isso precisamos levar a sério. [...] Jesus mais tarde optou por outro caminho de vida”. Não se pode saber historicamente se Jesus foi discípulo de João Batista, mas no quarto evangelho ele é visto como tal (Jo 3.22-36-4.1-2). Acentua que Jesus não se submeteu fingidamente ao batismo, nem cometeu um engano de juventude. O Batismo de Jesus por João foi, para Jesus, “uma experiência de abertura, reveladora”; um primeiro passo, profético, que se desdobrou posteriormente, enriquecido de outras perspectivas. Conforme Lc 20.4, o batismo de João “veio do

¹⁰³ THEISSEN; MERZ, 2002, p. 230.

¹⁰⁴ PAGOLA, 2008, p. 66.

¹⁰⁵ PAGOLA, 2008, p. 76.

¹⁰⁶ THEISSEN; MERTZ, 2002, p. 231.

céu”, e portanto “é assim o lugar da primeira revelação da salvação divina para nós em Jesus”.¹⁰⁷

Crossan endossa tal perspectiva, afirmando que Jesus superou a ótica de João e desenvolveu uma mensagem alternativa para seu próprio ministério, e para tanto compara Tomé 46 e Mt 11.11 (Lc 7.28) com Tomé 78 e Mt 7b-9, mostrando aí a evolução do pensamento de Jesus no que diz respeito à importância de João. Outrossim, considera o João que Jejuia e o Jesus que banqueteia.¹⁰⁸

3.3.3 Segunda etapa da procura de Jesus: a Lei ou a Graça?

Mas para desapontamento dos discípulos de João, não veio a restauração apocalíptica iminente, e sim a polícia de Antipas, que prendeu João em Maqueronte e depois o executou. A repressão deve ter atingido os seguidores mais próximos, e Jesus talvez por isto encontrou boa ocasião para se embrenhar no deserto, insinua Ched Myers, como faziam os perseguidos. Os evangelistas proclamam que aos ermos ele foi levado pelo Espírito (Lc 4.1; Mt 4.1; Mc 1.12). Na verdade, como vimos, toda autotranscendência é movida pelo Espírito (inclusive a de Jesus). O Espírito é como o pescador, que aciona a carretilha à beliscada do peixe. A passagem pelo deserto é um dos relatos mais belos e profundos dos evangelhos (Lc 4.1-11; Mc 1.12-13; Mt 4.1-11 e Jo 1.29-34). Ali Jesus discerniu sobre o seu ministério, o seu messianismo. Provavelmente já realizara ensaios de missão independente. Aqui refletiremos *en passant* sobre Marcos e Lucas. Ambos radicais.

Marcos chama atenção para o verso 13: “E ele esteve no deserto quarenta dias sendo tentado por satanás (a); e vivia entre as feras, e os anjos o serviam (b)”. Em (a), como sabido, Marcos reporta a Elias e ao Êxodo. O verso 13b é um encaixe apocalíptico, como ponderou Ched Myers. Linguagem cifrada, para repressão não ler. As “feras” seriam as forças do mal, ligadas aos romanos e Antipas. Elas acoossaram Jesus e ajudaram a Satanás em seu empenho persuasório, o que não deve ter sido nada sutil. Os anjos, as forças de resistência que lhe devem ter acolhido. Uma batalha dos céus, entre os poderes de Deus e do Diabo na terra do deserto, naquele crucial momento da história em que o Reino começava a estar presente. Batalha esta que, no entender de Ched Myers,¹⁰⁹ equivaleria hoje a uma “luta por corações e mentes”. Coisa que o povo chama de “luta de cachorro grande”. Ali Jesus deve ter considerado seriamente todas as

¹⁰⁷ SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 130-131.

¹⁰⁸ CROSSAN, 1995, p. 60.

¹⁰⁹ MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 170 e 407.

possibilidades: recuar e quem sabe tentar ir para Jerusalém (poderia tentar o templo, ou o sinédrio...), aderir à *Pax Romana*, suas delícias e seus interesses globalizados, ou quem sabe ainda insistir no projeto de João; ou então, decidir seguir em frente, sem olhar para trás, livre e solto à Graça! O texto de Lucas mostra o que aconteceu.

Em Lucas 4.1-13, Jesus é posto à prova pelas três tentações que sempre sucumbiram Israel, a Igreja e cada um de nós mesmos: riqueza (pão, dinheiro), poder e prestígio (propaganda milagreira, poder do *marketing* inclusive religioso). Sendo que o *poder* (a pior das três!) é propriedade particular do diabo, que ele dá a *quem ele quer* (v. 6)... Satã quer induzir Jesus a seguir o seu projeto. E usa a Bíblia em sua argumentação, em um fundamentalismo impecável. Jesus o contesta com a Bíblia. Ele, que percebera a inutilidade da resistência armada, naquela situação precária que passava, e que a santidade de João não fora capaz de atrair a ação saneadora de Javé pelo juízo final, descobriu também a relatividade da Lei. Tudo que o sistema apresentava sedutoramente a ele podia ser legitimado na letra da Torá. E todos os argumentos contrários, que Jesus esgrimiu, foram tirados do mesmo livro. Assim sendo, vale mais a Graça, à qual a Lei precisa servir, e não o contrário. Por ela, ele assumiria encarnar o Servo Sofredor de Isaías, pelo qual se apaixonara, já em Nazaré, e que certamente João, letrado, de família sacerdotal, lhe teria ajudado a compreender, em torno à fogueira, nas noites estreladas do deserto.

3.3.4 Terceira etapa da busca de Jesus: ministério na Galileia

Sai, então, para a Galileia, animado com seu novo projeto, anunciando a Boa Nova do Reino de Deus, sua misericórdia e gratuidade, e não mais o juízo severo de Javé: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1.14-15; Mt 4.17). Em sua estreia, na sinagoga de Cafarnaúm (Lc 4.16-30), Jesus expõe seu programa em defesa dos excluídos, evocando Isaías 61.1-2.

Estabeleceu sua base em Cafarnaúm, pequena cidade às margens do lago de Genesaré, uma espécie de capital da roça, maior que Nazaré e melhor situada em relação aos caminhos que cortavam a Galileia em direção ao mar e ao deserto. Diferente de João, não fica à beira do Jordão, esperando o povo vir até ele; mas a perambular, como profeta itinerante, pelos caminhos e aldeias, a curar os enfermos e expulsar demônios, fazendo discípulos e discípulas andarilhos, que com ele iam criando e animando pequenas comunidades. Não consta que tenha ido a Séforis nem a Tiberíades, bem na toca de Antipas. Falava do mesmo jeito do povo, por parábolas, mas tinha língua afiada para os exploradores dos pobres. Eis que afinal chegava alguém, enviado de Javé, para trazer boas notícias aos camponeses! E eles se maravilhavam com suas pala-

bras, seus prodígios e sua autoridade. Colocava-se como mestre e aprendiz, como os buscadores de Deus, aberto a todos os questionamentos, sempre à procura da verdade. Neste sentido, mudou seu ponto de vista pelo menos uma vez, no diálogo com a cananeia que buscava cura para sua filha enferma, inicialmente negada com palavras duras por Jesus (Mt 15.21-28; Mc 7.24-30). Seu ministério atemorizava os adversários, que desde o início procuravam um meio de eliminá-lo (Mc 3.6). Ele percebia que aquele caminho que abraçara fatalmente o levaria à cruz, mas seguiu em frente, obediente à misericórdia e à justiça de Deus. Jesus pregava a iminência do Reino de Deus e a vinda do Filho do Homem para o juízo derradeiro, mas as massas não se convertiam, o reino de Deus, embora já inaugurado, não irrompia, e mesmo os discípulos mais próximos não compreendiam sua mensagem. Avizinhava-se a páscoa, e ele decidiu subir para Jerusalém. Quem sabe ali não teria mais sucesso? Quem sabe seu testemunho profético na Cidade Santa, na simbólica festa do Êxodo, não poderia desencadear a eclosão definitiva do Reino de Deus, para sanar a religião, e libertar os pobres tão sofridos?

3.3.5 Quarta etapa: subindo para a Cidade Santa

Entretanto, não há certeza nem consenso sobre a verdadeira razão pela qual Jesus quis deixar a Galileia e subir para Jerusalém, seguido de seus medrosos e inseguros discípulos e discípulas. As fontes não explicam. “Os discípulos ficaram alarmados”, era muito perigoso. Para cumprir a Aliança, desejaria ele provocar, junto ao centro do poder político, uma intervenção gloriosa de Javé, que não ocorrera, na Galileia? Queria desafiar as autoridades para conversão de todo povo ao Reino? Obrigar, por uma ação drástica, a restauração plena de Israel?¹¹⁰

Jesus seguia acreditando na iminência da eclosão definitiva do Reino, e os evangelhos comprovam isto (Lc 9.27;¹¹¹ Mt 16.28; Mc 9.1), mas sua missão na Galileia aparentemente não obtivera sucesso. Nem o povo se converteu, nem mesmo os apóstolos entendiam suas palavras. O que fazer? Qual o próximo passo em sua busca? Teria decidido radicalizar? Seria esse o sentido de seu apelo em Lc 9.23?¹¹² O fato é que os discípulos o seguiram amedrontados (*ephobounto*).¹¹³ E em Lc 9.51 consta um detalhe revelador: Jesus “tomou resolutamente o caminho de Jerusalém”. O texto grego diz “*autòs tò prósoton estérisen*”, ou seja: “ele o rosto firmou” para ir a Jerusalém.¹¹⁴ Isto é, ele franziu o cenho, como faz o atleta em uma prova difícil. Queria obter um resultado, tal-

¹¹⁰ PAGOLA, 2008, p. 367.

¹¹¹ Lc 9.27: “Eu vos digo, verdadeiramente, que algum dos presentes não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus”. A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 183.

¹¹² “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz a cada dia e siga-me”.

¹¹³ MYERS, 1992, p. 235.

¹¹⁴ Conforme o NOVO TESTAMENTO Interlinear. Barueri: SBB, 2004. p. 262.

vez uma resposta do Pai, lá na cova do leão, à sombra do templo e da torre Antônia, em face de Pilatos e do Sumo Sacerdote. Haveria insubordinação maior do que esta? Certamente esta difícil decisão Jesus não contava adotar alguns meses antes. Isto pode indicar que ele estava buscando um caminho para que o Reino acontecesse em definitivo. O fato é que ele já entrou em Jerusalém provocando as autoridades. Chegou montado em um jumentinho, seguido por um bando ruidoso de galileus que o aclamavam, ironizando a entrada triunfal que Pilatos, em seu belo corcel e com seu secto suntuoso e fortemente armado, costumava fazer quando chegava à Cidade Santa. Não satisfeito, entrou no recinto do templo e ali fez um ato profético e ousado: sabotou a compra de animais para sacrifícios no templo, derrubando as mesas dos cambistas e indo contra os interesses das famílias sacerdotais que exploravam aquele comércio (Lc 19.28-38; 19.45-46).

3.3.6 *Quinta e última etapa da procura de Jesus: paixão e morte do profeta*

Escondido com os discípulos no horto das oliveiras, depois da ceia, ele caiu em si e sentiu pavor em face ao destino iminente, consequência lógica de sua subversão. Veio a dúvida, e uma vontade imensa de escapar por um caminho diverso ao da *via crucis* que iria fatalmente acontecer, dividido às circunstâncias. Mas apegou-se à oração, profunda e solitária: “Pai, se quiseres, afasta de mim esse cálice. Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!” (Lc 22.42). E mais uma vez ele se entrega, às cegas, mas confiante. Mesmo sem compreender as intenções do Pai. Como entender que esse pai, de imensa bondade, como Jesus testemunhava, vá permitir que seu filho amado, justo e inocente, seja assim entregue a seus inimigos, para sofrer uma morte tão infame e dolorosa? Que pai age assim?! Na oração profunda, a confiança nesse amor e nessa misericórdia superou a incerteza, e ele assumiu as consequências todas, inclusive aquela morte terrível.

Já na cruz, viu-se sozinho, vazio e desolado. Seus amigos fugiram. Deus se calou. Marcos conta que ele gritou: “Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?” (Mc 15.34). Esse brado de desespero não partiu do “Filho de Deus”, mas do fiel israelita, orando com o salmo 22: “Por que te alongas das palavras do meu bramido, e não me auxilias?” (Sl 22.1). Lucas relata que ele deu um grande grito e expirou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Mesmo sem entender, entregou-se com fé. Nu, exangue, exposto, sem compreender direito o que se passava, mas sem perder a fé no projeto de Deus, seja ele qual for. Vazio e despojado na cruz, em meio a tormentos incríveis, chegou ao final de sua procura. Do profeta Galileu, restou apenas uma ferida, e uma grande e imaculada fé. Deus então tomou-o, repletou-o de si, transbordantemente. Assim como o fogo da vela consome a mariposa que o abraça, assim aconteceu a união total entre Deus e Jesus. A perseverança na busca cega de Jesus levou Deus a salvar toda a humanidade. Só um Deus sofredor pode nos libertar, concluiu Bonhoeffer.

A ressurreição é consequência óbvia dessa metamorfose, pois o Deus da Bíblia não conhece a morte. Na antiguidade, os deuses só sofriam quando eram derrotados. Uma guerra de povos era uma guerra de deuses, e nas batalhas os deuses ganhavam ou perdiam. Pela crucifixão, Jesus estaria derrotado, em nome de Javé, seu pai. Por isto, também, Deus interveio, ressuscitando-o. Após a Páscoa, como contam os evangelhos, nada mais restou daquele atormentado das Oliveiras e do Calvário, mas um vencedor da morte a manifestar-se às mulheres e ao casal de Emaús, sereno e seguro. Na plenitude da paz e do Espírito, animando sua pequena comunidade de testemunhas e anunciadores do Reino de Deus, que eclodira nele. A procura de Jesus terminou levando ao Servo Sofredor de Isaías (Is 53), que na cruz encarnou e venceu a injustiça e a opressão que o mundo impõe aos pobres e aos humildes, abrindo caminho para sua definitiva libertação.

Com certeza, a encarnação de Jesus aconteceu no momento e na forma mais conveniente para o projeto de Deus. O momento histórico desse acontecimento ímpar coincidiu com um dos períodos mais tumultuados da história da humanidade, quando se consolidava um império global opressor, que se estendia da Península Ibérica às distantes terras dos Partos; do Centro-Norte da Europa ao Norte da África. Todo Mediterrâneo era romano. Israel sofria profundas transformações culturais, sociais e econômicas, desestabilizando a população camponesa pela consolidação da cultura grega; por agudas transformações estruturais no campo; pela concentração de renda e a transferência da mesma para mãos estrangeiras. Tão grave o processo que pouco mais de trinta anos após a morte de Jesus, estourou uma rebelião desesperada que resultou na destruição de Jerusalém e do templo, e em uma diáspora dos judeus que só foi terminar quase dois mil anos depois. Nesse momento, ocorreu o fenômeno Jesus de Nazaré. O Filho do Homem inseriu-se na história em favor dos oprimidos e dos excluídos da religião e da sociedade, pregando a recuperação da Antiga Aliança, em sua proclamação do Reinado de Deus. Fome, miséria e desonra eram incompatíveis com a vontade de Javé. Jesus irrompeu naquele contexto como o novo Moisés, para livrar o povo da escravidão e da fome, abrir os olhos dos cegos, proteger as viúvas e os órfãos, sarar os doentes e os estropiados. Verdadeiro Deus, verdadeiro ser humano, seu ministério teve nítidas características de busca de Deus, expressa nas Escrituras; de tomadas de decisão circunstanciais em face do contexto político-social-religioso em que encarnou, tomando partido pelos famintos, testemunhando para seus discípulos – os daquele tempo e da posteridade – as opções que Deus queria ver assumidas por todos os homens e mulheres que lhe fossem fiéis.

No próximo capítulo, iremos inferir de maneira mais direta o que Deus espera de nós, a partir da herança dos homens e mulheres que, movidos por sua autotranscendência, aproximaram-se de Jesus por um profundo desejo de seus corações buscadores.

4 AS PESSOAS QUE BUSCAM ATRAVÉS DE JESUS

Os evangelhos nos apresentam muitas pessoas que procuraram a Jesus, com variadas motivações. Homens e mulheres, sadios e enfermos, ricos e pobres, judeus e gentios. Muitos buscavam cura para suas enfermidades. Outros levavam pessoas possuídas pelo demônio. Houve quem o procurasse para provocá-lo e desmoralizá-lo. Outros, bajulá-lo e homenageá-lo. Outros mais para polemizar. Uns iam apenas ouvi-lo, e, por curiosidade, ver os prodígios que operava.

Entretanto, algumas pessoas iam ter com ele movidas por um impulso interior muito forte, de seu âmago. Não buscavam cura, não estavam possessos, não queriam coisas materiais, não eram famintos. Apenas buscavam, por impulso de sua autotranscendência. Vislumbravam nele a presença do Deus de bondade e misericórdia, que fizera aliança com todo o povo, mas de cuja presença sentiam-se excluídos. Pessoas talvez de uma procura intensa, que viam em Jesus alguma razão que lhes desse sentido de ser. Igual a eles, muitas pessoas buscam hoje a Deus, e indagam: qual o resultado daquele encontro? Mudou suas vidas? O que lhes aconteceu?

São aqueles buscadores de Jesus, os que iremos destacar. Vejamos quem eram, o que queriam, em que ambiente se encontraram com Jesus, como se aproximaram, qual a reação de Jesus, qual o impacto no ambiente em que se desenrolou a ação, e qual a consequência neles próprios. Daquela herança, queremos intuir alguns ensinamentos para nossa procura, para que alcancemos um fiel discipulado de Jesus.

4.1 Escolha das perícopes

Na literatura do Novo Testamento, preferimos os evangelhos sinóticos. João também apresenta interessantes situações de buscadores, e poderia ser incluído. Mas sua obra é mais complexa, e volta-se para “alcançar um conhecimento mais profundo e luminoso do mistério de Jesus”, sua vida, seus gestos, suas palavras.¹¹⁵ Os evangelhos sinóticos enfatizam mais precisamente a vida e o ministério do Mestre, a partir das características, dificuldades e a prática das respectivas comunidades de Marcos, Lucas e Mateus.

¹¹⁵ INTRODUÇÃO a João. In: A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 228.

4.1.1 O Evangelho de Lucas

Dos sinóticos, optamos por ancorar nossa pesquisa no Evangelho de Lucas, o qual, com os Atos dos Apóstolos, formam a obra lucana. A partir dele, iremos alcançar elementos correspondentes em Marcos e Mateus, mediante análise sinótica.

Lucas era médico, e o consenso crítico atual distingue-o daquele companheiro de Paulo descrito em Fm 24, Cl 4.14 e 2Tm 4.11, devido a contradições entre os Atos dos Apóstolos e as cartas paulinas autênticas.

Gerd Theissen descreve Lucas como um antigo pagão “temente a Deus”.¹¹⁶ Os “Tementes a Deus” eram originariamente gentios. Por serem em geral pessoas de posses, protegiam comunidades cristãs ou judias.¹¹⁷ De início, eram atraídos pela fé e *ethos* do judaísmo, mas não se incorporavam plenamente, por discordarem de exigências da Lei judaica como a circuncisão e algumas regras alimentares. Muitos passaram ao cristianismo, por encontrarem ali um *ethos* semelhante, e serem acolhidos com igualdade de direitos na comunidade cristã, em que as observâncias eram mais liberais.¹¹⁸

O autor, que se discute ter sido aquele companheiro de Paulo nomeado em 2Tm 4.11, dirige seu evangelho a um “excelentíssimo Teófilo” (*Krátiste Theófile*, Lc 1.4). Esse tratamento, usado para altos dignatários romanos,¹¹⁹ sugere o público-alvo a que se destina o evangelho: gentios instruídos, mas não exclusivamente. Pessoas que hoje poderiam enquadrar-se na classe média urbana. A obra foi escrita no período entre a destruição de Jerusalém (70 d.C) e 140 d.C, pois há referência dela em Marcião. Gerd Theissen vê possibilidade de ter sido elaborada perto de 96 d.C, ano da queda de Domiciano, um tirano que se considerava deus. Esta possibilidade é dada a partir do *Magnificat* (Lc 1.46-56), que saúda a derrubada dos poderosos; e At 5.29; 4.19, que submetem a obediência dos homens à obediência de Deus.¹²⁰ A morte do tirano possibilitaria a difusão do texto pelas camadas mais cultas do Império. Segundo Wayne Meeks, as *ekklésias* eram constituídas por pessoas de diferentes estamentos sociais, abrangendo tanto escravos quanto amos, mas o *ethos* dos dirigentes estaria mais próximo ao dos patrões. Assim sendo, também participavam das comunidades cristãs artesãos livres ou pequenos comerciantes, mulheres ricas e independentes, judeus ricos, gentios que aderiram à sinagoga, e até “famílias cae-

¹¹⁶ THEISSEN, Gerd. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 86.

¹¹⁷ Os convertidos dos estamentos mais baixos eram chamados “prosélitos”. Cf. THEISSEN, 1985, p. 225.

¹¹⁸ THEISSEN, Gerd. *Estudios de Sociología del Cristianismo Primitivo*. Salamanca: Sígueme, 1985. p. 225. Theissen ironiza dizendo que “Paulo vende um judaísmo a preço de liquidação” (p. 227).

¹¹⁹ KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005. p. xiii.

¹²⁰ THEISSEN, 2007, p. 87.

saris”.¹²¹ Orientando seu texto para cristãos originariamente mais abastados, Lucas poderia estar querendo enquadrar *todos* os congregados em uma ética social em que ponteava a denúncia contra os ricos, a fraternidade e a partilha de bens, de tal maneira que não reproduzisse, ali, privilégios e discriminações frequentes na sociedade romana.

Theissen também sustenta que Lucas desenvolve em seu evangelho uma ética da posse e do poder, valorizando a penetração do cristianismo nas altas esferas sociais, mas afirmando uma crítica radical à ideologia da riqueza, com a qual seria possível viver construtivamente. A partilha é um dever de todos, ricos e pobres. Preconiza também uma lealdade crítica para com o Estado, em que se encontram bons e maus servidores. Da mesma forma, enfatiza a inclusividade: Jesus é o libertador ungido pelo Espírito, que veio para resgatar o que estava perdido (Lc 5.32; 19.10; 15.17); acolhe em nome de Deus os fracos e os excluídos, traz a salvação para os pobres e enfermos, dedica atenção amorosa para os que se convertem, e questiona os que se consideram ‘modelos’. O recado de Lucas é, pois, para os que precisam mudar de comportamento, como o filho mais velho do pai misericordioso (Lc 15.11-32), que se considera e é socialmente considerado “bom”.¹²² De alguma maneira, essa opção de Lucas conforma-se com o objetivo de mudar a perspectiva dos cristãos, que naquela época acreditavam na iminência da *parousia*, colocando-lhes a dimensão do longo prazo, a ser vivido neste mundo, em convivência com aquele império romano, porém, em fraternidade. Considera o tempo como história da salvação, dividindo-o em três etapas: o tempo da promessa, igual ao Primeiro Testamento; o tempo do cumprimento da promessa, a vida de Jesus; e, a vida dos fiéis neste mundo, animados pelo Espírito, na comunidade eclesial. Leva-os a se situarem, firmarem os pés no chão; prioriza a prática das comunidades, como imperativo para comparecer perante Deus “de cabeça erguida”, no juízo final.¹²³

Sendo assim, o Evangelho de Lucas enquadra-se melhor na perspectiva deste trabalho, que tem a intenção de sacudir os cristãos de classe média, acomodados, alheios e frequentemente conservadores do ponto de vista social. Sem dúvida, a obra lucana visava as igrejas do mundo grego, marcadas pela cultura helênica. O estilo é familiar à literatura helenista, cheio de diálogos, cenas de simpósio, viagens, etc. As características acima descritas favorecem sua redação em Roma, como reza a tradição, ou em outra grande cidade do Mediterrâneo Ocidental.

¹²¹ MEEKS, 1992, p. 119.

¹²² THEISSEN, 2007, p. 90-92.

¹²³ KONINGS, 2005, p. xiv.

4.1.2 Perícopes escolhidas¹²⁴

Levando em conta as considerações já tecidas no item anterior, o exame do texto lucano evidenciou as seguintes passagens:

- a) A mulher pecadora que unge a Jesus (Lc 7.36-49);
- b) A vocação fracassada do rico: o homem de posição que queria ser perfeito (Lc 18.18-30)
- c) Zaqueu, o cobrador de impostos (Lc 19.1-10);
- d) Arimateia, o político que enterrou Jesus (Lc 24.50-55)

Apesar de não ser material lucano, iremos analisar também o episódio da visita dos magos, específico de Mateus (Mt 2.1-12). Vemos muita afinidade com a situação de busca desenvolvida nesta pesquisa (a iniciativa de busca parte de um sentimento interior do buscador, e não de alguma carência objetiva), harmonizando-se ainda com os demais critérios para a seleção das narrativas. Nas análises, usaremos a *Bíblia de Jerusalém*, apoiada pelo *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*, da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), e pela *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, de Johan Konings.¹²⁵ O contexto amplo e o estilo comum às perícopes lucanas estão apresentados em item acima.

4.1.2.1 A pecadora que ungiu a Jesus¹²⁶

- a) Resumo, gênero, delimitação do texto e contexto literário

Reclinado à mesa em casa de um fariseu, irrompe na sala uma pecadora, que lava e unge os pés de Jesus, com suas copiosas lágrimas e fino perfume, provocando escândalo no anfitrião. Jesus percebe e conta uma parábola na qual dois devedores são perdoados pelo credor. E pergunta qual dos dois o amará mais: o que tinha dívida menor, ou quem lhe devia mais dinheiro. Tendo o fariseu apontado o que devia mais, Jesus mostrou-lhe que ela, ungiu-lhe os pés, prestara-lhe as homenagens devidas ao hóspede, negligenciadas pelo dono da casa, demonstrando muito amor. Em seguida, perdoou os pecados dela e a despediu em paz, dizendo: “Tua fé te salvou”. Jesus, pois, enfatiza a excelência do amor e da misericórdia sobre a observância estrita da Lei que, através do “código sacerdotal”, impunha rígida separação entre pessoas consideradas “puras” e “impuras”. O contato de Jesus com publicanos e pecadores (os impuros, ex-

¹²⁴ O estudo dos textos será referenciado pelo roteiro de CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Chave para análise de textos bíblicos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

¹²⁵ KONINGS, 2005.

¹²⁶ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 173: nessa obra, Schillebeeckx defende que esta perícopa de Lc não é proveniente do Jesus histórico, mas constitui “afirmações eclesiais do cristianismo primitivo sobre Jesus”.

cluídos da época, juntamente com as mulheres, doentes, prostitutas, etc.) é mencionado em não menos de 4 tradições literariamente independentes”, de Mc, Q, Lc e Mt.

O texto estudado insere-se no material discursivo dos evangelhos – um *dito* de Jesus. Pode ser classificado como parábola. Uma “narrativa de conversão”, na tradição cristã, com retoques eclesiais; e até litúrgicos, com uso na liturgia do batismo.¹²⁷ Um dos mais vivos textos sobre a abertura de Jesus para com os pecadores, e um dos poucos casos em que o Evangelho descreve a circunstância que originou a parábola. Uma *parábola circunstanciada*, diríamos.¹²⁸

O corpo da perícopie tem por abertura o verso 36 de Lc 7, e conclui no verso 50 do mesmo capítulo. O contexto imediato (Lc 7.31-35) contempla o julgamento de Jesus sobre sua geração, mostrando a incoerência presente na rejeição que sofrem Jesus e de João Batista, devido certamente à impiedade e aos preconceitos dos que se acham cumpridores da Lei. Esses versículos fecham a perícopie anterior, que exalta o profeta (Lc 7.18-30) e preparam a narrativa que estamos estudando. O contexto posterior, Lc 8.1-3 (mulheres que seguem a Jesus), é uma continuidade de nossa perícopie, pois sugere que o pecador perdoado e salvo pela misericórdia de Deus assume o caminho do seguimento e do discipulado de Jesus.

A existência de textos paralelos é controversa. Muitos autores, entre eles Konings, mostram os episódios citados em Mc 14.3-9 e Mt 27.57-60 como paralelos a Lc 31-50. Embora o contexto seja parecido, sigo a opinião de E. Schillebeeckx, de que as tradições são diferentes, e que a unção marcana, seguida por Mateus, falta em Lucas.¹²⁹

b) Eleição e análise das subunidades do texto

b.1) *Abertura (v. 36) – homenagem do fariseu a um profeta*

Simão, o fariseu, sabia da fama de Jesus como homem de Deus e profeta, e certamente quis homenageá-lo (e a si mesmo) com um banquete. Sentar-se à mesa com alguém, para o judeu, era penhor de um grande respeito pela pessoa, uma abertura à amizade e à intimidade. Jesus, como sempre fazia, compareceu. Seu coração era aberto a todas as pessoas.

b.2) *Motivação da parábola (v. 37-40) – testemunho amoroso da pecadora*

¹²⁷ PAGOLA, 2008, p. 199.

¹²⁸ Poderia ser enquadrado no que E. Trocmé denomina “conversas à mesa”. SCHILLEBEECKX, 2008, p. 153.

¹²⁹ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 200.

A mulher, uma prostituta, irrompe perante Jesus; lava-lhe os pés com as lágrimas, unge-os com perfume caro, e enxuga-os com seus cabelos, entre soluços. Não diz nada, mas chora compulsivamente, beijando-lhe seguidamente os pés. A tradução interlinear, da SBB, diz no v. 37 que era uma mulher pecadora “que *estava* na cidade” (ήτις ην εν τη πόλει). Ou seja, ela era forasteira no lugar, e soube que Jesus ali estava. Pagola diz que as mulheres divorciadas e as viúvas sem proteção eram as que perambulavam se oferecendo pelas aldeias e caminhos. Isto deve ter aumentado a compaixão de Jesus. As prostitutas em geral eram escravas, e trabalhavam em pequenos bordéis chefiados por escravos,¹³⁰ muitos deles investimentos de publicanos. Além de prostituta, o simples fato de ser mulher já sinalizava impureza quase permanente, devido aos períodos de quarentena por parto e menstruação. Por esta razão, o judeu piedoso, como aquele fariseu, não toca e nem se deixa tocar por mulheres. Além de ser um preceito religioso referente ao estado e à conduta das pessoas, a separação puro *vs.* impuro foi também uma resistência da nação ameaçada pela cultura grega, aumentando as diferenças e a discriminação no povo. Por isto, naquela época, a imposição do “código sacerdotal” (Lv 19-26) foi exacerbada.¹³¹ Mulheres, prostitutas, publicanos, enfermos, estropiados e outros pecadores eram excluídos do templo e da convivência, dando-se a entender que Deus os rejeitava. Imaginem o impacto que um homem de Deus, profeta poderoso, milagreiro que relativizava o código sacerdotal, provocava sobre esses marginalizados. Pela primeira vez, encontravam alguém que lhes dava a esperança de que o amor de Deus as incluía também. Daí o grande agradecimento e o imenso amor dessas pessoas por Jesus. A mulher, incontinente, profanou o banquete do fariseu e explodiu de emoção junto a Jesus, unguendo-o, entre soluços. Um fariseu antes de reclinar-se para comer lava as mãos, exclui os impuros da mesa, e verifica se os dízimos dos alimentos foram pagos.¹³² Por isto, escandalizou-se (v. 39) e em seu pensamento colocou-se acima da mulher e mesmo de Jesus que, com serenidade e respeito, acolhera a pecadora para abrir-lhe a comunhão que perdoa: ele não devia ser um profeta, pois os profetas de Israel observavam as leis de pureza, pensou.

b3) *parábola (v. 40-48): Deus ama, concede, perdoa e inclui por Jesus*

Jesus percebera quem era a mulher, e a inquietação do fariseu. Uma charada é colocada nos versos 41 e 42: um credor perdoou as dívidas de dois devedores inadimplentes. Qual deles o amará mais? Jesus mostra a imagem de um Deus bom e solícito, que empresta, ou seja: dá gratuitamente e se a pessoa, por alguma circunstância, normal em face da situação de Israel domi-

¹³⁰ PAGOLA, 2008, p. 155.

¹³¹ PAGOLA, 2008, p. 199.

¹³² PAGOLA, 2008, p. 205.

nado pelos romanos, precisa de mais do que recebeu, ele empresta mais. Se o credor ainda não pode pagar, ele perdoa a dívida. Mas empresta para ambos, à mulher e ao fariseu. Todos somos devedores perante Deus, não há pior nem melhor, não há que haver discriminação e preconceito entre os que devem mais ou menos a Deus. Assim, não deveria haver excluídos entre os devedores, mas a mesma solicitude desse pai bondoso, entre os irmãos. E Jesus segue ensinando. O que deve mais ama mais (v. 43): e por amar mais, a mulher pecadora cumpriu os deveres de hospitalidade que o anfitrião negligenciara (v. 44-46). Frente à misericórdia de Deus, o fariseu fica em situação inferior à prostituta! E para o cúmulo, Jesus diz a ela que seus “muitos” (πολλάί) pecados “tem sido” (αφέωνται) perdoados. A mulher era pecadora, mas amava demais a Deus. Ou seja, os muitos pecados que ela vem cometendo em sua vida têm sido perdoados pelo Deus justo e compassivo com a dor dos excluídos. Jesus passa-lhe o perdão de Deus. Não é o que entendem os comensais (v. 49b), mas Jesus age como evangelho vivo de Javé. Isto provocou escândalo, alguém se arvorar em intermediário de Deus! Entretanto, na tradição do judaísmo, existem situações de perdão parecidas, no culto (Salmos de Salomão 9.6ss) e fora do culto, como na oração de Nabônides, um judeu anônimo que curou um rei da Babilônia, perdoadando-lhe os pecados. Assim, Jesus não estava inovando em Israel. Apenas tinha autoridade profética para anunciá-lo, e não se sabe se o mesmo ocorria na fala ritual do sacerdote, após o rito de sacrifício, no templo. Importante salientar que o verso 42 coloca o “muito amar” como consequência do perdão. O perdão é gratuito e independente da falta. Em consequência, a pecadora ama. E “quanto maior o amor, tanto maior o perdão que lhe corresponde”. Dessa maneira, cria-se um moto contínuo, de amor e perdão, e o que é a vida mística a não ser isto?

b4) *Bênção e reconciliação (v. 49-50)*

Após o espanto dos convidados, admirados com o escândalo da absolvição dos pecados, maior do que o acolhimento de Jesus à pecadora que abraçara e entrara no Reino, Jesus abençoa e despede a mulher, em paz. O perdão veio envolvido pelo terno e fraternal acolhimento de Jesus: sem declaração ritual, sem condenação, nem absolvição, e sobretudo fora do templo. Como pontuou Schillebeeckx, “o perdão escatológico dos pecados, por parte de Deus, já opera no Jesus terreno”. O Reino já chegou, e ela foi salva pela fé no Reino de Deus, que Jesus anunciava. A fé “é uma atitude de metanóia diante da comunhão salvífica oferecida por Jesus”,¹³³ uma resposta do coração à salvação operada por Jesus. E a transformação dessa pecadora é sugerida no contexto posterior imediato à parábola, em que muitas mulheres que foram transfor-

¹³³ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 200.

madras por Jesus o seguiam junto com os doze, pelas aldeias e vilas da Galileia. Fica-nos a lição de Jesus, nas palavras de Schillebeeckx: “O que qualifica a santidade de Deus é a compaixão e não a pureza. Devemos imitar Deus na compaixão. Jesus trocou o código de santidade pelo código da compaixão”. E ainda: em sua preocupação com o ser humano, e com a história de seu sofrimento, “Jesus é uma parábola apócrifa e heterodoxa, perigosa para os próprios costumes estabelecidos. A execução de Jesus na cruz será finalmente uma consequência intrínseca dessa incompreensão diante dessa parábola viva de Deus”.¹³⁴ Em cada narrativa de Jesus, narra-se o que é Deus. Por sua vez, a prostituta encontrou o que buscava. O contexto posterior sugere que ela pode ter seguido a Jesus. Uma prostituta errante como era ela não devia possuir riqueza maior que um precioso frasco de alabastro com perfume raro. Um pequeno investimento para atrair clientes. Mas ela se converteu: quebrou o frasco (v. 37) e depositou o perfume aos pés de Jesus, como entregando sua riqueza à comunidade, sinal de sua *metanoia*.

4.1.2.2 O homem de posição que queria ser perfeito (Lc 18.18-30)

a) Resumo, gênero, delimitação do texto e contexto literário

Um homem importante e que se achava perfeito perguntou a Jesus o que fazer para herdar a vida eterna. Jesus respondeu que cumprisse os mandamentos. Tendo dito ele que já os cumpria, convidou-o a segui-lo, mas que repartisse sua riqueza com os pobres. Como era muito rico, o poderoso desencantou. Jesus comentou com seus discípulos que era mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus. Frente ao espanto deles, revelou que para Deus tudo é possível. A perícopse se inicia em Lc 18.18 e termina no verso 30. Está situada no Evangelho de Lucas, na parte que trata da subida de Jesus para Jerusalém com seus discípulos. É precedido pelo episódio conhecido como “Jesus e as crianças” (Lc 18.15-17) em que o Mestre acolhe os pequeninos (os excluídos) que os discípulos procuravam afastar dele. A ligação desta perícopse com a que estamos estudando é o tema, ou seja, a entrada no Reino de Deus. Para tanto, a pessoa tinha que receber o Reino como uma criança, uma excluída, recebe as dádivas de seus pais. Ela não tem posses, mas confia e recebe o necessário com alegria. E precisava nascer de novo, como disse Jesus a Nicodemos, no Evangelho de João (Jo 3.1-8).

O contexto posterior mostra o terceiro anúncio da paixão em Lucas (Lc 18.31-34). Ele prevê a tortura e morte de Jesus em Jerusalém, mas anuncia sua ressurreição ao terceiro dia. A

¹³⁴ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 201.

conexão com esta perícopa dá-se no sentido de que a paixão – inclusive a cruz – e a ressurreição estão nas possibilidades daqueles que seguem a Jesus. Quanto ao gênero, é evangelho, e inclina-se a ser um material discursivo, possivelmente um “apoteagma de controvérsia”. O clima de polémica é latente na estória, presente nas entrelinhas dos diálogos, e no tratamento dado a Jesus, como se verá. Apresenta também conteúdo de catecismo para ensinar aos fiéis como tratar as riquezas e ditos de admissão.¹³⁵ É um verdadeiro drama, “cheio de lições objetivas e ação simbólica”.¹³⁶ As palavras-chave são riqueza e Reino de Deus.

b) Textos paralelos

Há paralelismos com Marcos (10.17-22), do qual pode ter derivado; e com Mateus (19.23-26). A análise sinótica mostra que Mateus inclui o amor ao próximo nos mandamentos ditos por Jesus (v. 19), e faltam em Lucas e Mateus os versos 22 e 23 de Marcos, nos quais se enfatiza o que está dito em Lc 18.24. O versículo 29 de Lucas acompanha Marcos, mas não incorpora os acréscimos de Mateus 28, que incluem a promessa de os seguidores de Jesus julgarem as tribos de Israel. Logo no início (v. 1), Lucas identifica o homem como rico, enquanto em Marcos isso só é esclarecido no v. 22. Provavelmente porque Lucas quer enfatizar, desde o começo, a destinação de sua Palavra para as camadas mais remediadas da sociedade.

c) Eleição e análise das subunidades do texto¹³⁷

c1) *Diálogo de Jesus com o homem rico que exhibe o efeito prejudicial de adquirir riqueza (Lc 18-21)*

O homem que interpelou Jesus, em sua busca, era um rico *ἀρχων*, isto é, um principal, uma autoridade, um *espírito maligno*. Enfim, um opressor do povo no sentido de Mc 10.42.¹³⁸ “Bom Mestre”, ele disse (v. 18). Esse tratamento (“Mestre”) era usado por discípulos ou oponentes do interlocutor.¹³⁹ Logo, Jesus deve ter se prevenido. “O que faço para entrar no Reino de Deus”? Jesus refuta o elogio (v. 19): “Só Deus é ‘bom’”, e lembra-lhe os mandamentos como está escrito em Ex 20.12-16 (v. 20). “Mas eu já os cumpri desde jovem”, ele replicou (v. 21),

¹³⁵ THEISSEN, 2002, p. 289.

¹³⁶ MYERS, 1992, p. 343.

¹³⁷ Utilizamos a estrutura apresentada por Warren Carter para Mt. Há grande semelhança entre as passagens de Lc e Mt. CARTER, Warren. *O evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 487.

¹³⁸ COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 370.

¹³⁹ CARTER, 2002, p. 487.

como se a Lei de Deus legitimasse a injustiça e a opressão daquele sistema iníquo, pelo qual ele era um dos responsáveis. Além disto, considerando-se “bom”, o poderoso punha-se no mesmo nível de Deus, e acima de Jesus. Achava-se muito bom, e por isto recompensado por Deus com riquezas e poder.

c2) *Declaração geral de Jesus sobre os ricos (Lc 18.24-27)*

Jesus lança o desafio (v. 22): “Uma coisa lhe falta: *vende* tudo o que tens, *distribui* aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me”. Jesus ordena partilhar (*vende*), e o convida a ser adarilho, junto com ele e os discípulos, unindo-se a seu movimento profético. Se aceitasse, teria o Reino. Nenhuma importância há em ter sido, antes, rico e opressor. Jesus o chama à *metanoia*, oferece-lhe a graça da conversão e do perdão. Porque transformar-se para entrar no Reino – que emergia no Movimento de Jesus – impõe partilha de bens e abandono das riquezas, da vaidade e do poder.

Na realidade, não se tratava de partilhar os *seus* bens. Significava devolver, aos pobres, o que deles o rico tinha roubado; pois na antiguidade acreditava-se que os recursos disponíveis eram de todos; e se alguém era rico, era naturalmente mau, porque havia surrupiado a parte que por direito natural cabia a outrem.¹⁴⁰ O excedente acumulado era a conta da opressão dos pobres. Daí a pobreza de muitos. Jesus lhe ensina que o tesouro de cada um deve estar no céu, e não em canastras; esse é o tesouro que compensa, e as riquezas materiais eram o problema daquele homem. Ele só poderia ser bom e se salvar caso se livrasse delas, restituindo-as. Ser “Fazendeiro do Ar”, como diz o célebre poema de Carlos Drummond de Andrade.

Esse paradoxo pobre-rico nos desafia: “Somente uma prática contraditória pode subverter a ordem e os esquemas dominantes, transformando-os em outros verdadeiramente novos”.¹⁴¹ Já a autoridade ali pensa que pode adquirir a salvação divina da mesma maneira que ganha dinheiro. Se quer amar o próximo, distribui a riqueza! Riqueza não é virtude, é roubo! O sinal do amor é a partilha entre irmãos e irmãs, filhos e filhas de Deus. Esta é a verdadeira Lei, irradiada por Jesus, e os profetas escatológicos.¹⁴² Esta é a tônica de seu discurso, a pregação do Reino de Deus, testemunhado na vida de oração, na misericórdia e na fraternidade. O verso 23

¹⁴⁰ MALINA. *O reino e a economia política*. São Paulo: Paulus, [s.d.]. p. 107-112. Rico era o que acumulava em excesso, tem mais do que suficiente, e tem isso à custa de dos outros, de ganância. O oposto do rico não é necessariamente o pobre. Ser rico ou pobre depende da habilidade em manter o seu *status* herdados, a sua linhagem. Nas sociedades mediterrâneas antigas, o oposto correto parece ser “ganancioso” e “fraco”, e não rico e pobre.

¹⁴¹ MYERS, 1992, p. 343.

¹⁴² SCHILLEBEECKX, 2008, p. 275.

mostra a reação do proprietário: ficou cheio de tristeza. Muitas vezes, nós, de classe média e rica, ficamos tristes e desapontados quando lemos determinados trechos do Evangelho, aqueles que nos questionam fundo e nos convidam a partilhar. Como o rico dessa narrativa, muitas vezes nosso compromisso é menos com o Reino de Deus, e mais com as riquezas. Aquele homem quer, mas não age para. Recusa o oferecimento de Deus, pois “a riqueza lhe governa o coração”.¹⁴³ Sua busca de transcendência encontrou um limite mesquinho, em face da imensa oportunidade colocada por Deus à sua procura. Lembrando Attar, ele escolheu o destino dos pássaros que abandonaram a revoada em direção ao Simorg.

Vendo-o assim, Jesus ficou muito triste e disse (v. 24-25): “Como é difícil aos que têm riquezas penetrar no Reino de Deus! Mais fácil, pois, um camelo entrar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”. É difícil o que tem riquezas aderir ao Reinado de Deus, quis dizer. Aliás – consertou – é impossível! Reino de Deus e Reino de Mammom são incompatíveis: ou um, ou outro. E quem tem muito dinheiro geralmente escolhe suas posses. Por isto, o Reinado de Deus não pode começar por cima, nos palácios de Séforis, Jerusalém ou das metrópoles atuais, e pela doutrinação dos altos funcionários e executivos. Tem que começar nas aldeias e nos caminhos da Galileia, nas periferias das cidades e nas roças do Terceiro Mundo. Os ricos e os que sonham em ser ricos lutam contra, em geral. “Há uma longa tradição de hostilidade à riqueza no judaísmo. Corrompe, causa injustiça social e comportamento destrutivo, e Jesus assume esta perspectiva”, conclui Carter.¹⁴⁴ Por isto, diz-se que o Reino de Deus é dos pobres, porque eles nada têm a não ser confiança e esperança em Deus. Como ensina Pagola:

“Entrar” no Reino de Deus queria dizer construir a vida não à maneira de Tibério, das famílias herodianas, ou dos ricos latifundiários da Galiléia, mas à maneira de Deus. Por isto “entrar” no seu Reino era “sair do império que procuram impor os chefes das nações e os poderosos do dinheiro.”¹⁴⁵

Os discípulos de Jesus, presentes à cena, entram em polvorosa: “Então quem poderá se salvar?” (v. 26). Eles estavam imbuídos da ideologia falsa dos ricos, de que a riqueza é um dom de Deus. Se aqueles que são agraciados por Deus – ao contrário deles, pobres e pecadores – não entram no Reino, imagina os pobres, que nada têm?! Os discípulos, como muitos pobres de hoje, não ergueram a cabeça, pois não punham fé ou não descobriram ainda a força dos pobres, vinda de Deus, quando recebida e potenciada pela união fraterna e a partilha.

¹⁴³ MYERS, 1992, p. 490.

¹⁴⁴ CARTER, 2002, p. 491.

¹⁴⁵ PAGOLA, 2008, p. 107.

“As coisas impossíveis para os seres humanos são possíveis para Deus”, respondeu Jesus. Ele acredita que a força da graça transforma corações de pedra em corações de carne, e ergue a cabeça dos pobres e excluídos, colocando-os de pé e em caminhada. Por isto, ele ficou triste (v. 24), pois a recusa em partilhar os bens indica falta de fé no poder de Deus, cuja força até mesmo o coração dos ricos poderia transformar. O episódio expõe um dos desafios éticos mais fundamentais do cristianismo, que nos acompanha desde o início. Em face do imperativo da partilha das riquezas e do poder, nós, por falta de fé, ficamos buscando e legitimando derivativos, como se o moralismo, a piedade desencarnada e a filantropia pudessem ser aceitas por Deus em troca dos deveres da caridade para com o próximo, expressa em Mt 25.36-41 e em 1Cor 13.1-13, para não dizer em todo o texto da Bíblia.

c.3) um contraste entre a riqueza/pobreza presente e a riqueza futura (Lc 18.28-30)

Os versos 28 a 30 nos ensinam que o Reino de Deus é dos que saem em caminhada pela justiça e o direito. Os pobres vão à frente, os ricos têm que deixar de ser ricos, partilhando as posses e descobrindo a Deus. É impedido participar do poder de Deus – atributo do Reino – quem usa o poder para explorar o próximo, ou se acumplicia com o poder que oprime.¹⁴⁶ A transformação das estruturas de injustiça será feita não por cima, mas pela força que vem de baixo, pela luta não violenta e cidadã dos pobres e de todos os que com eles trabalham pela justiça e a cidadania. Ched Myers pontua que “o caminho da transformação não violenta é *mistério* e o cerne desse mistério é a convicção [...] de que pelo poder da cruz os poderes serão vencidos”. Jesus convida à partilha de todos os bens por todos e todas, para viabilizar a transformação da sociedade através da não violência, diferente dos zelotas. Só assim os pobres conseguirão mudar as estruturas de dominação de Mammom, pois a violência e a força das armas pertencem ao domínio dos ricos, e nada se pode fazer contra o seu poderio, em seu campo de domínio, com suas armas. Há que usar em unísono as armas da paz, contra as quais eles não sabem lutar. E como disse Ghandi, “a bravura consiste em morrer, não em matar”.¹⁴⁷ A grande recompensa prometida no v. 30 supera, sem medidas, o prazer e a segurança que o poder e as riquezas nos podem proporcionar.

4.1.2.3 Zaqueu, o cobrador de impostos (Lc 19.1-10)

a) Resumo, gênero, delimitação do texto e contexto literário

¹⁴⁶ THEISSEN, 2002, p. 294.

¹⁴⁷ MYERS, 1992, p. 346.

Atravessando Jericó, Jesus diz ao publicano Zaqueu que dormiria em sua casa. O homem acolheu-o com muita alegria, e, arrebatado pelo gesto de Jesus, proclamou a todos que iria devolver o que havia roubado e repartir seus bens com os pobres. Jesus anunciou que naquela hora a salvação havia entrado em sua casa, e que ele veio para procurar e salvar o que está perdido. O gênero é evangelho, e podemos classificá-lo como material discursivo. É controverso se seria fato verdadeiro, parábola ou alegoria.¹⁴⁸ O texto é bem delimitado entre os versos 1 e 10 do capítulo 19 de Lucas, na parte que trata da subida de Jesus para Jerusalém. O episódio reforça a perícopa do cego de Jericó (Lc 18.35-43), seu contexto anterior. Da mesma maneira que a fé daquele homem curou-o da cegueira e deu-lhe a salvação (v. 42), a fé e o gesto de Zaqueu curou-o de seu apego às riquezas, testemunhando a eclosão do Reino de Deus. O contexto posterior contempla a parábola das minas (Lc 19.11-27), que completa o discurso de Zaqueu: os servos multiplicam as minas do senhor em função de sua habilidade em negociá-las. O que ele não admite é que os bens entregues não produzam retorno algum. Isto poderia explicar por que a salvação chegou para Zaqueu, e ele repartiu metade dos seus bens.

b) Eleição e análise das subunidades do texto

b.1) *Um publicano em busca de Deus (Lc 19.1-4)*

Jesus atravessava Jericó (v. 1), seguindo para Jerusalém, com seus discípulos. Havia ali um homem chamado Zaqueu (v. 2). Zaqueu significa “puro”, “merecedor”. Apesar de ser muito rico, era desprezado, mais ainda por ser chefe de publicanos. Publicanos eram cobradores de impostos. Não aqueles sobre a propriedade e a renda dos indivíduos, cuja arrecadação os romanos confiavam a famílias importantes de Jerusalém, mas tributos sobre mercadorias, passagens estratégicas, como pontes ou portas das cidades, e direitos de trânsito pelas estradas. Jericó era bem situada no entrecruzamento de rotas comerciais estratégicas, ligando o Mediterrâneo, a Síria, a Mesopotâmia e o Egito, e devia ser muito cobiçada pelos grandes publicanos. Zaqueu havia comprado o direito de arrecadar ali, e comandava a equipe de pequenos coletores que se sentavam nas bancas junto a esses pontos. Reunia o faturamento, ficava com boa parte e entregava a quantia estipulada às autoridades de Roma. Os funcionários, ou simplesmente “publicanos”, geralmente eram escravos, ou tão miseráveis que não tinham outra oportunidade para ganhar o pão a não ser por esse trabalho degradante. Eram vistos como traidores da nação, porque serviam a Roma; pecadores, porque tratavam com moedas impuras em um serviço impuro; e la-

¹⁴⁸ CHOURAQUI, 1996, p. 261.

drões, porque exorbitavam na cobrança, aumentando por sua conta o valor a cobrar e ficando com a polpuda diferença.¹⁴⁹ Zaqueu, pois, tinha enriquecido às custas dessa vilania, em um trabalho por si só desonrado; pois esse mesmo sujeitinho apressou-se a ver passar aquele Profeta de Javé que acolhia os pecadores (v. 3).

b) *Reação de Jesus à busca de Zaqueu (Lc 19.4-6)*

Ele era “baixinho”.¹⁵⁰ Subiu a um sicômoro¹⁵¹ para vê-lo melhor, na multidão (v. 4). Assim como montava no dinheiro para ter prazer na vida, serviu-se da árvore para estar mais próximo de Jesus. Mas sua atitude mostra que lá no íntimo, buscava um sentido maior para sua vida. Daí essa exposição ao ridículo, frente àqueles que o desprezavam. “Zaqueu, desce depressa, pois hoje *é necessário* eu ficar em tua casa!”, chamou-lhe Jesus (v. 5), que na verdade estava dizendo: “Vai, Zaqueu, acolhe e desperta essa parcela divina que habita em você!”. Jesus precisava cumprir, com Zaqueu, sua missão salvífica, em resposta à sincera iniciativa de abertura à Graça e à comunhão, que aquele publicano demonstrara com seu gesto. Zaqueu desceu imediatamente (v. 6) da árvore, e recebeu-o com alegria (*χαίρον*). Esta palavra preserva, no grego e no hebraico, um sentido profundo, a alegria emanada do amor.¹⁵²

c) *A redenção do coletor de impostos (Lc 19.7-10)*

Os que estavam presentes ali murmuravam, escandalizados pelo Profeta ter escolhido hospedar-se justo em casa de um pecador público, que sequer podia ser tocado nem conviver na comunidade (v. 7). Quem era esse Jesus, seria mesmo um profeta de Deus? A resposta desta vez partiu de Zaqueu (v. 8). O rico mesquinho, delator, antipático e pedante, que sequer encarava os outros de frente,¹⁵³ adiantou-se, “ficando em pé” (*σταθείς*), e disse a Jesus, com dignidade: “Senhor, eis que dou metade de meus bens aos pobres; e se defraudei alguém, devolvo-lhe o quádruplo”. Assim cumpria o preceito da Lei que fixava a indenização devida pelo ladrão ao proprietário dos bens roubados (Ex 21.37; 22.1ss), e ainda pagando pelo maior valor avaliado (2Sm 12.6). E Jesus devolveu ao pecador sua dignidade e honra, o que mais queria. Sua riqueza, doou-a pela metade, diferente do homem rico, ao qual Jesus fez um convite mais radical, para dis-

¹⁴⁹ PAGOLA, 2008, p. 204.

¹⁵⁰ Esta é a tradução literal, mostrada no Novo Testamento interlinear, já citado. Baixa estatura física e moral.

¹⁵¹ Sicômoro é uma árvore da família fícus, que chega a alcançar 25 metros de altura. Sua ocorrência caracteriza as terras da “Alta Galileia”.

¹⁵² CHOURAQUI, 1996, p. 262.

¹⁵³ Os desonrados não encaravam as pessoas de frente. A prostituta de Betânia colocou-se “por detrás” de Jesus para lavar-lhe os pés (Lc 7.38).

tribuir todos os bens (Lc 18.22). Jesus não chamou Zaqueu para segui-lo e viver como ele. A diferença de tratamento para com a riqueza distribuída, nestes dois casos, pode estar sugerindo que havia níveis diferentes de seguimento de Jesus, no seio do Movimento de Jesus.

Naquele instante, antes mesmo de Jesus ter se manifestado (no v. 9), Zaqueu entrou no Reinado de Deus. Reconciliou-se com o pai Abraão. É filho de Abraão, dirá o Talmud, todo aquele que demonstra ter a mesma fé de Abraão.¹⁵⁴ E assim a palavra de Jesus nos ensina que a fé do grande patriarca passava também pelo enternecimento com a situação dos pobres e a partilha dos bens em favor dos excluídos da terra. Zaqueu enterneceu seu coração e tomou uma atitude concreta em face de seu roubo e de sua impiedade para com a miséria do povo. Deus entrara para destruir o mal que estava na raiz de tudo, o império de satanás. Conversão sincera de Zaqueu, porque testemunhada na partilha, no rompimento com Mammom. O Reino de Deus na cidade de Jericó! A graça da salvação entrara no coração de um pecador sem cobrar prévio arrependimento, sem rito penitencial, como até João Batista o fazia. Jesus acolhia o pecador tal como ele era, unicamente confiando na misericórdia que o visitara em sua própria casa.¹⁵⁵ A partilha da riqueza tomou o lugar do sacrifício no templo, representando para ele uma renúncia concreta e dolorosa, que ele cumpriu com entusiasmo, e não uma perda simbólica, como acontece no ritual. E dando aos pobres, dá-se a Deus (Mt 25.36-41). A conversão de Zaqueu não é voltada à obediência da Torá, mas fidelidade e compromisso com o Reino de Deus, construído por cidadãos plenos, pecadores e perdoados, que passam a amar-se e perdoar-se reciprocamente.¹⁵⁶

O existir humano tem fundamento em Deus, e toda a sua existência é iluminada pela infinita liberdade do Criador, que literalmente entrega o ser humano a si mesmo. Tudo de bom que somos, é uma dádiva de Deus. Logo, o ser humano pertence a si mesmo e a Deus, sendo mais de Deus do que de si próprio, uma vez que seu ser é devido à transcendência divina. A união com Deus é, assim, salvadora, porque liberta o indivíduo e transborda essa libertação para o seu próximo, na prática da justiça, do bem, da liberdade. Assim sendo, pontua Schillebeeckx, o ser humano “só se torna pessoa quando se entrega aos outros como uma bênção de Deus, num mundo em que lhe é dado humanizar”. Deus nos salva e nós participamos dessa salvação, na prática da caridade. Nós conhecemos a Deus e sabemos que ele age na história da salvação, mas através de mediações. A luta dos pobres pela sua libertação é um sinal dessa ação amorosa e libertadora de Deus por nós, manifestada em acontecimentos concretos. A comunidade de Lucas percebeu isto na estória de Zaqueu. As pistas da ação de Deus na história são ambíguas e neces-

¹⁵⁴ CHOURAQUI, 1996, p. 263.

¹⁵⁵ PAGOLA, 2008, p. 212.

¹⁵⁶ THEISSEN, 2002, p. 295.

sitam interpretação, em comunidade, para avaliarmos se dado acontecimento de fato vem de Deus. Neste caso, Jesus mesmo, no v. 9, nos autoriza a concluir que para a comunidade de Lucas, a partilha de Zaqueu foi um sinal de sua *metanoia*, da salvação de Deus para ele e os outros. Jesus nos ensina aí que a salvação ocorre quando existe a partilha da riqueza, e essa atitude fraterna sinaliza sua autenticidade. Zaqueu passava a viver uma existência verdadeiramente humana, de pé, de cabeça erguida, e isto é sinal da libertação de Deus.¹⁵⁷ Nessa perícopa, Jesus anuncia a irrupção do reino “nesta casa”, isto é, *agora*, na história. Como assinalou Theissen, Jesus “é o único judeu da Antiguidade que conhecemos que anunciou não somente que as pessoas estavam à beira do final dos tempos, mas, ao mesmo tempo, que o novo tempo de salvação já havia começado”.¹⁵⁸ No final da perícopa (v. 10), Jesus dá o sentido de sua vocação messiânica: procurar, reunir e resgatar o que estava perdido. Ela inclui libertação integral, dignidade, liberdade, comunhão e participação no poder de Deus. Zaqueu protagonizou, de maneira exemplar, esse cuidado amoroso do Criador com sua obra. Uma atenção que inclui todos, ricos e pobres, sãos e doentes, e os convoca ao serviço dos mais humildes.

4.1.2.4 Arimateia e o sepultamento de Jesus

a) Resumo, gênero, delimitação do texto e contexto literário

Um homem de prestígio, em Jerusalém, com autorização de Pilatos, retirou o corpo de Jesus da cruz e depositou-o em um sepulcro. O relato começa no verso 50 do capítulo 23 de Lucas e acaba no versículo 55 (Lc 23-50-55). Trata-se de uma narrativa histórica, quanto ao gênero. Atua como transição entre as narrativas históricas da paixão (Lc 22.1-23,49) e da ressurreição de Jesus (Lc 24). O contexto imediato está em Lc 23.40-49, que relata acontecimentos logo após a morte de Jesus: um centurião reconhece a inocência de Jesus, enquanto as mulheres e os amigos que o seguiam desde a Galileia observavam à distância. O centurião alude a Arimateia; as mulheres, ao anúncio da ressurreição. A ressurreição de Jesus segue no contexto imediatamente posterior (Lc 24.1-8), evidentemente relacionada ao sepultamento.

b) Textos Paralelos

¹⁵⁷ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 639.

¹⁵⁸ THEISSEN, 2002, p. 279.

A narrativa de Arimateia é testemunhada nos quatro evangelhos, quem sabe para refutar alguma tradição presente nas respectivas comunidades, que negavam o sepultamento de Jesus, e ainda para fins de catecismo relativamente aos acontecimentos pascais.

c) Escolha e Análise das subunidades do texto

c.1) *José de Arimateia, o justo do Sinédrio (Lc 23.50-51)*

Lucas apresenta José de Arimateia como membro do Sinédrio, homem bom e justo (v. 51), “que não concordara com o desígnio e nem com a ação deles” (v. 52). Homem poderoso, rico proprietário de terras, mas aliado de Jesus no Conselho máximo de Jerusalém, teria sido voz dissonante em sua condenação. Hans Conzelmann pondera que a caracterização de um homem como “justo” não é usual, havendo apenas em Mt 1.19, Lc 1.6 e Lc 2.25. Todos os outros judeus do Sinédrio ficam marcados como “injustos”.¹⁵⁹ Warren Carter também manifesta opinião positiva a respeito de José. Identifica-o ao rico referido por Lucas na parábola das minas (Lc 19.16-19,26), mas que não foi chamado por Jesus nem convidado a distribuir sua riqueza. Arimateia dará sua riqueza aos pobres, mas enterrando Jesus. Vincula-o também a José, do Egito, alto funcionário do faraó, que resistiu às seduções corruptoras da corte (Gn 39).¹⁶⁰

c.2) *O Sepultamento de Jesus (Lc 23.52-54)*

Segundo Schillebeeckx, os romanos costumavam deixar na cruz os corpos dos suplicados depois de mortos, para aumentar-lhes a humilhação, ficando insepultos e à mercê de abutres e animais selvagens. Daí, o pedido de Arimateia.¹⁶¹ Esse autor admite que o episódio pode ter sido lendário, fruto da imaginação de cristãos piedosos que não admitiam que Jesus pudesse ter sido desonrado na morte.¹⁶² Hans Conzelmann comenta que Lucas exime Pilatos da responsabilidade pela condenação de Jesus, e por isto não caberia pedir licença para baixar o cadáver. Para ele, o verso 53 é uma interpolação posterior.

Para Myers, a iniciativa de pedir a Pilatos o corpo de Jesus – coisa rara para crucificados – pode estar revelando a ansiedade das autoridades judaicas com a possível eclosão de conflitos e se apressaram a incumbir José de enterrá-lo. Nesta hipótese, o Sinédrio e não os discípulos, teriam enterrado Jesus, apressadamente, para cumprir um ritual de pureza que a Lei exigia.

¹⁵⁹ CONZELMAN, Hans. *El centro del tiempo: la teología de Lucas*. Madrid: Fax, 1974. p. 132.

¹⁶⁰ CARTER, 2002, p. 664.

¹⁶¹ SHILLEBEECKX, 2008, p. 325.

¹⁶² SHILLEBEECKX, 2008, p. 345.

Logo a Jesus, que relativizava a Lei, criticava a ordem do sábado e desafiava as leis de pureza. Destaca também ambiguidade deste episódio, no qual os inimigos de Jesus teriam ficado com a última palavra: “Jesus é fechado num sepulcro”¹⁶³ e os poderes que se uniram para colocá-lo ali colocaram um ponto final no Jesus histórico. A comunidade do discípulo desapareceu, “exceto para as mulheres” que o seguiam.¹⁶⁴

Gerd Theissen¹⁶⁵ associa a factibilidade dos relatos sobre o enterro de Jesus à historicidade do “túmulo vazio”, raiz de grande controvérsia entre os especialistas. Apresenta e avalia diversas possibilidades. O reenterro de Jesus; seu sepultamento como criminoso em local ignorado, com os dois que o acompanhavam, como era habitual (H. Grass); a menção de Paulo sobre o enterro (1Cor 15.4); o costume judeu de venerar mártires e santos; a incoerência da mensagem sobre a ressurreição ter sido proclamada em Jerusalém, caso não houvesse um túmulo vazio (e o enterro de Jesus); a acusação de que os discípulos teriam roubado o corpo de Jesus; a possibilidade de o corpo de um crucificado ser entregue aos parentes, atestada pela descoberta do esqueleto de um crucificado em Givat a-Mitvar, e outras alternativas. No final, ele conclui que a tradição do túmulo vazio (e em consequência o sepultamento de Jesus) “não pode ser comprovada nem refutada com métodos histórico-científicos”.¹⁶⁶ “A história do túmulo vazio só pode ser iluminada pela fé pascal (baseada nas aparições); a fé pascal não pode ser iluminada pelo túmulo vazio”.¹⁶⁷

c.3) *As mulheres discípulas de Jesus (Lc 23.55-56)*

As mulheres que seguiam a Jesus desde a Galileia observavam tudo de longe. Depois, voltaram e prepararam aromas e perfumes. Esta seção destaca a fidelidade e o compromisso das mulheres que seguiam a Jesus, solidárias com ele até o último instante, ao passo que Pedro e os discípulos fugiram, sem prestar ao corpo de Jesus as homenagens que João Batista mereceu de seus seguidores mais próximos, segundo Mc 6.29.

c.4) *Alguns comentários*

¹⁶³ Tampouco a estória do “túmulo novo” pode ter a conotação positiva que o v. 53 apresenta, pois sabe-se que havia diversos túmulos não-usados escavados na rocha do Gólgota, que foram abandonado devido ao fato de ali ter sido implantado um local de execuções. THEISSEN, 2002, p. 527.

¹⁶⁴ MYERS, 1992, p. 468.

¹⁶⁵ THEISSEN, 2002, p. 526-530.

¹⁶⁶ THEISSEN, 2002, p. 529.

¹⁶⁷ THEISSEN, 2002, p. 530.

A narrativa sobre Arimateia é muito controversa, desde o ponto de vista histórico e também a autenticidade do tipo de discipulado que ele encarna na tradição. Uns dizem que representa um tipo de busca diferente do discípulo que opta, se arrisca e se compromete. Aparece nos evangelhos depois que Jesus está morto, e mais próximo ao poder de Pilatos do que da comunidade. Encarnaria uma busca a partir do medo, da indecisão e de uma definição tardia. Entretanto, essa dubiedade pode também revelar que a procura e o seguimento de Jesus se dá dentro de um processo lento e, às vezes, doloroso e complicado de decisão e de sedução, através de etapas e de momentos, como aliás acontece normalmente na vida das pessoas que tomam grandes decisões e se transformam. Como ocorreu com alguns profetas antigos, que tentaram fugir ao chamamento de Javé. Entretanto, havendo ou não um cerne histórico nesse relato de Arimateia, testemunhado em Lucas, e em outras comunidades que nos legaram os evangelhos, o importante é reconhecer a convicção, das primeiras comunidades cristãs, de que era possível alguém do Sinédrio ter manifestado simpatia por Jesus e coragem para requisitar seu corpo junto a Pilatos, naquelas circunstâncias. Não fosse esta convicção, certamente a narrativa de Arimateia não estaria no Evangelho e no catecismo. Lembramos que, pesquisando o “*status*” de uma comunidade paulina, Meeks identificou a existência de congregados que pertenciam à família de Cesar (*familias caesaris*). Havia ali tanto escravos quanto amos, mas o *ethos* dos dirigentes seria mais próximo ao dos senhores.¹⁶⁸

4.1.2.5 Outras situações em Lucas

Existem em Lucas duas outras situações que poderiam ser estudadas em uma pesquisa mais ampla: o endemoninhado geraseno (Lc 8.26-39) e os três buscadores que interpelaram a Jesus em Lc 10.57-62. O primeiro, que nos propomos a comentar brevemente, refere-se a uma parábola de exorcismo em que o possuído vivia na terra dos “Gerasenos”, uma localidade fictícia que, pela descrição, não seria próxima do lago de Genesaré, como informa o texto; mas provavelmente junto ao Mar Mediterrâneo, uma vez que aquele lago não possui margens escarpadas. Os demônios se autodefinem como “legião”; e, expulsos do homem por Jesus, incorporam-se em um rebanho de porcos e atiram-se do precipício para o mar, e se afogam. Interessante ressaltar que o símbolo da X Legião Romana, que da Síria controlava a Palestina, era um javali.

A ação de Jesus fez com que voltassem para o mar, de onde vieram. Diz também o texto que o possesso vivia nos cemitérios e ninguém os subjugava. Os rebeldes judeus que lutavam

¹⁶⁸ MEEKS, 1992, p. 67.

contra os romanos se escondiam no deserto e também em cemitérios, nos quais nenhum judeu penetrava.¹⁶⁹

Já curado, o homem quis seguir a Jesus.¹⁷⁰ Entretanto, ele o despediu, enviando-o para evangelizar “a sua casa”. Isto é, sua missão seria testemunhar o Reino entre os seus, na sua família, em seu ambiente de vida e de trabalho. Ali deveria viver o seu discipulado, e não incorporar-se ao grupo itinerante de Jesus ou recolhido a um mosteiro.

4.1.2.6 Buscadores de Deus no Evangelho de Mateus: os magos

Pode soar dissonante incluir Mateus em uma análise que tem por base o Evangelho de Lucas. Entretanto, a perícopes dos magos, pertencente ao material próprio de Mateus (Mt 2.1-12), apresenta-nos uma dimensão da busca de Deus muito rica tendo em vista os objetivos desta pesquisa. A obra de Lucas é dedicada a leitores pagãos. Os reis magos são pagãos, estranhos ao ambiente judaico, mas se interessaram pelo rei dos judeus que está a nascer na Palestina. Saíram de sua terra longínqua, de uma cultura diferente, e foram à procura do menino que estava a nascer em Belém, para homenageá-lo. Uma longa busca, seguindo uma estrela luminosa que despontou no firmamento de sua pátria.

O episódio de Mateus 2 liga-se à universalidade da busca de Deus e da salvação, parâmetros do texto lucano.¹⁷¹ Isto fica mais evidente se tomarmos a perícopes como um *midrash*, o que de fato é.¹⁷² Neste sentido, não seria inadequado entendê-la como uma tentativa de Mateus em usar o *midrash*, para compreensão de sua população-alvo (judeus), visando a evidenciar o mesmo sentido de universalidade que Lucas buscou alcançar em seu evangelho para os hele-nistas: gentios vêm de terras distantes para adorar o Messias de Israel, oferecer-lhe presentes, mesmo em situação de conflito com as lideranças do governo e do templo de Jerusalém, hostis ao recém-nascido. Eles estão mais aptos que os de casa para acolher a Boa Nova de Jesus.

O *midrash* conta que magos vieram do Oriente a Jerusalém, e perguntaram ao rei Herodes onde estava o rei dos judeus que nasceu, pois queriam adorá-lo. Herodes, com medo de

¹⁶⁹ CHOURAQUI, 1996, p. 145.

¹⁷⁰ Mais precisamente, para “estar com ele”: εἶναι σὺν αὐτῷ.

¹⁷¹ BARROS, Marcelo. *Conversando com Mateus*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 1998. p. 24. Está no prelo uma nova edição deste livro, ampliada e atualizada.

¹⁷² “Midrash é um tipo de literatura, oral ou escrita, que tem como ponto de partida um texto canônico fixo, considerada a palavra de Deus revelada, pelo midrashista e seu público, e em que este verso original é explícito claramente citado ou aludido”. FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. 4. No caso, aludido. Em outras palavras, é uma estória construída com base em um texto canônico, criada para explicar de maneira fácil algo coerente com o texto mas que o texto não alude. Por exemplo, um midrash clássico é aquele no qual o rabino explica por que Adão não impediu Eva de comer o fruto sagrado.

perder o poder, reúne os sacerdotes e as lideranças de Israel e deles ouve que estaria provavelmente em Belém, pelas escrituras. Diz então aos magos que fossem a Belém, e voltassem a ele para confirmar, caso o encontrassem, pois ele também queria ir adorá-lo... Eles partiram, encontraram o menino, prostraram-se, deram-lhe os presentes, mas voltaram a sua terra por outro caminho.

“Magos”, na antiguidade, eram sacerdotes persas que alegavam conhecimentos sobrenaturais e assim manipulavam reis. Tinham má fama, conotação pejorativa, e muitos eram charlatões. Conta Juvenal que eram escravos libertos, dados à bebida e à prostituição.¹⁷³ Não seria impróprio imaginar que poderiam ter tido intenção oculta de ir se aproximando desde já do messias judeu, futuro rei, por mero proveito próprio. O fato é que viram uma nova estrela – e no Oriente, o surgimento ou o desaparecimento de uma estrela era relacionado com o nascer ou morrer de uma pessoa. Ela era muito brilhante, e foi se movimentando para o Ocidente. Saíram pois atrás dela procurando, como fazem as pessoas em busca de seus sonhos, até bater às portas de Herodes Magno, talvez ingenuamente, na suposição que o rei estivesse bem informado. Não consta que tenham manifestado submissão, nem adorado Herodes. Queriam somente uma informação, para prostrarem-se diante o menino.

Assustado, Herodes reúne os sacerdotes, os escribas e as autoridades para confabular. Foi a primeira conspiração do poder de Jerusalém contra Jesus – e usando as Escrituras, com a cumplicidade de líderes religiosos. Com base em Miquéias 5.1, escribas e sacerdotes souberam que o “grande Guia” seria um pastor que viria para cuidar de seu povo, mas apesar disto nada fizeram contra as armações do tirano, e nem se interessaram a visitá-lo em Belém, ao contrário daqueles pagãos. Herodes mandou os magos visitarem o menino e que depois voltassem para contar-lhe onde era, pois ele também queria adorá-lo... Parece que aí eles começaram a perceber a trama do tirano. Chegando a Belém, eis que a estrela “parou”, justo sobre a “casa” em que estavam Maria e o menino. Os magos entraram, e prostrados, o adoraram, e ofereceram-lhe presentes. Encontraram o que buscavam na vida.

Os magos não vinham de Roma, centro do poder mundial, mas do outro lado do mundo. As pessoas da periferia dos impérios sempre estão mais atentas e acolhem melhor os apelos do Reinado de Deus. Eles perceberam o mistério que envolvia aquele menino, se converteram, e, como a pecadora de Betânia e Zaqueu, depositaram nos pés dele os seus tesouros pessoais, lembrando-nos o que Lucas nos contava a respeito da comunidade cristã de Jerusalém, após os acontecimentos pascais (At 3.42-47). Para completar o quadro, transformados pela força da sal-

¹⁷³ CARTER, 2002, p. 108. As demais informações sobre o tema foram pesquisadas nesta fonte (p. 108-111).

vação, os magos comprometeram-se com o menino, pois voltaram para sua terra sem passar por Jerusalém, deixando Herodes a ver navios.

Com certeza, é um *midrash* cristão da comunidade de Mateus, com sabor lucano. A narrativa articula ainda Jesus com Moisés. Ambos foram salvos do ódio dos tiranos – Herodes e o Faraó – pela conversão daqueles magos da Pérsia ou a esperteza das humildes parteiras dos hebreus, no Egito (Ex 1.15-20): ambos arriscaram suas vidas para salvar Jesus e Moisés.

5 AUTOTRASCENDÊNCIA E SEGUIMENTO DE JESUS

Vimos que a autotranscendência é um processo de busca e de crescimento que afeta a todos os seres humanos. Movido por uma aspiração inata do ser, buscamos intensamente nossa realização, nossa integridade e harmonia, tanto pessoal quanto em sociedade. Vimos também que a alma humana – ou o Espírito que habita em nós – é o motor desse desejo de crescer, de superar-se, de melhorar; pois é esse o conceito de “Paz” que existe na tradição bíblica do “shalom”. Essa “paz-shalom” nada mais é senão o fruto de uma busca permanente do espírito humano, o escopo mais elevado de nossa autotranscendência. Esse desiderato universal, tão bem expresso na cultura judaica, está presente no Salmo 34:

(04) Busquei ao Senhor, e ele me respondeu: livrou-me de todos os meus temores. (05) Olharam para ele e foram iluminados; e os seus rostos não ficarão confundidos. (06) Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu, e o salvou de todas as suas angústias. [...] (12) Quem é o homem que deseja a vida, que quer largos dias para ver o bem? (18) Perto está o Senhor dos que tem o coração quebrantado, e salva os contritos de espírito.¹⁷⁴

Nossa procura tende para esse limite: alcançar segurança, harmonia, paz, inteireza, bem-estar – enfim, viver uma vida plena. E a tradição bíblica identifica Deus na fonte disto que todos os seres humanos almejamos. Esta presença do Incondicionado dentro de nós, sob qualquer nome que denominemos, “suga-nos” amorosamente para o bem, neste processo humano de autotranscendência. Enfim, o verso 14 sintetiza o caminho para correspondermos a esse apelo de vida, e assim completarmos nossa busca: “Aparta-te do mal e faze o bem: **Procure a paz [“shalom”], e segue-a!**” (v. 14).

A palavra “shalom” encontra-se 250 vezes no Primeiro Testamento, sendo que dois terços delas referem-se a esse estado de plenitude e realização, fruto da presença de Deus, que é a fonte dessa paz verdadeira e profunda (Is 54.10). Desta maneira, a busca de sentido e de plenitude se articula com a busca de Deus. Em uma dimensão escatológica, mergulharemos um dia na Paz em plenitude, e a ela nos uniremos para sempre. Porém, em uma dimensão histórica, já vimos que aquele que está no caminho pode viver momentos de consolação, nos quais a Paz “passa”, como a caravana de açúcar passa pelo oásis do deserto. De nossa parte, enquanto caminhamos, é preciso estar vigilantes para permanecermos no caminho da paz, no roteiro dessa caravana. Os acontecimentos da vida representam para nós um desafio constante e a permanência na paz alcançada, mesmo na *metanoia*, depende da forma como reagimos, em nossa prática

¹⁷⁴ BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. 4. ed. Santo André: Geográfica, 2004.

de vida. A Paz, portanto, não é inerte, ela muda, *caminha*; e se quisermos mantê-la, precisamos *seguir-la*, discernindo, a cada momento, a vontade de Deus presente nos acontecimentos, e esforçando-nos para concretizá-la, em nosso cotidiano.

Ora, para nós, cristãos, o Cristo é a nossa paz, que traz a unidade e a integridade aos remidos (Ef 2.14-18); ele é a Palavra definitiva de Deus, o “sacrifício derradeiro” que redime a humanidade. Ele é o “Príncipe da Paz”. Buscar a Paz é buscar a Deus, por Jesus; seguir-la, é seguir a Jesus. O seguimento e o discipulado de Jesus nos conferem os parâmetros necessários para que nossa procura coincida com os caminhos da verdadeira paz. Segundo as palavras de Faustino Teixeira: “O seguimento constitui um tema central para a vida cristã e deve ser entendido não como uma atitude genérica, mas como uma realização histórica da forma de vida de Jesus, de interpretação de seu sonho de uma história solidária e fraterna”.¹⁷⁵

Seguir Jesus é anunciar e testemunhar a presença do Reino de Deus (a libertação de todos os elementos que alienam o ser humano), com ele e por ele, e sobretudo contribuir para sua realização histórica – em si mesmo e na sociedade. O ponto de partida dessa espiritualidade do seguimento é o encontro com o Cristo, quando acordamos para sua presença libertadora dentro de nós, em um momento de quebra de nossa acomodação interior, na dinâmica de nossa busca de sentido. Esse é o momento de conversão. Esta ruptura – desacomodação e reacomodação – está bem caracterizada na vida de Zaqueu, na mulher de Betânia, em Arimateia, no geraseno, do qual Jesus retirou uma legião de demônios; dos magos – e mesmo com o homem rico, que era e continuou acomodado às suas riquezas, não operando aí a transformação que Jesus esperava. Não há possibilidade de conversão quando o mundo interior funciona satisfatoriamente, há que haver uma quebra na acomodação anterior¹⁷⁶ para que se dê a metanóia. Como diz o salmo, ela parte dos “corações aquebrantados”(Sl 34,18).

Outrossim, o encontro com Deus não é um acontecimento restrito ao nosso mundo individual e espiritual, desencarnado da vida concreta. Ele é sobretudo mediado pelo encontro com os excluídos, sobretudo os pobres: “não há possibilidade de amar a Deus sem que este amor não seja mediado por um amor histórico”.¹⁷⁷ Deus não nos propõe um seguimento virtual, mas nos faz um apelo para arregaçarmos as mangas e debruçarmos misericordiosamente sobre o homem ferido e semimorto, caído à beira do caminho, como fez o samaritano em Lc 10.29-37. “Vai, e também tu faze o mesmo”, disse Jesus. O sacerdote e o levita da parábola, que viram o

¹⁷⁵ TEIXEIRA, Faustino. *A espiritualidade do seguimento*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 11.

¹⁷⁶ TEIXEIRA, 1994, p. 17.

¹⁷⁷ TEIXEIRA, 1994, p. 21.

homem prostrado e passaram adiante, certamente conheciam o mandamento do amor e se achavam fiéis cumpridores, mas na esfera virtual... Na vida real, não se moviam pela compaixão. Terá sido a igreja compassiva com o sofrimento dessa humanidade submergida, nestes dois mil anos de história do cristianismo?

Não é objetivo nosso aprofundar a questão do seguimento, mas duas dimensões precisamos aí ressaltar: a espiritualidade e a ética do seguimento.

A espiritualidade do seguimento, segundo Faustino Teixeira, tem alimentando a sede espiritual dos militantes cristãos empenhados no processo de libertação da América Latina, nas Comunidades de Base e nos movimentos populares, em face aos riscos de um ativismo destruidor, sempre uma ameaça na construção da Paz. O primeiro parâmetro para aferir esse discipulado é a capacidade de descentramento de si mesmo, e de centramento no outro. Uma mudança de eixo, o deslocamento de um narcisismo benevolente à solidariedade fraterna com os marginalizados. Assumir a causa deles. É o que a Bíblia, em inúmeras passagens, denomina promover o direito do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro. É abandonar o mundo do egoísmo e abraçar a luta pela justiça e a igualdade de todos e todas. Teixeira percebe este movimento como “Êxodo” de si mesmo. É assumir compromisso, colocar-se em movimento, tomar iniciativa, como fez o samaritano: “A conversão instaura um dinamismo de vida, acionado pelo Espírito, que provoca uma saída de si mesmo e uma abertura para Deus e os outros”. Colocar-se em movimento, com liberdade, sustentado na força do Espírito.¹⁷⁸

Outro parâmetro é a experiência de proximidade. Estar perto de quem nos convoca para o seguimento. Proximidade com a vida e a prática de Jesus, como experiência fundamental da fé,¹⁷⁹ proximidade e gratuidade com o pobre, as mulheres, os negros, as crianças, os incapacitados, os homossexuais, os prisioneiros... Uma solidariedade efetiva, mas também afetiva, cultivando entranhas de amor e misericórdia para com os excluídos e os desprezados, como o fazia Jesus. Viver as bem-aventuranças no cotidiano da vida, nas relações sociais. Enfim, cultivar uma espiritualidade “de alegria pascal”, mediante o cuidado com o próximo, consigo mesmo e também um zelo reverencial com os outros seres da natureza, enquanto nossa irmã e criatura de Deus, dádiva generosa dele aos nossos cuidados. Por sua vez, Gerd Theissen e Annette Merz nos propõem uma ética “escatológica” para o discipulado, na qual a boa conduta é também proteger os fracos, aceitar pecadores, acolher estrangeiros, etc.¹⁸⁰ Ele-

¹⁷⁸ TEIXEIRA, 1994, p. 18.

¹⁷⁹ TEIXEIRA, 1994, p. 23.

¹⁸⁰ THEISSEN, 2002, p. 405-406.

mentos básicos desse parâmetro ético do seguimento de Jesus é fugir da tentação à violência, e cultivar a liberdade em relação às posses e ao poder. A ética de Jesus é uma ética de rigor e de aceitação: rigor para os discípulos, exigindo mudanças dolorosas, mas que dá uma chance aos pecadores, que de outra forma estariam excluídos da salvação, pelos critérios mais estritos da lei. Aos pobres e excluídos, uma ética de misericórdia aceitadora, oferecendo critérios para uma boa conduta segundo o Evangelho.

CONCLUSÃO

Tomando por base as questões levantadas na introdução, as hipóteses de trabalho e a pesquisas realizadas, podemos chegar às seguintes conclusões:

Busca de Deus, a autotranscendência humana e busca de sentido para o ser

Antes de tudo, a busca de Deus é uma graça generosa. É um processo de amadurecimento, aperfeiçoamento e realização, pessoal e comunitária, que tem sua origem na bondade e na misericórdia divina e na resposta amorosa dos seres humanos a esse amor. Está presente em todas as criaturas do universo, que convergem para o “Cristo Cósmico”. A busca de Deus se relaciona com a autotranscendência humana. Deus plantou, em nosso âmago, um componente ontológico diferente de nosso corpo material, a “alma”. Ela é “reflexo da divindade em nós”, no dizer de Abraham Heschel. Através dela, Deus atrai o ser humano para níveis superiores de realização; ele nos lança a sua isca, e assim nos prende e nos *puxa*, quando a beliscamos. Buscar a Deus é querer melhorar, ser feliz, viver plenamente. É esvaziar-se de si em prol dos outros, por Deus.

Para a filosofia moderna, a generosidade e a solidariedade dão sentido ou pelo menos compensam a falta de sentido do ser, em face do absurdo da morte. Por sua vez, busca-se a Deus na prática da justiça, e assim o ser humano repleta o seu ser nele. Portanto, a autotranscendência se completa na medida em que aprofundamos nossa união com Deus, em um acolhimento mediado pela prática da justiça e da caridade, sacrifício e louvor agradável a Deus. A busca de Deus, a busca de sentido para a existência e a autotranscendência caminham paralelamente, ancoradas nas boas obras e na fraternidade. Isto fica evidenciado quando colocamos a perspectiva de Deus como “Incondicionado”, que se manifesta nos contextos culturais e não é monopolizado nem mediado por nenhuma obra humana. As religiões podem favorecer a autotranscendência enquanto comunidade de fé, mas não são mediadoras do Incondicionado. O ser humano é o mediador de Deus, por excelência, em suas manifestações culturais. Deus se dá a todos e todas que o buscam, solidariamente, na prática da justiça e do direito. Ele não faz acepção de pessoas (Mt 25.36-41). O discurso do Servo de Javé em Isaías II mostra que buscar ao Senhor e praticar a justiça são paralelismo rigoroso (Is 51.1-3).¹⁸¹ Deus concederá gozo e ale-

¹⁸¹ SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas I: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 331.

gria aos que o buscarem, praticando a justiça. Eles são os israelitas fiéis, resto de Javé, talhados na rocha, filhos de Abraão e Sara, portadores das promessas da Aliança.

Jesus, mestre e aprendiz, buscador de Deus e nosso paradigma

Jesus foi mestre e aprendiz. Mestre dos discípulos e do povo. Aprendiz com José, aprendiz com João Batista, e aprendiz com mulheres, a cananeia. Jesus foi buscador de Deus. Em absoluta obediência e disponibilidade, seguiu o caminho traçado pelo Pai. Essa entrega amorosa de Jesus ao Pai foi resultando em esvaziamento da vontade de sua perfeita natureza humana, na medida em que o Pai lhe repletava, integralmente, com sua extraordinária graça e presença. Esse esvaziamento de Jesus ia retornando-o à essência eterna de Deus, “como ele se encontrava quando ainda não era”.¹⁸² Esse processo ocorreu de maneira exponencial. Começou no Jesus-filho de Maria, prosseguiu no Jesus-artesão, e foi se intensificar no Jesus-profeta itinerante, culminando na cruz, ponto central da encarnação. A ressurreição de Jesus explica essa auto-transcendência toda especial. Neste processo de autotranscendência, Jesus foi paulatinamente perseverando em sua encarnação, via esvaziamento. Foi assumindo a humanidade dos mais fracos, até o limite de ser crucificado entre dois outros torturados, máxima desonra e humilhação até entre os próprios supliciados. A busca de Jesus foi despojamento-entrega incondicional ao Pai e ao Reino de Deus, esperança dos pobres e excluídos.

Nossa busca de Deus alegra-se em espelhar no testemunho paradigmático do Senhor Jesus. É edificante saber que Jesus de Nazaré sobreviveu à incerteza, à dúvida, ao medo, às alegrias, decepções, frustrações e fracassos, que nós também experimentamos: o crucificado triunfou, elevado por quem retribuiu sua procura e quer retribuir a nossa. Jesus, buscador de Deus, é luz e alento de nossa árida e insegura caminhada. É importante percebermos a prática libertadora de Deus *através* de Jesus de Nazaré, e nos inspirarmos nela, como seguidores e discípulos.

Algumas das inquietações centrais que levaram os buscadores a Jesus

A prostituta de Betânia e Zaqueu certamente acalentavam grande desejo de honra, e muito agradecimento por ver em Jesus um homem de Deus que se interessava por eles, e daí uma sedução muito grande por Jesus. Morderam a isca. O homem rico queria que o profeta confirmasse as suas qualidades de homem piedoso, na perspectiva dos ricos e dos que dominavam o templo de Jerusalém. Muita vaidade, mas quem sabe também uma pequena chama querendo

¹⁸² ECKHART, 1991, p. 198.

aparecer. Há sempre uma dúvida no fundo dos corações mais empedernidos, que, pelo menos naquele momento, não venceu a cobiça. Não se converteu porque era rico, apegado aos seus bens. Quanto a José de Arimateia, é possível ele ter se movido por um apelo de uma consciência, admiradora daquele profeta e nostálgica do Reino de Deus, mesmo no contexto adverso do Sinédrio. Naquelas circunstâncias de morte e desbaratamento, decidiu tomar posição, colocando em jogo seu prestígio e quem sabe a sua vida. Mas também poderia ter sido o contrário: um simples encarregado pelo Sinédrio para sepultar logo a Jesus, antes do sábado. Enfim, os magos começaram como astrólogos desempregados, e acabaram seduzidos em seu encontro com a criança, com quem se comprometeram e acumpliciaram, repartindo presentes e despistando o tirano que queria matá-lo. Tinham em comum o despojamento voluntário e a partilha de bens em diversos níveis. Quem destoou e se excluiu da graça foi o rico, porque preferiu ficar com sua riqueza, não devolvendo aos pobres o que havia se apropriado. Alguns outros, como Zaqueu e a prostituta, deviam ansiar por recuperar a honra perdida, naquela sociedade mediterrânea em que a desonra era a maior indignidade que se podia impor às pessoas.

O que é a conversão e como relacioná-la com a busca de Deus, o seguimento e o discipulado

Converter-se é acolher a graça do Incondicionado e não colocar barreiras para sua ação em nós e através de nós na sociedade, na cultura e nas demais criaturas. Isto requer esvaziamento de nossa natureza para que o Incondicionado atue em nós, assim como o despojamento do poder e dos bens em proveito dos pobres, dos sofredores, humilhados e perseguidos. Só há autêntica conversão quando há transformação, em nossa pessoa e no contexto de vida, sobretudo em termos de cuidado conosco mesmos e generosidade para com o próximo, principalmente os excluídos; e na reverência à natureza, colocada a nosso cuidado. A conversão e a busca de Deus estão unidas na descoberta da caridade para com o próximo, a si mesmo e à natureza. A igreja foi criada para ajudar-nos neste processo. Segue-se a Jesus promovendo e construindo o Reino de Deus, sua paixão. O discipulado passa a ser o aprendizado na caminhada, atento aos sinais dos tempos e discernindo a vontade de Deus nos acontecimentos confrontados com o Evangelho, em comunidade.

A herança dos buscadores de ontem aos buscadores de hoje

Os buscadores de Jesus encorajam a classe média de hoje a deixar o novo nascer, a serem as parteiras amorosas desse nascimento: Bem-vindos os pobres! A classe média é importan-

te nesse processo de humanização cidadã, pois é formadora de opinião, e sem ela a mudança é mais difícil. Nos tempos mais recentes, este processo, no Brasil, tem se manifestado pela ascensão de massas empobrecidas à classe média baixa, via políticas de distribuição de renda, e é importante que esse processo tenha prosseguimento e se aprofunde. Entretanto, essa mudança tem sido mais outorgada do que conquistada via participação de povo organizado, gerando fragilidades passíveis de comprometerem o processo.

Em nossa análise, vale a pena destacar ainda alguns pontos mais:

- Muito significativo é que as curas e as conversões feitas por Jesus aconteceram fora dos espaços sagrados. Não que o templo seja desnecessário, mas ele não deve ser foco principal, mas ponto de apoio e animação para um seguimento fecundo, criativo e generoso no mundo. A graça é gratuita e universal, e o perdão é consequência generosa de sua bondade. Não há pessoas excluídas, mas o discipulado do Reino é exigente, pois pode levar à cruz;
- O seguimento e o discipulado são exigentes, mas fundados no bom senso. Não significa que as pessoas tenham que abraçar uma vida itinerante ou fazer voto de pobreza. A herança dos buscadores sugere-nos a existência de níveis e momentos de seguimento, mesmo no movimento de Jesus, obedecendo aos processos pessoais. Neste processo, pode-se crescer, estacionar ou até regredir. A comunidade deve ajudar no discernimento, na crítica construtiva e na caridade fraterna, para que todas as pessoas perseverem na fé e no seguimento. Entretanto a renúncia à riqueza é característica do discipulado de Jesus. Não tem sentido seguir a Jesus e ser escravo do consumo, buscar o supérfluo, ostentar riqueza, viver para lucrar;
- Outra característica indiscutível do discipulado de Jesus é a opção pelo pobre. Seguidor de Jesus não pode optar pelos ricos, por sua ideologia de consumo e de poder. Tem que se abrir à partilha com os pobres, à fraternidade, à possibilidade de uma vida fraterna e comunitária, na qual nada falte a ninguém. O coração do discípulo de Jesus não pode estar na riqueza e nos bens materiais;
- Como consequência da renúncia às riquezas e da opção pelos pobres, o discípulo de Jesus deve entender que o regime que impõe o lucro privado ou o Estado totalitário como objetivo central não é compatível com a fé de Jesus. O Reino de Deus se constrói a partir do Espírito de Deus, mediante a união e a luta cidadã dos pobres, excluídos e excluídas em prol da edificação de estruturas de justiça, de solidariedade e de liberdade, que possibilitem a todas as pessoas uma vida digna, fundada no trabalho e alicerçada na cooperação mútua, sem exploração e discriminação. Se os cristãos desde o início se empenhassem em uma fraternidade assim, com certeza o mundo em que vivemos seria bem melhor do que é, pois a fé e a fraternidade têm muita força e transformam os corações pela sedução;
- O discípulo de Jesus é um construtor da paz pela justiça e a misericórdia, usando a não-violência. A violência é a arma forte dos poderosos, e o ponto fraco deles é a luta pacífica e organizada do povo, através dos movimentos sociais;
- O discípulo de Jesus deve escutar, ampliar e proteger a voz dos profetas. Jamais reprimir esse carisma fundamental. A verdadeira e a falsa profecia devem ser discernidas em comunidade. No mesmo sentido, os movimentos sociais devem ser apoiados e protegidos contra a criminalização pelos poderosos;
- O seguimento de Jesus é feito em comunidade, na qual todos são incluídos e incluídas, não havendo clérigos(as) nem leigos(as), homens e mulheres, brancos(as), índios(as) ou negros(as), heterossexuais ou homossexuais. Não deve haver discriminação no povo de Deus, e sim acolhimento, partilha, respeito mútuo, ajuda e perdão;

- A leitura, o estudo e o aprofundamento da Palavra de Deus são fundamentais para uma prática do discipulado na linha das opções de Jesus. Uma vida em que a proximidade com Deus é cultivada, e que se extravasa no êxodo de si mesmo em solidariedade e misericórdia para com os excluídos.

Assim sendo, a pesquisa confirmou as hipóteses de trabalho levantadas no projeto do trabalho quanto à semelhança dos desafios de hoje e de ontem que se impõem à classe média atual; a justificativa do discipulado de pessoas e grupos da classe média enquanto classe média em solidariedade aos pobres, da importância de uma conversão que se traduz em solidariedade e partilha em prol de todas as pessoas excluídas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Primeira Parte.
- ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: ousar para inventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo: Paulus, 1998.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro primeiro. 18. ed. Madrid: Espasa, 2000.
- ATTAR, Farid ud-Din. *A linguagem dos pássaros*. São Paulo: Attar, [s.d.].
- AUTH, Romi. *Sabedoria na resistência: Período Romano*. Serviço de Animação Bíblica. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BARROS, Marcelo. *Conversando com Mateus*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 1998.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. 4. ed. Santo André: Geográfica, 2004.
- BLANK, Renold. *Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas*. São Paulo: Paulus, 2008.
- Blog: A cidade do sossego. Disponível em: <<http://acidadedosossego.blogspot.com/2009/05/rosa-e-sem-porque.html>>. Acesso em: 7 nov. 2010.
- BOFF, Leonardo. *O livro da divina consolação e outros textos seletos: Mestre Echart*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BUSH, George W. Todas as pessoas querem fidelidade. *Revista A Voz. Adhonet*, Rio de Janeiro, n. 91, [s.d.].
- CARDENAL, Ernesto. *Cântico cósmico*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARTER, Warren. *O evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CARVALHO, Olavo de. *Redescobrimo o sentido da vida*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos/1a_leitura_2005_htm>. Acesso em: 14 jun. 2010.
- CHARBONNEAU, Jean-Paul. *O homem à procura de Deus*. São Paulo: EPU, 1981.

- CHIAVENATO, Adalberto. *Teoria geral da administração*. 7. ed. São Paulo: Elsevier, 2003.
- CHOURAQUI, André. *A Bíblia: Lucas*. Rio de Janeiro: Imago, 1966.
- COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CONZELMAN, Hans. *El centro del tiempo: la teología de Lucas*. Madrid: Fax, 1974.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Chave para análise de textos bíblicos*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CROSSAN, J. Dominic. *O essencial de Jesus*. Rio de Janeiro. Imago, 2008.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus*. São Paulo. Paulinas, 2007.
- DA SILVA, Antonio Almeida Rodrigues. *Teologia da cultura: a essência do incondicionado nas multiformes expressões culturais*. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=3797>>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- Disponíveis em http://daissen.org.br/hp/index.php?id=0&s=textos&txt_id=66. Acesso em: 21 jul. 2010.
- DREHER, Carlos A. *Fome e alimentação na Bíblia*. São Leopoldo, EST. 16 nov. 2010. Palestra ministrada no Seminário: Soberania e Segurança Alimentar. Apontamentos de Paulo Couto Teixeira, sem revisão do autor.
- DREWERMANN, Eugen. *Religião: para quê?* São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. 4.
- FREYNE, Sean. *Jesus: um judeu da Galiléia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008.
- GASS, Ildo Bohn (Org.). *Formação do Povo de Israel: introdução à Bíblia*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2002.
- GO OUTSIDE. São Paulo: Três, n. 50, p. 54-67, jul. 2009.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *Deus em busca do homem*. São Paulo. Paulinas, 1975.
- INTRODUÇÃO a João. In: *A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1976.
- KAPLEAU, Philip. *Os três pilares do zen*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

- KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LOHSE, Eduardo. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LUCCHESI, Marco. *A sombra do amado: poemas de Rûmî*. Rio de Janeiro: Fisus, 2000.
- MALINA. *O reino e a economia política*. São Paulo: Paulus, [s.d.].
- MARQUES, Nei. *Análise da estrutura econômica*. Brasília: CEPES, 1968.
- MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOVO TESTAMENTO Interlinear. Barueri: SBB, 2004.
- PAGOLA, Antonio. *Jesus: uma abordagem histórica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008.
- RIBEIRO, Cristiane Inácio. O voo místico de Attar: uma análise sobre "A Linguagem dos Pássaros". *Sacrilegens: Revista dos alunos do PPGCR-UFJF*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/08-2-7.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2010.
- ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- RUBIO, Alfonso Garcia (Org.). *O humano integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RÛMÎ, Djalal ad_Dîn. A hora da união. *Blog de Faustino Teixeira*. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/p/oracoes-interreligiosas.html>>. Acesso em: 30 jul. 2010.
- SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas I: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2004.
- STAMBAUGH, John; BALCH, Daavid. *O Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

TEIXEIRA, Faustino Luis Couto. *A espiritualidade do seguimento*. São Paulo: Paulinas, 1994.

_____. Simone Weil: uma paixão sem fronteiras. *Convergência*, v. 43, n. 411, maio 2008.

THEISSEN, Gerd. *Estudios de Sociología del Cristianismo Primitivo*. Salamanca: Sígueme, 1985.

_____. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2002.

UEDA, Shizuteru. O nada absoluto no Zen em Eckhart e em Nietzsche. *Natureza Humana*, v. 10, n. 1, p. 163-202, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302008000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 nov. 2010.

VILELA, Orlando. *A pessoa humana no mistério do mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

ZWART, Simon F. Portegies. Os primos perdidos do sol. *American Scientific Brasil*, São Paulo, ano 8, n. 91, p. 26-33, dez. 2009.